REVISTA DA SEMANA

N. 40 3-10-1953

CUIDADO: TANK!

•

GUALICHO DOPADO!

•

PAULISTAS DE 400 ANOS

1º CENTENÁRIO DO PARANÁ

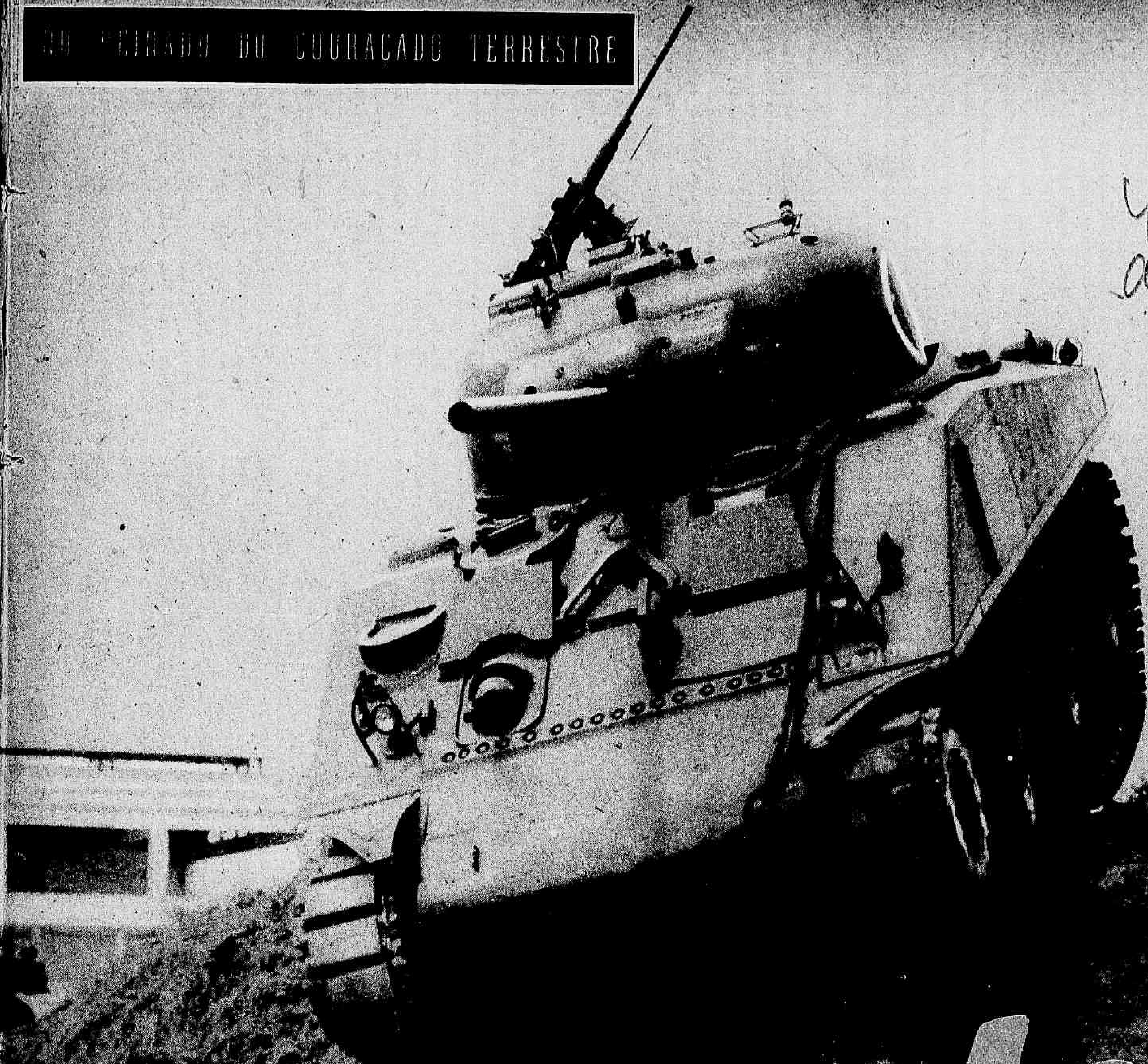
1853
1953



VISITEM
A
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

DEZEMBRO DE 1953 A MARÇO DE 1954

NO REINADO DO COURAÇADO TERRESTRE



Cuidado¡ TANK!



30 TONELADAS DE AÇO A SERVIÇO DA MORTE ★ CANHÕES QUE COSPEM FOGO A 60 QUILÔMETROS POR HORA ★ GIGANTES QUE MUDARAM O CURSO DAS GUERRAS ★ O QUE É A MODERNA CAVALARIA MOTORIZADA ★ REPORTAGEM NO 1º BTL. DE CARROS DE COMBATE, DA D. BLINDADA

Texto de HÉLIO DE ABREU ★ **Fotos de A. VIEIRA**

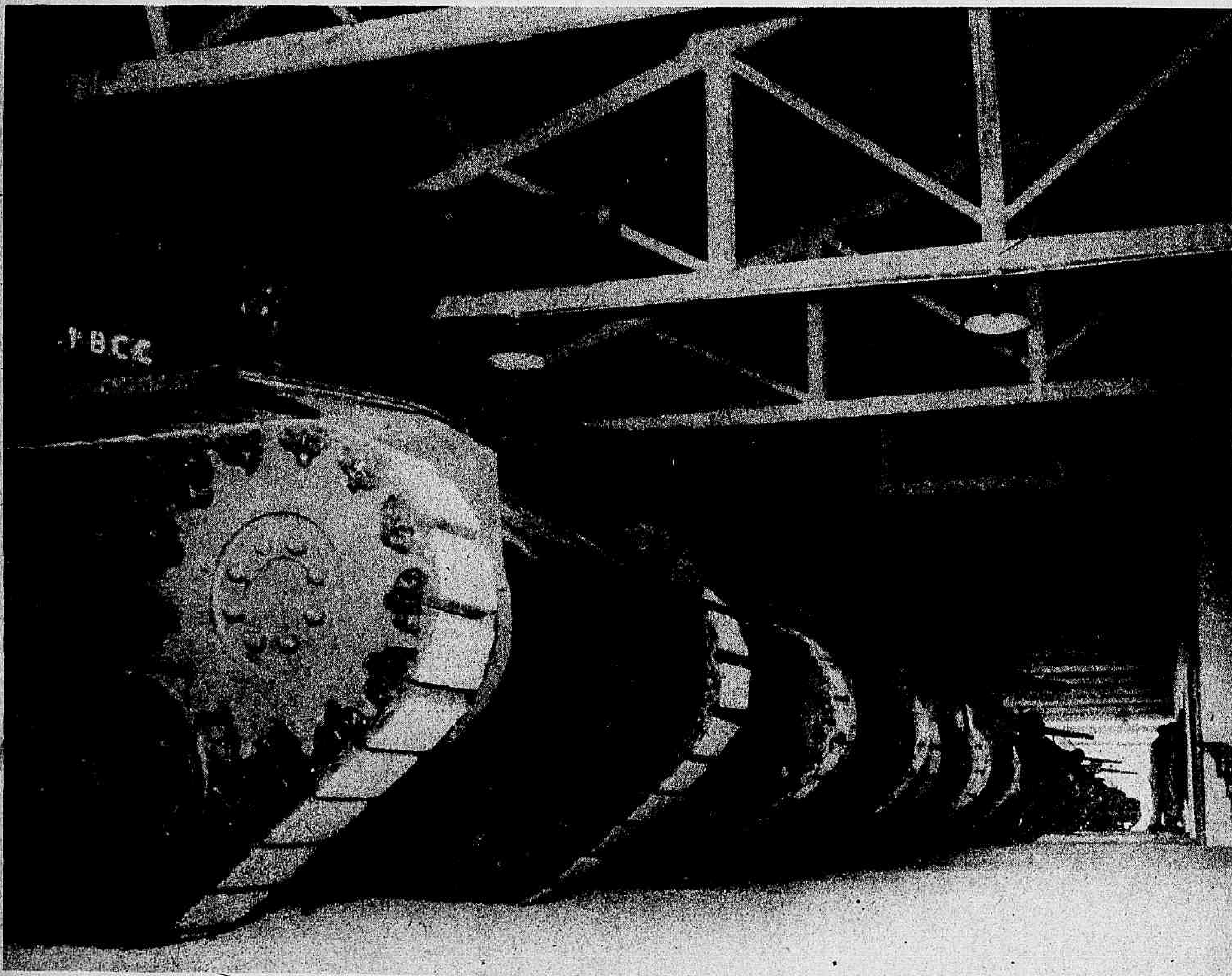
Gal. Arthur da Costa e Silva. Cmte. da Divisão Blindada do Exército.

O mais célebre general de «tanks» foi Georges Patton. As campanhas do famoso cabo-de-guerra americano no norte da África, na Itália e na França reservaram para o seu nome um lugar de destaque entre os «tanquistas» de todo o mundo. Hoje morto, Patton tem o seu retrato nos quartéis de unidades blindadas do mundo inteiro, homenagem de seus camaradas de armas ao arrôjo e a tenacidade do grande comandante.

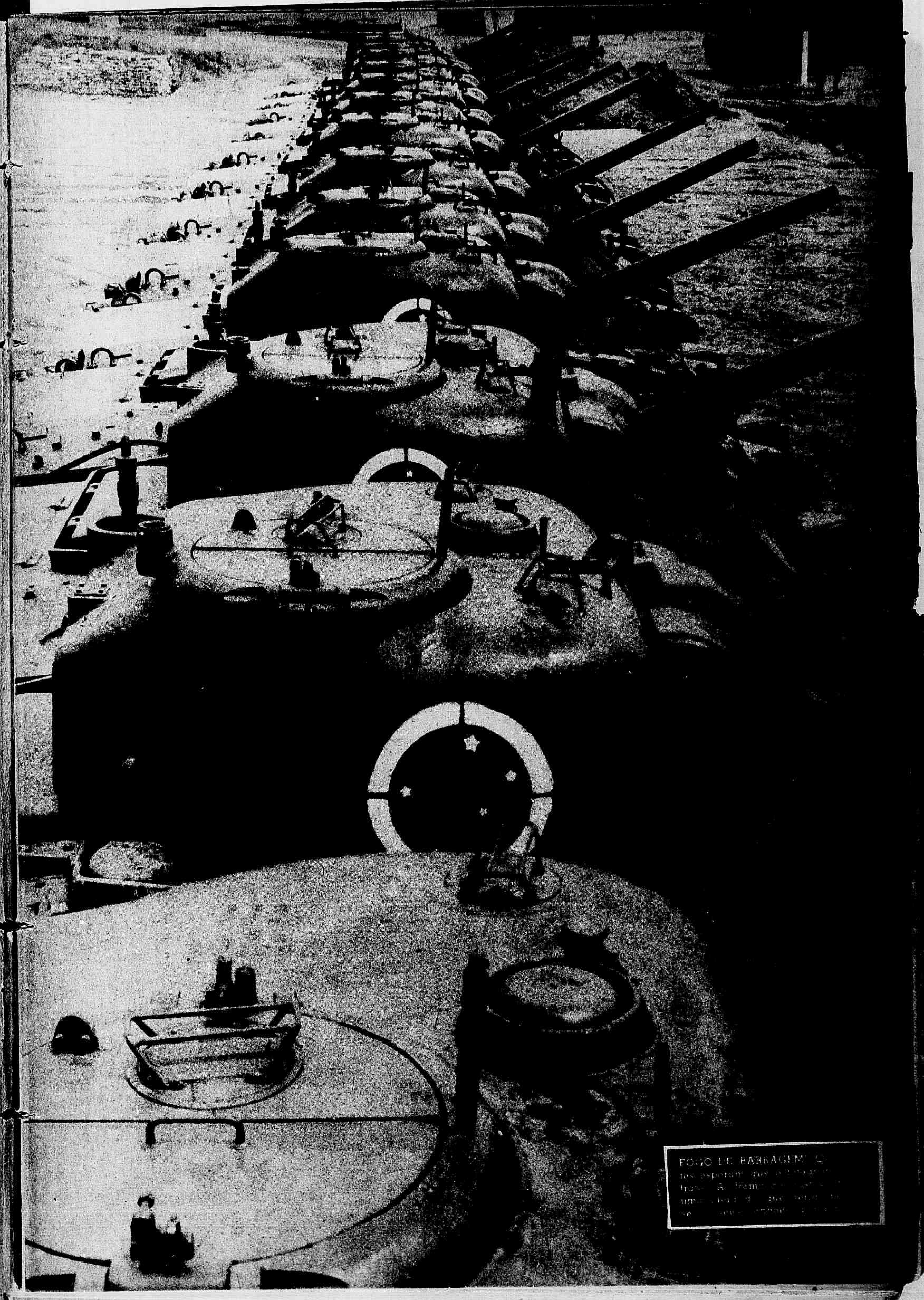
O carro-de-assalto, como o «tank» é denominado pelo Exército, tem na guerra moderna um papel preponderante. É a artilharia sôbre rodas, couraçada, de imenso poder de mobilidade e de alcance quase ilimitado. Foi a guerra dos «tanks» que deu a Rommel as mais brilhantes vitórias que um general pode obter em luta. Enquanto a «Rapôsa do Deserto» teve superioridade em número e material, a cruz Swastica tremulou nas planícies da Cirenaica, da Líbia, da Tripolitânia e do próprio Egito. Alexander, talvez o maior general inglês da guerra passada, soube compreender os sucessivos fracassos de Wawel, Auchinleck, Ritche e Cunningan (não confundir com o almirante do mesmo nome), face a tremenda máquina de guerra do Reich. O problema britânico era só um: fôrça blindada. Os morosos e subarmados «tanks» «Churchill» de nada valiam ante os «Panther», os «Mark IV» de Rommel, armados de canhões de 88 mm capazes de dizimar, como dizimaram, as fôrças do Reino Unido. A guerra no deserto sòmente passou a pender para os inglêses quando Montgomery, montado em excelentes divisões couraçadas, conseguiu enfrentar as temidas Panzer do Afrika Korps.

★

O nosso 1º Batalhão de Carros de Combate, sediado nesta Capital, pode ser taxado como unidade — modêlo da fôrça blindada do Exército. E graças a boa vontade do general Arthur da Costa e Silva, comandante da Divisão Blindada e ao cel. Syseno Sarmento, herói de Monte Castelo e vencedor de La Serra, na



AQUI OS MONSTROS DE AÇO DORMEM tranqüilos até que sejam chamados a ação. Lá fora: paz na terra aos homens de boa vontade. A foto mostra o interior de uma garagem, ou «hangar», onde ficam bem alojados os mortíferos «SHREMAN», legítimos senhores da guerra.



FOGO DE BARRAGEM [illegible]
tes esperam que [illegible]
[illegible] A forma [illegible]
um [illegible]
[illegible]

CUIDADO: TANK!

campanha italiana, obtivemos esta reportagem, colhida na modelar corporação.

O quartel de fôrça motorizada, é, antes de tudo, trabalho a todo instante. Nem só do motor vive o «tank». Dezenas de aparelhos de precisão, entre êles o rádio, constituem, afora a couraça e o armamento, um carro-de-assalto. Um «tank» requer o mesmo carinho que se dispensa à mulher amada. Se bem cuidado, funciona no momento exato. Caso contrário... E assim a manutenção assume um papel relevante na vida de uma unidade blindada. O que é um «tank»? Os que inserimos nesta reportagem são do tipo SHERMAN, de fabricação norte-americana. Sua velocidade máxima é de 60 quilômetros p/h, porém a de cruzeiro, oscila entre a casa dos 35 a 40 quilômetros. Deslocam cêrca de 30 toneladas, quando equipados, e portam um canhão de 75 mm além de três metralhadoras, sendo uma ponto 50, de grande poder e alcance, e duas ponto 30. Leva 97 granadas de canhão, 500 tiros para a metralhadora da tôrre (p. 50) e 4.750 cartuchos, em forma de fita, destinados ao abastecimento das restantes armas automáticas. Seu raio de ação sem qualquer reabastecimento, além dos 662 litros de gasolina que leva nos depósitos, dão ao SHERMAN uma autonomia de percurso num total de 136 quilômetros. Suas lagartas, ou cremalheiras, podem cobrir uma extensão superior a 1.600 quilômetros sem a correspondente substituição. Dos engenhos de guerra terrestres o «tank» é um dos mais caros. Um carro do tipo Patton, que é o mais moderno usado pelos americanos, custa mais de 200 mil dólares, ou seja 6 milhões de cruzeiros, se considerarmos o dólar a Cr$ 30,00. Esta a razão por que cuidam os oficiais e soldados de seus «tanks» com tanto zêlo. Muito embora possa parecer incrível, existe mesmo um certo carinho dos «tanquistas» para com seus carros. Isto nos foi dado a ver no 1º B.C.C., cujo comandante, coronel José Horácio da Cunha Garcia teve oportunidade de demonstrar à reportagem os grandes e complexos cuidados que uma unidade blindada requer de seus oficiais e praças. O problema da manutenção, por exemplo, merece prioridade sôbre todos os demais. Assim, não só como profissionais da imprensa mas também como brasileiros, tivemos a satisfação de sentir, vibrando e em plena forma, todos os diversos departamentos e secções daquela já famosa unidade, a mesma que venceu, recentemente, as Olimpíadas da Divisão Blindada. Colocados a disposição da reportagem pelo cel. Garcia,



VAI EXPLODIR! Quando o «tank» é atingido nem sempre a sua guarnição de salva. A foto ilustra um exercício de salvamento da tri-



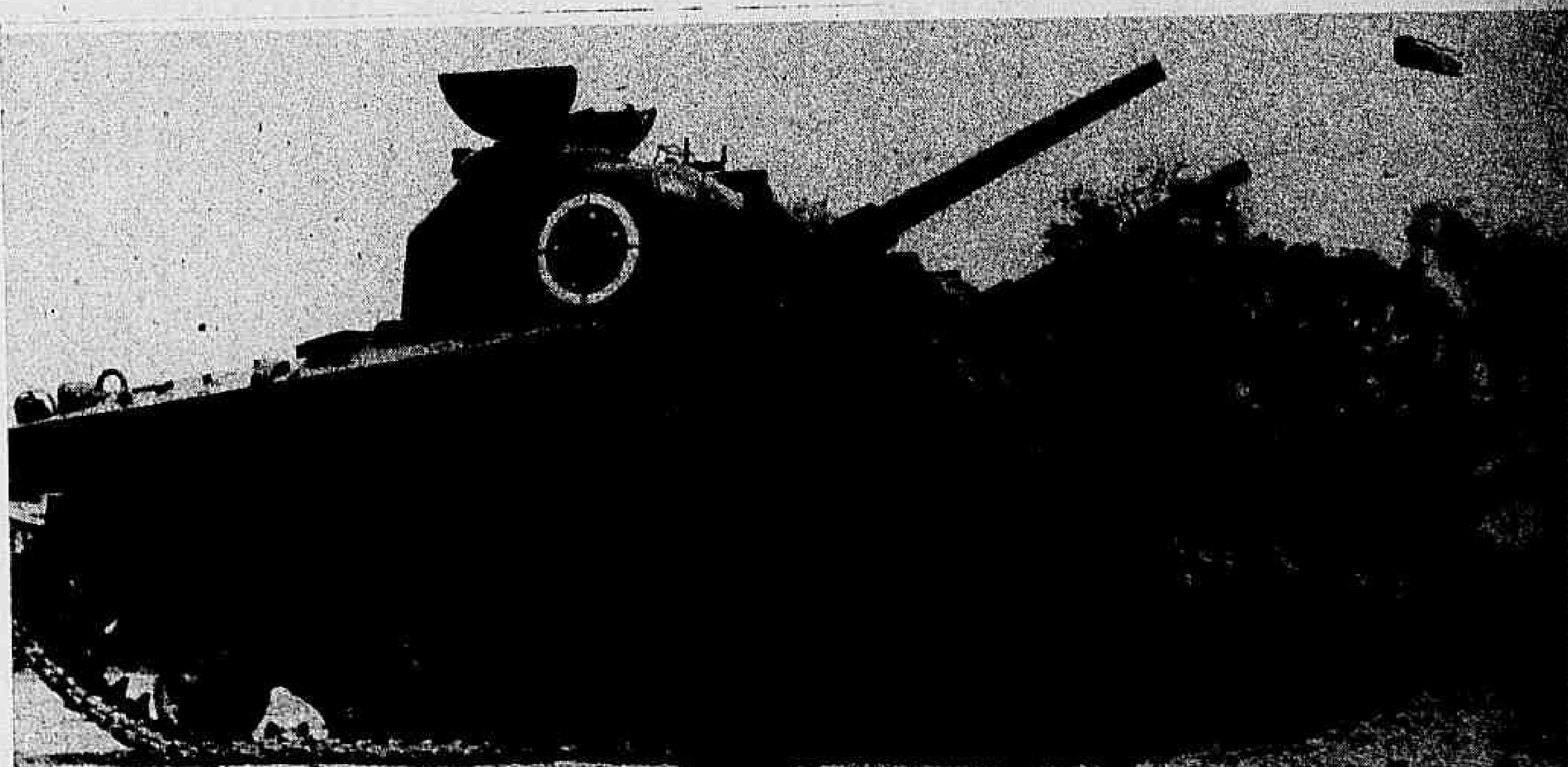
ATENÇÃO... DISPARAR! Na hora do destino os canhões vomitarão o fogo, a morte e a destruição. Que falem sempre em benefício da paz.



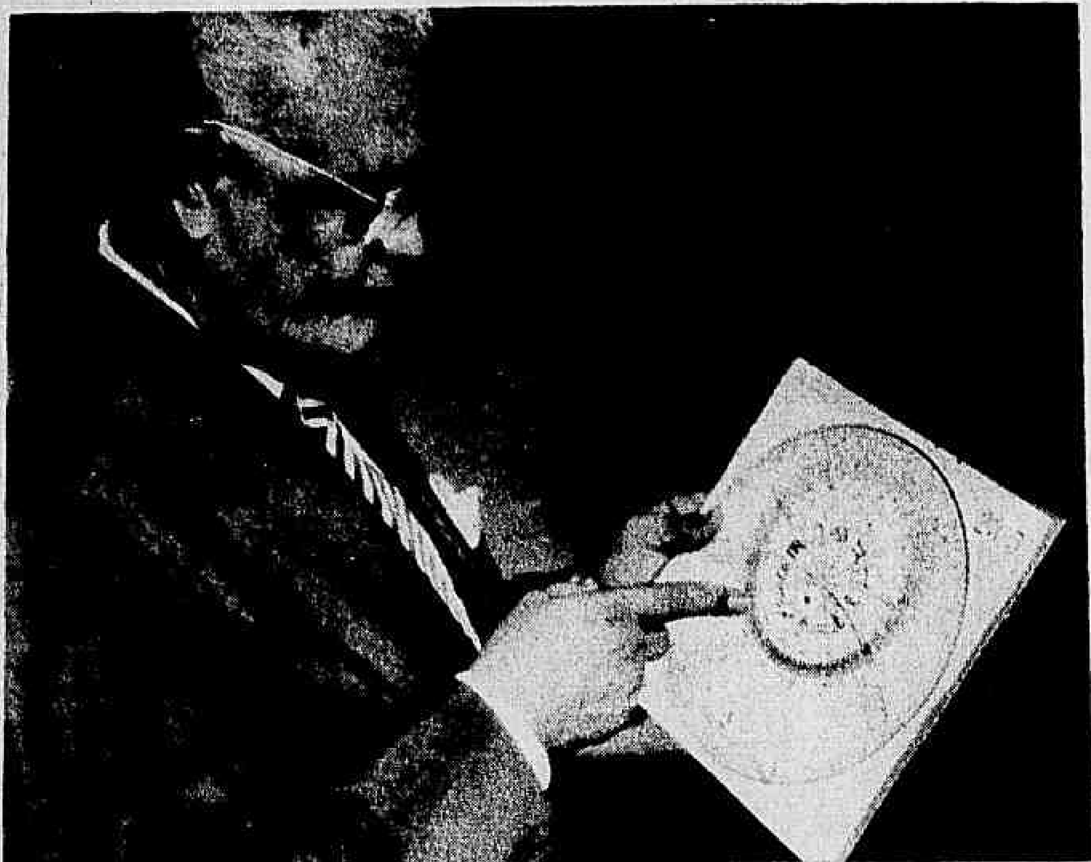
pulação, quando o gigante de aço está agonizante. Se o projétil ou mina inimigos atingem os depósitos ou a munição... Então, amém.

o major Denizat Soares de Oliveira e o capitão Josélio Silveira Monteiro muito contribuíram para o êxito desta reportagem. A nossa liberdade de movimentação dentro do quartel foi total. Nada nos foi deixado de mostrar. Visitamos a garagem onde os carros são guardados, as oficinas de manutenção e os «boxes» destinados ao material das guarnições dos carros. Ali vimos a maneira prática do dispositivo observado. Cada carro, cada tripulação tem seus apetrechos, suas armas individuais ao alcance da mão. Um toque de corneta, uma voz de comando e eis os «tanks» em ação. «Tank». Arma de guerra indispensável aos exércitos. Engenho que reúne todos os enge-

(Cont. na pág. 54)



NEM SÓ DE GUERRA VIVE O «TANK». Visão imponente dos temíveis couraçados de terra. Ah se Tenório tivesse «unzinho» dêstes!



DR. BATISTA DE OLIVEIRA

O DUELO GARCËZ—ADHEMAR

ESTUDADO PELA CIÊNCIA DOS ASTROS ★ FALA À REVISTA DA SEMANA A MAIOR AUTORIDADE ASTROLÓGICA DO PAÍS ★ OS ASTROS DESVENDAM PROBLEMAS DA FUTURA SUCESSÃO PRESIDENCIAL ★ HORÓSCOPOS QUE NUNCA FALHAM.

● Os recentes acontecimentos verificados no seio do Partido Social Progressista, tiveram repercussão nacional, em face da categoria social e política das duas personagens em choque: o sr. Lucas Garcez, Governador do Estado de S. Paulo, e o sr. Ademar de Barros, presidente e orientador da política do PSP. Mesmo que tais acontecimentos não se relacionem diretamente com a sucessão presidencial, não há quem possa negar a influência que os mesmos terão sôbre o problema. Embora ainda cedo para qualquer previsão a respeito do assunto, não há dúvida, que os dois elementos que ora se defrontam, são figuras de relêvo no desenrolar dos acontecimentos. Assim, com o propósito de dar aos leitores da «Revista da Semana», o depoimento de um astrólogo competente e insuspeito sôbre as possíveis candidaturas dos srs. Lucas Garcez e Ademar de Barros à Presidência da República, fomos ouvir o dr. Batista de Oliveira, jornalista, escritor, homem de ciência, representante, no Brasil, do Colégio Astrológico de França, e, incontestàvelmente, a expressão mais autorizada da astrologia racional e científica, entre nós. O dr. Batista de Oliveira concordou em levantar para a nossa Revista, os horóscopos dos dois mencionados políticos em tanta evidência, no momento, acompanhando-os dos respectivos trânsitos evolutivos referentes ao ano das próximas eleições presidenciais. Depois de estudar as possibilidades dos dois homens públicos e a personalidade de cada um, traça o astrólogo o quadro da posição a ser ocupada pelos dois chefes bandeirantes no já ensaiado páreo da sucessão. Quem vencerá?

A REVISTA DA SEMANA iniciará no próximo número a publicação do palpitante estudo, ilustrando-o com os gráficos e dados de que lançou mão o astrólogo dr. Batista de Oliveira, para chegar a conclusões verdadeiramente sensacionais.

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 4 de Outubro de 1903

MALDIÇÃO DE DEUS

O filho que esporeou a própria mãe ★ Mais fera do que as feras

OS leitores do **Jornal do Brasil** devem estar lembrados que no dia 20 de agosto do corrente anno appareceu em suas columnas uma noticia sensacional sobre o horrivel caso de ter um filho maltratado, da mais horripilante maneira, a propria creatura que lhe deu o ser.

A sensação causada por tão deshumano quão incrivel attentado foi enorme, e a curiosidade que despertou desde logo em todos os leitores, obrigou-nos a não poupar esforços, para que pudessemos conseguir, ou uma photographia de tão barbaro homem, ou pelo menos que pudesse um dos nossos redactores artisticos ver o original do nefando caso. Para isso seguiu até o interior do visinho Estado do Rio um dos nossos representantes, e de lá trouxe-nos a reproducção fiel do misero ser a quem o Céo castigou da mais horrorosa forma, como vêm os nossos leitores, pelo crime que praticou. Em seguida publicámos novamente a noticia do caso relatado pelo **Arealense**, da estação do Areal, numero de 16 de agosto:

«Pessoa muito respeitavel da cidade do Abre-Campo, em carta de 30 de julho, relata o seguinte e extraordinario facto que merece ser conhecido do publico.

No Quilombo, municipio do Manhuassú, reside Francisco Fagundes, homem perverso e assassino.

Chegando de noite em casa, um dia destes, amarrou o animal e deitou-se. Sua mãe desarreiou o animal, deu-lhe milho e soltou-o no pasto. De manhã levanta-se, e não encontrando o animal preso, zanga-se, toma o selim, amarra-o na propria velha, monta em cima e corta de esporas sua propria mãe, deixando-a toda ensanguentada!!

Agora o castigo:

Oito dias depois cae doente de paralysia, não move as pernas nem os braços e todo o ser humano transforma-se em uma verdadeira fera. Um pello aspero cobre-lhe todo o corpo; olhos fundos, unhas reviradas como as do tigre, não se distingue o que diz, mas solta rugidos como o urso, animal com o qual se parece. Tem receio da luz e vive em um quarto escuro, sendo tratado por sua mãe. Devora tudo que lhe dão e bebe cinco garrafas de restilo por dia, sem que sinta o mais leve incomodo!»

Junto á reproducção do amaldiçoado, damos também a pequena choupana em que se passou a scena do crime.

Sirva este castigo tremendo, que a Justiça Divina infligiu a este desgraçado, de exemplo para os que zombam da providencia de Deus.

EPIGRAMA

Certo poeta que caminhava a pé, como todos, disse, ao ver alguns janotas passarem recostados em bellissimo carro:

Com trens, cavallos e pagens,
Eu vejo illustres janotas;
Elles devem as equipagens,
E eu não devo as minhas botas.

JANE HADING

● Figura neste numero, a illuminal-o com a altiva elegancia do seu porte regio a figura formosa de Jane Hading, a excelsa atriz franceza que ora nos visita, proporcionando uma preciosa nota de Arte superior a esta Primavera que tão disfarçada e sorrateira ha dias nos chegou. A hora em que estão sendo compostas estas linhas já as nossas gentis patricias vibraram no S. Pedro de Alcantara, vendo Jane Hading viver no tablado a leviandade dolorosa, a alegria esturdia, a dôr sincera e a funda desventura dessa **Frou-frou** doidivanas e infeliz.

Mas não cabe aqui julgamento ao valor de Jane Hading.

Estas linhas, que acompanham o seu retrato, são apenas para lhe dar as boas vindas á esta terra que, sendo embora de pouca Arte e apezar de quanto se possa calumniar em contrario, soube sempre bem acolher e honrar os verdadeiros Artistas, soube sempre admirar o Talento, timbrou sempre em exaltar o Merito. Aqui traz, pois, a REVISTA DA SEMANA a sua saudação á gloriosa representante da França artistica, da França intellectual, a essa venturosa Rainha que o é duas vezes, pelo Espirito e pela Formosura.

Qual é a cidade européa mais damninha e que mais estragos tem causado á humanidade?
— Granada.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 40 ★ 3-10-53

SUMÁRIO

Cuidado: Tank!	3/7 — 54/57
E a Polícia Feminina?	11/15
Exposição no Palácio de Chailloux	24/25
Paulista de 400 anos	27/31
Comandos sôbre a neve	43/45
Gualicho Dopado!	51/53
D. Juan	9
Vida e aperturas da parteira Mãe Joana	19
A Bem-Amada	20
Nove pequenas para um rapaz	22/23
Francesca da Rimini	34/35
Semana literária	36
A Revista há 50 anos	8
A semana em revista	10
De Rádio	14
De Cinema	15
Janela sôbre o mundo	32/33
Arabelle	49
De Teatro	50
Último Flash	58
A luz da psicanálise	18
Roupas de praia	38/39
Vamos reclamar?	40
Sugestões para o lar	40
Um pouco de beleza	41
Week-end na cozinha	42

Capa: PRIMAVERA
Chapéu em feltro e flores de Sally Victor
(Foto Apla)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569

Don Juan terá existido? Depois dos poetas que bordaram a velha lenda sevilhana do Tenório, os historiadores investigaram o assunto e por entre «in-fólios», procuram descobrir quem teria sido o herói fadado a perene fonte de inspiração de teatrólogos, rapsodos e músicos, através dos tempos. Tornada popular graças à peça de frei Gabriel Tellez, a legenda de Don Juan ganhou mundo. Foi realmente Tirso de Molina, seu gênio de dramaturgo — hoje conhecido, graças apenas ao Tenório — quem deu forma a essa vida misteriosa que inspirou tôda uma copiosa bibliografia. E' claro que Frei Tellez bordou, sôbre a tradição sevilhana, com exuberância de fantasia, compondo o destino dramático do seu herói que, assim, resultou completo. Daquelas tradições informes e controversas, êle tirou uma história acabada. E, certamente, não se serviu apenas dos relatos mais antigas. Deve ter aproveitado, também oustros elementos, contemporâneos seus, cama é próprio de teatrólogos e romancistas.

Assim se descobriram, para o seu Don Juan, vários modelos. Vários homens ilustres, do seu século, lhe ofereceram elementos para a manipulação do herói. Entre êles vem sendo modernamente citado, como modêlo principal de Tirso, um fidalgo de existência real, contemporâneo dêsse drama célebre: Don Juan de Tarsis. Êsse fidalgo viveu no século XVII e sua existência tem sido ùltimamente investigada, certos os exegetas de que êle foi realmente o inspirador de Don Juan Tenório. Don Juan de Tarsis, conde de Villamediana, viveu em Madri e ocupou o cargo de correio-mor de Felipe IV. Era de alta estirpe, de grande fortuna e gozava de uma situação privilegiada na côrte espanhola. Vivendo na época em que o prestígio militar e a glória das letras juntavam novos realces à fidalguia, no tempo do maior florescimento da literatura e da arte, com Cervantes e Velasquez, Quevedo e Zurbaran, Lope de Vega e Cano, tantos e tantos nomes ilustres, naquela côrte brilhante em que o próprio rei fazia sonetos — Villamediana era, também, poeta e espadachim, invejando talvez a glória de Quevedo, tão brilhante nas sátiras e xácaras, como no manejo do ferro toledano.



Don Juan

Don Juan de Tarsis, poeta lírico, fazendo sonetos às damas e às cômicas do tempo, batendo-se em duelo por um sorriso ou uma flor, em pouco se tornou célebre. Suas boas-fortunas amorosas aureolavam-lhe a mocidade. De sonêto em sonêto, de amor em amor — o inquieto conquistador chegou a perder a noção das conveniências e, certo dia, ousou erguer os olhos para a própria rainha — D. Isabel de Bourbon, a sábia espôsa de Felipe IV. As tropelias que cometeu ficaram nos anais do tempo e culminaram nas grandes festas que o conde-duque de Olivares preparou nos bucólicos cenários de Aranjuez, para comemorar o décimo sétimo aniversário de Felipe IV.

Para essas festas foi promovido um espetáculo teatral. Don Juan de Tarsis escreveu uma peça em versos, misto de revista de grande maquinária e de auto-pastoral, a gôsto do tempo — «A Glória de Niquéia». O mais curioso da peça é que seria representada pela rainha, pela infanta e pelas damas de honor. Ao fim do ato, assistido por tôda a côrte e pelo povo, conta-se que Villamediana, cujos versos eram ostensiva declaração de amor à soberana, que representava a «Deusa da Formusura», pôs fogo ao palco e, assim, em meio ao pânico geral —— salvou a rainha carregando-a nos braços. Parece que êsse episódio — que Tirso naturalmente não aproveitou — marcou o fim da carreira de audácias de Don Juan de Tarsis. Conta-se que algum tempo depois dessa façanha, Villamediana foi assassinado em plena rua e que, depois de ter sido apunhalado, ouviu-se que o assassino saíra gritando:

— Justiça de el-rei!

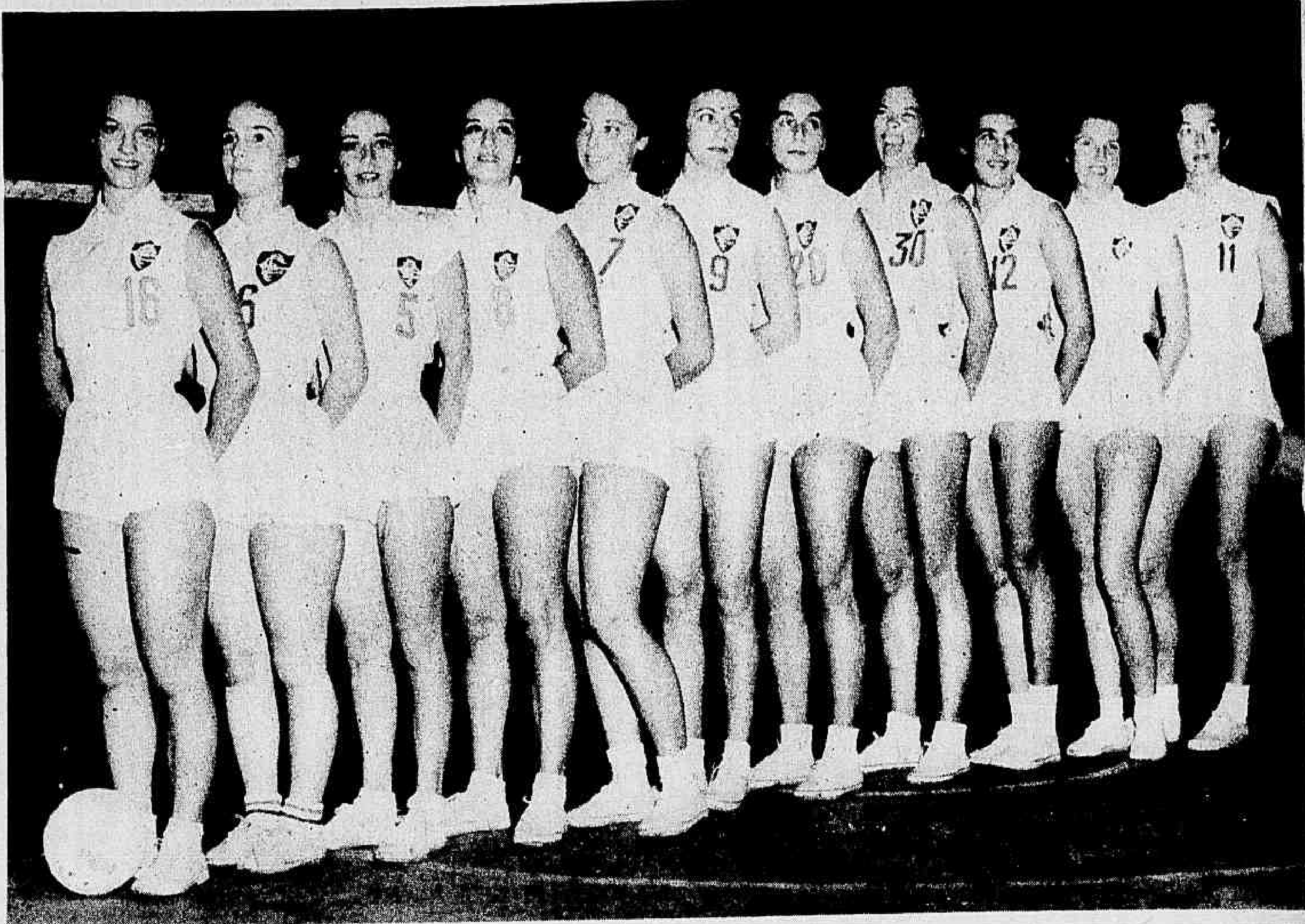
Êsse Don Juan de Tarsis teria sido um dos principais, senão o principal modêlo de Tirso de Molina.

EDMUNDO LYS

A PERSONAGEM DA SEMANA



TODOS os homens de ciência, quando se entregam a pesquisas ou experiências para obter efeitos práticos em benefício da humanidade, passam primeiramente pelas torturas da descrença, e, muitas vêzes, sofrem crueldades só comparáveis aos suplícios contra os apóstolos. O engenheiro Janot Pacheco, que se vem notabilizando pelas realizações no campo da meteorologia, procurando provar que a chuva pode ser precipitada mediante «bombardeios» de agentes químicos fabricados pela ciência humana, vem sofrendo campanhas que não devem estar de acôrdo com o nosso estado de civilização e de cultura. O que êsse abnegado engenheiro está fazendo no Brasil não é nenhuma novidade, pois, em outros países já se fêz e se continua a fazer, com os mais satisfatórios resultados. Não seria mesmo possível, que um homem como o sr. Janot Pacheco, de ilustre família, homem cuja idade não comporta aventuras com declives para o descrédito, homem que conquistou um diploma científico numa faculdade de engenharia, estudioso e probo, fôsse ilaquear a boa fé pública e fantasiar descobertas, sem estar devidamente certo de que não estava deslizando em desmoralização contra si mesmo. O engenheiro Janot é, antes de tudo, um idealista, que vende bens seus para custear despesas em benefício público sem esperar recompensas. Tudo o que êle tem prometido, tem sucedido. Se as chuvas anunciadas por êle são mera coincidência, então êsse homem já possui o poder dos feiticeiros, a quem o próprio govêrno terá de recorrer para resolver os maiores problemas nacionais... Esta Revista encara os esforços do engenheiro Janot sob o prisma que imortalizaram patriotas, cientistas e descobridores: devemos ajudá-lo, prestigiá-lo, pois uma verdade só se prova pela experiência.



A SEMANA EM REVISTA



CAMPEÃS DO FLUMINENSE

TRAVOU-SE, na noite de 22 de setembro último, no Ginásio do Vasco, a finalíssima entre as equipes femininas do Flamengo e do Fluminense, para a decisão do campeonato de Voleibol de 1953 no Distrito Federal. O Flamengo, que já era bi-campeão, tudo fêz para manter a hegemonia e conquistar o tricampeonato; mas teve que ceder a vez às moças do Clube das Laranjeiras, vencedoras por 2x1. Eis aqui as campeãs, da esquerda para a direita: Hilda Amaral, Helena (capitã), Lilian, Efigênia, Maria Amélia (Memé), Marly e Hilda Lassen; reservas: Dulce, Hilda Alonso, Diva e Irene. O espetáculo foi dos mais empolgantes.

A TINTA
Stephens
AINDA É A MELHOR

DENTADA LEGISLATIVA

ESTA é a deputado Teresa Delta, do PSP, representante de S. Bernardo do Campo, Estado de S. Paulo. Indo a semana passada a Santos, avançou o sinal e foi multada pelo guarda Luís Alberto Martins. Mas a legisladora não se conformou e teve com o 4140 forte altercação, e, quando o guarda tentou retirar a chave do contacto do auto da deputada, esta, em falta da tribuna, recorreu à excelente dentadura e mordeu-lhe as mãos, com umas tapas no rosto, de quebra. Essa legisladora deve ser de muita utilidade agora na disputa Garcez-Ademar. Tem coragem, e, ao invés de receber «mordidas», ela é quem morde.

E A POLÍCIA FEMININA?



Ai de quem quer dar um «abraço fraternal» nessas moças! A pequenina agarrou a grande e jogou-a longe, com facilidade.



Êste é o uniforme utilizado pelas alunas do Curso. Sem dúvida, boa sugestão, para o futuro Corpo de Polícia Feminina.

O PROJETO DO SENADOR MOZART LAGO ★ O CURSO DA POLÍCIA FEMININA AUXILIAR ★ UMA TURMA JÁ FORMADA E OUTRA PRESTES À CONCLUIR O CURSO ★ TUDO DEPENDE AGORA DA REFORMA DA POLÍCIA ★ ATÉ O JUDO ELAS APRENDEM ★ MULHERES DE TÔDAS AS IDADES SE INSCREVEM.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

DE RÁDIO

GUARACY

MARIO CLAVEL NO RIO



MARIO CLAVEL, que está atuando na «Boite Beguin».

MÁRIO Clavel, que se encontra entre nós, atuando na «Boite Beguin», nasceu na Argentina no ano de 1922. Desde muito pequeno sentiu grande vocação para a música e o canto. Estreou cantando — como quase todos o fazem — em festivais escolares, quando tinha nove anos de idade. Cantou, dançou e representou, e tornou-se então o «artista» obrigatório de todos os anos seguintes. Estudou música, guitarra e canto, dedicando-se sempre ao estudo de canções melódicas, para o qual se sentia fortemente inclinado. O compositor nasceu em si espontâneamente. Desde menino gostava de assobiar melodias que ia improvisando; quando acontecia de encontrar um tema melódico que lhe agradava, deleitava-se em procurar dar-lhe variações. Foi assim que, um dia, um senhor que o acompanhava na rua, cansado de escutar sempre o mesmo tema, lhe disse: «Garôto, por que não assobias a segunda parte, agora?». Certo dia, tinha então 16 anos, surpreendeu-se cantando uma melodia desconhecida, nova, e ao colocar-lhe as palavras de seu sentimento, nasceu uma canção à qual deu o nome de «Melancolia». Nunca publicou esta canção, que pertence ao cofre de suas velhas e queridas recordações.

Prosseguiu escrevendo e cantando, até que em 1941 empreendeu uma viagem a Buenos Aires, onde se empregou para estar mais em contato com o centro artístico argentino. Em 1944, tornou conhecidas suas primeiras canções, que foram os boleros: «Por quê?» e «Que Será de Mim?», gravadas por Juan Arvizu, a quem Mário Clavel deve o ter-se tornado conhecido pela publicação de suas canções. Surgiram logo «Não te Digo Adeus...», «Minha Carta», o bolero «Abraça-me Assim» e uma rumba «Porque tu o Queres». «Somos», o famoso bolero «Desencontro», e tantas outras canções que percorrem o mundo cantadas em todos os idiomas, surgiram posteriormente. Como intérprete, Mário Clavel é um moderno «Chansonier» latino-americano, que apresenta um programa animado com matizes de emoção, alegria e canções de todo o mundo. Filmou uma película em Buenos Aires, «O Ladrão Canta Boleros», que lhe conferiu os maiores elogios da crítica especializada. Tem visitado diversas vêzes o Chile, Uruguai e Paraguai, sendo esta a primeira vez que vem ao Brasil. No dia seguinte ao de sua chegada, inspirado pela alegria noturna do Rio e a beleza de seus panoramas e ainda pela cordialidade dos cariocas, compôs um samba que intitulou «Todos ao Brasil» (Vacaciones En El Rio). Mário Clavel divide as suas funções entre o rádio, cinema, teatro e «boites».

DANDRÉA NETO, ensaiador e rádio-atór, e Heitor Dias, assistente de Antônio Leite e rádio-ator, renovaram contrato com a Rádio Tamoio, permanecendo por mais uma temporada na emissora associada.

ACABA de se submeter a uma operação cirúrgica, a pianista da Rádio Nacional, Carolina Cardoso de Menezes, na Casa de Saúde São Clemente, sob os cuidados do famoso cirurgião da Associação Brasileira de Rádio, dr. Orlando Galvão.

● A nova diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos, eleita em Assembléia Geral Extraordinária, realizada na sede da Associação Brasileira de Rádio, é a seguinte: presidente: Alziro Zarur; tesoureiro: Ary Viseu; e secretário: Antônio Sardinha. Alziro Zarur voltou, desta maneira, a presidência da entidade de jornalistas, substituindo a Anselmo Domingos, que renunciou alegando motivos particulares.

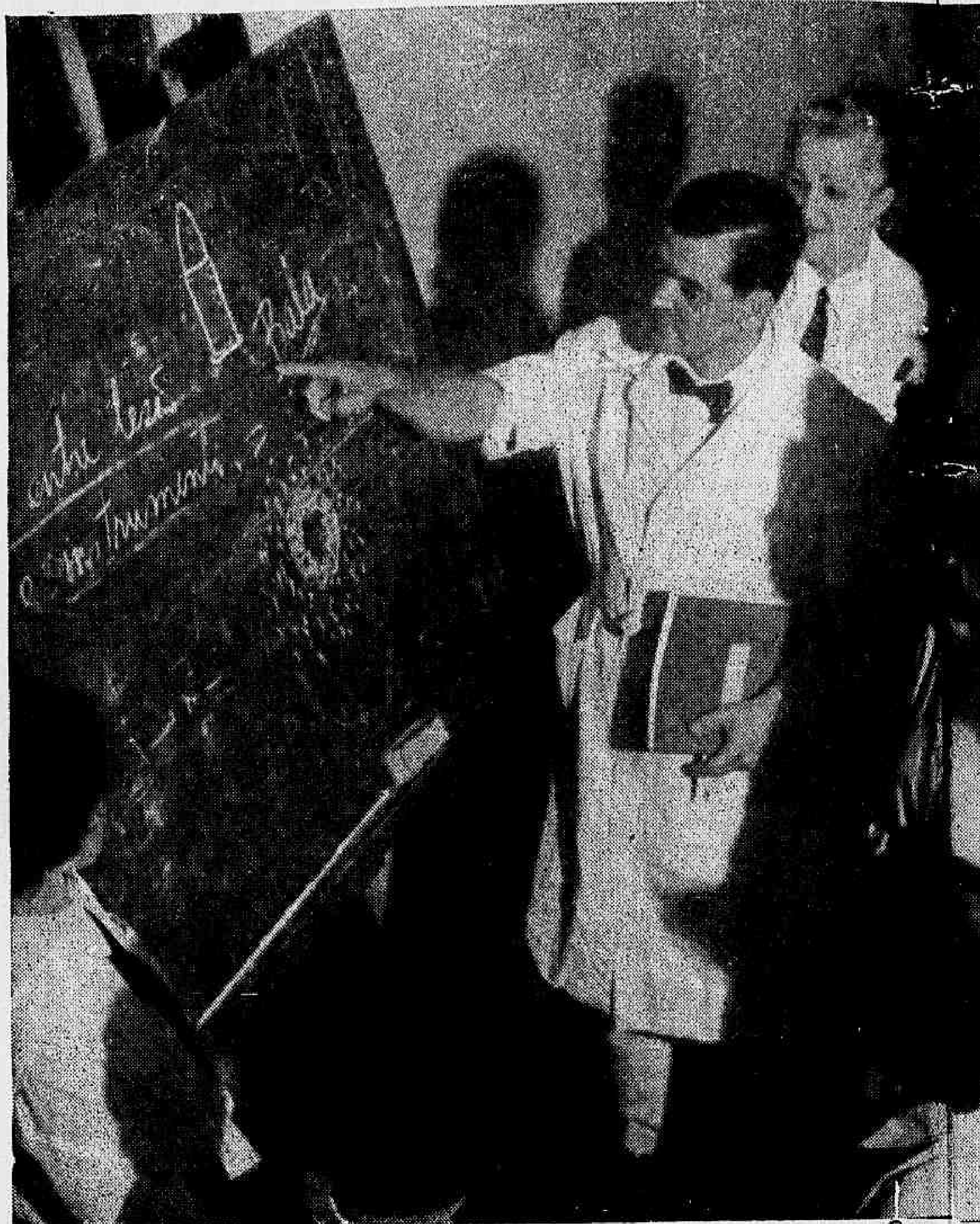
Fizeram anos no dia 14 de setembro, os jornalistas e advogados Ciribelli Alves e Carlos Brasil, que ocupam respectivamente as funções de assistentes da Direção Comercial e Geral da Rádio Nacional. Carlos Brasil também exerce o cargo de Diretor da Rádio Guanabara.

● O locutor Luís Miranda, que iniciou a sua carreira artística em 1947 na Rádio Farroupilha, figurando em seguida no «cast» das emissoras Gaúcha e Difusora, em Pôrto Alegre, veio depois para o Rio de Janeiro, ingressando na PRE-8 Rádio Nacional, onde continua até hoje, atuando no horário das 22,35 horas em diante. Luís Miranda fêz 27 anos no dia 11 de setembro. Parabéns.

A sambista Horacina Corrêa, depois de percorrer vários países da Europa, numa excursão artística vitoriosa, principalmente em Portugal, onde obteve grande sucesso, já se encontra entre nós.

Adolfo Cruz acaba de lançar o seu programa de cinema «Cinelândia Matinal» ao microfone da Rádio Nacional, com uma entrevista gravada com Carmem Miranda, que fêz em sua recente viagem aos Estados Unidos.

E A POLÍCIA FEMININA?



Quando fôr definitivamente criada a Escola de Polícia Feminina, estas alunas já formadas serão aproveitadas em diversos setores da polícia.

A segunda turma deverá receber o certificado em fins de outubro do ano corrente, após quatro meses de aulas ministradas em caráter benemérito, pelos seguintes mestres:

Senador Hamilton Nogueira, professor de Orientação Vocacional.
Dr. Ernani Olivieri, professor de Legislação Trabalhista.
Dr. Seve Neto, professor de Medicina Legal.
Dr. Cardoso Fontes, professor de Socorros Urgentes.
Dr. Inezil P. Marinho, professor de Psicologia e Sociologia.
Dra. Flora Veloso, professôra de Direito Constitucional.
Dr. Ribamar de Queirós, professor de Direito Penal.
Dr. Bento Ribeiro, professor de Estatística.
Dr. Ivan Vasques, professor de Organização de Polícia.
Major Vitório Canepa, professor de Organização Penitenciária.
Professor Mário Figueiredo, que leciona Direito Processual Penal.
Professor Afonso Martineli, que ministra as aulas sôbre o Poder Judiciário.
Professor Paulo Marano, que tem a seu cargo as aulas de Investigação Teórica e Prática.
D. Consuelo C. Fernandez e d. Maria Isabel M. Bretas, que, além de serem as diretoras do curso, ministram respectivamente, Ação Social e Ética.

Como complemento a êsse extenso número de matérias, há ainda as aulas de Prática Geral, sob a orientação da monitora, dra. Flora Ferraz, e as aulas de defesa pessoal, ministradas pelo professor Latorre, na Escola de Educação Física.

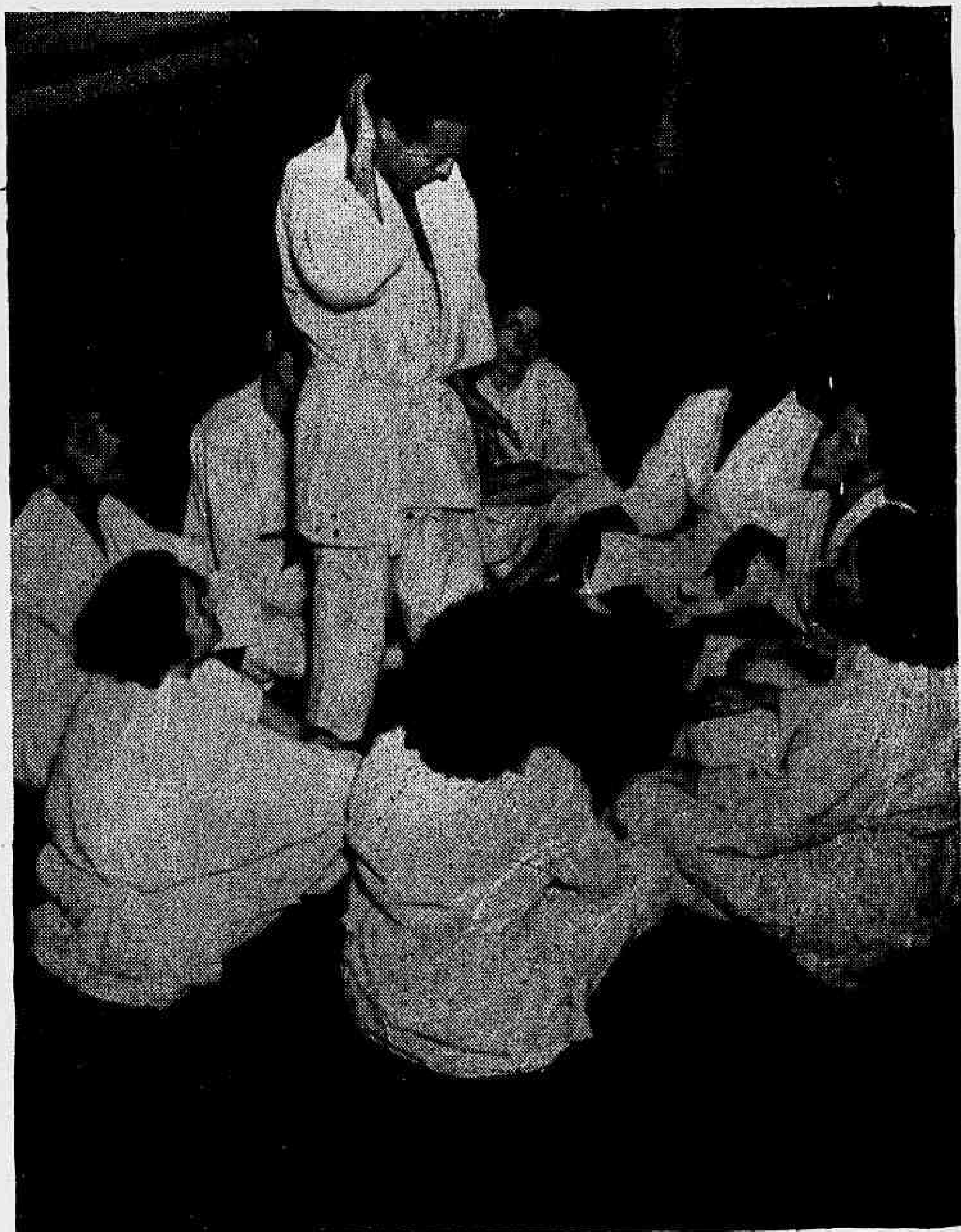
Uma particularidade interessante é a de que o Curso de Polícia Auxiliar possui uniforme, o que auxilia a distinguir as suas alunas e serve também de sugestão para a futura Polícia Feminina.

(Cont. na pág. 48)



O dr. Seve Neto, durante uma aula prática, transmite noções de balística. Até o rapaz se sentiu interessado e veio apreciar mais de perto.

O professor Peixoto, cercado por suas «lutadoras», explica o efeito de um golpe paralisante quando há necessidade de recorrer à violência.



DE CINEMA

NEWTON COUTO

A TERCEIRA DIMENSÃO (II)



PHYLLIS KIRK, uma nova atriz, que aparece num dos principais papéis do filme em 3-D «Museu de Cêra», da Warner.

CONFORME havíamos prometido, continuaremos, hoje, falando sôbre a terceira dimensão. A tela, onde são feitas as projeções em terceira dimensão, é feita de prata, custando um pouco mais cara do que a normal. A dificuldade na terceira dimensão, ainda é a projeção, pois a mesma sendo feita simultâneamente em dois projetores, obriga a um intervalo, quebrando a ação e o ritmo do filme, bem como ao uso dos visores «polaroid», que têm que ser colocados logo após a entrada do espectador no «hall» do cinema. Lògicamente, mais tarde, depois de prolongados estudos, serão abolidas estas dificuldades, que estão prejudicando um pouco a terceira dimensão. Outra coisa, que deve estar recebendo a atenção dos técnicos americanos, é o momento em que são feitas as aproximações de câmara ou as panorâmicas, cujo tremor que havia na câmara em duas dimensões, provocado, naturalmente, pelo pêso da mesma, na terceira dimensão, há uma espécie de deslocamento, prejudicando um pouco a visão do espectador. Outro ponto digno de estudo, é o da aplicação das lentes, porque em certas «tomadas», o espectador não tem a sensação do tamanho das personagens, como, por exemplo, aquela cena da dança no filme da Warner Bros. em terceira dimensão, «Museu de Cêra» (House Of Wax), que assistimos em sessão particular, onde se vêem diversos pares dançando.

● Jack L. Warner, produtor executivo dos estúdios da Warner Bros., declarou que os seus técnicos aperfeiçoaram uma nova câmara, que permite filmar pelos novos processos e que vai revolucionar a fotografia cinematográfica, podendo a sua projeção ser feita numa tela larga. Este novo processo foi batizado com o nome de «Warner Super Scope». A primeira película a ser rodada com esta câmara, é «Hondo», seguindo-se «Lucky Me», com Doris Day e Phil Silvers, «Dial «M» For Murder», sob a direção de Alfred Hitchcock. Além destas a Warner Bros. prepara nada menos de 22 celulóides em terceira dimensão, usando esta em combinação com o Warnercolor e Warner Phonic Sound, utilizando Warner Super Scope. Para domínio de nossos leitores, aí vão os nomes de algumas: «A Canção do Sheik» (Desert Song), comédia musical com Kathryn Grayson e Gordon MacRae; «O Monstro do Mar» (The Beast From 20.000 Fathoms»; «East Of Eden», baseado numa obra de John Steinbeck, direção de Elia Kazan; «Furacão de Emoções» (South Sea Woman), com Burt Lancaster e Virginia Mayo; «Mister Roberts»; «Missisip Woman», baseado num original de Tennessee Williams, sob a direção de Elia Kazan; «The High And The Mighty», direção de William Wellman; «Investida de Bárbaros» (The Charge At Feather River), com Guy Madison; «Diamond Queen», com Fernando Lamas; «Gloriosa Consagração» (So This Is Love), baseado na história da vida de Grace Moore, com Kathryn Grayson; «Island In The Sky», com John Wayne; «Blowing Wild», com Gary Cooper, Barbara Stanwyck, Ruth Roman e Anthony Quinn, sob a direção de Hugo Fregonese; «The City Is Dark», direção de Andre De Toth; «The Moonlighter», com Fred Mac Murray e Barbara Stanwyck; «Beggar's Opera», com Lawrence Olivier cantando; «Minha Espada! Minha Lei!» (The Master Of Ballantrae), baseado na obra de Robert Louis Stevenson, com Errol Flynn; «O Pergaminho Fatídico» (Plunder Of The Sun), com Glenn Ford e Diana Lynn; «So Big», com Jane Wyman, baseado na obra de Edna Ferber, que mereceu o prêmio Pulitzer; «The Phantom Ape», um episódio da famosa história de Edgard Allen Poe; «Assassinato da Rua Morgue»; «His Majesty O'Keefe, com Burt Lancaster; «Three Sailor And A Girl», com Jane Powell; «Riding Shotgun», com Randolph Scott; «Them», sob a direção de Ted Shederman; «A Star Is Born», com Judy Garland; «Mademoiselle Modiste», baseado na famosa opereta de Victor Herbert, com Kathryn Grayson. Por aí podem ver, que a terceira dimensão tomou conta do cinema, porque outros países como a França, México, Itália, etc., aderiram de corpo e alma ao novo processo, que deu maior expansão ao cinema, esperando-se um desenvolvimento extraordinário na sétima arte, que tem à sua frente novos caminhos a percorrer.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Ao assistirmos ao filme «Hans Christian Andersen», constatamos através de nosso relógio, que o «ballet» «A Pequena Sereia» possui 17 minutos de projeção e não 12, conforme havíamos comentado. Aí fica, portanto, o esclarecimento.



OS SEGREDOS de CLARK GABLE

A partir do próximo número, a "REVISTA DA SEMANA" publicará uma série de artigos de autoria de Omar Garrison, cronista especializado nos segredos que envolvem os grandes nomes do écran. A figura agora escolhida foi a de Clark Gable, o homem que, em vinte anos de atuação diante das cameras, só tem conhecido o sucesso e a fama sendo, ainda hoje, adorado pelas mulheres de todo o mundo. Êle, que já beijou Carole Lombard, Joan Crawford, Greta Garbo, Vivien Leigh e Lana Turner, terá tôda a sua vida relatada aqui, nos mais íntimos detalhes. Ao lado disto, Omar Garrison discorrerá sôbre os diversos fatôres que contribuíram para que Gable fôsse considerado o maior dentre os galãs de Hollywood, a ponto de ser cognominado "O Rei do Cinema".

CORREIO DA REVISTA

★ M.M.A. — Rio — Vamos examinar o conto literário que nos mandou. Aguarde próximas notícias. Mas, por que motivo não quer seu nome real e por inteiro, firmando o conto?

★ ESMERALDA — Salvador — Bahia — Bahia, expressão geográfica, Estado brasileiro onde a senhorita mora, conservou o «h» medial. Quem sugeriu e defendeu essa exceção, foi o dr. Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, quando as comissões luso-brasileiras discutiam a supressão de «agás» inúteis na pronúncia de nossa língua. Mas, «baía», acidente geográfico, perdeu o «h», sim senhora, escrevendo-se simplesmente «baía»; mas é indispensável acentuar-se o «i» para não lermos «báia» que é substantivo muito diferente do outro. A senhora, nem qualquer outro mortal dêste país, pode eximir-se de seguir as regras ortográficas em vigor, sob pena de estar contra dispositivos legais.

★ C. da C. PEREIRA — Rio — Não pôde ser o que nos pediu ao mandar-nos aquêle catatau em forma de conto. Menina, conto literário não é relatório monótono, sem nenhum caráter descritivo. Leia contos de alguns autores daqui e de fora, e veja como é a técnica dêsse gênero literário. Sem isso, como poderemos calcular a sua capacidade criadora?

★ V.F. de O. — Recife — O amigo terá que conseguir o de que nos fala, aí mesmo em sua terra. Nós, aqui, não dispomos de tempo para tarefa assim tão pessoal e pedagógica.

★ BENEDITO SÍRIO — Pôrto Alegre — Queira dirigir-se à Gerência da Companhia Editôra Americana. Mesmo enderêço desta Revista, e será atendido imediatamente.

★ G. da S. — Rio — Pode mandar. Se estiver bom, será aproveitado.

★ MARIA DOS P. GOMIDE — São Paulo — Agradecidos pelas expressões amáveis com que nos distinguiu em sua carta. Há várias livrarias que só vendem livros técnicos; mas, aí na capital paulista deve haver, sem dúvida alguma.

★ H.V. dos S.M. — São Paulo — O preço de uma edição de livro depende de vários fatôres: qualidade do papel, gênero de literatura, (se verso ou prosa), quantidade a editar, formato, capa (se numa ou mais côres), etc. Queira consultar a Secção Comercial da Companhia Editôra Americana, para o devido orçamento.

★ MIGUEL — Curitiba — Procure a Associação de Imprensa do Paraná, que lhe dará tôdas as informações.

★ F.X. da C. — Rio — Não recebemos ainda o seu conto. Se tiver cópia, mande-o novamente.

★ B.P. — Rio — Sua crônica, além de excessivamente longa, ataca desabridamente uma porção de pessoas. Não compramos briga de ninguém, caro senhor. Um conselho: jornalismo não é isso que o amigo pensa. Pode-se comentar os atos de uma autoridade, de um cidadão do govêrno, ou de qualquer outro ambiente, mas em têrmos, e comprovando-se a censura.

★ F. dos A. — Salvador — Reportagem sem documentação fotográfica é purgante jornalístico que ninguém «topa». Ou «toma». O assunto, aliás, já tem sido muito explorado. Não acreditamos que o amigo, que se confessa estreante no «metier», possa conseguir algo de sensacional no gênero. Contudo... se estiver suficientemente documentado fotogràficamente, mande a matéria, para exame.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.













Conquiste amizades aumentando a sua simpatia pessoal 161 - 15,00
As Chaves de Salomão 198 - 15,00
Espumas Flutuantes Nº 46 - 10,00
A Cozinha Nortista Nº 88 — 10,00

84 LIVROS VIVOS À SUA ESCOLHA

LIVROS VIVOS, SÃO LIVROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

PEÇA HOJE!

As Amantes do Imperador 206 - 10,00
Seleções de Ruy Barbosa 28 - 15,00
A Moreninha 227 - 10,00
Cenas de Amor 81 — 10,00
Para conquistar a mulher Nº 124 — 20,00
Para conquistar os homens Nº 138 — 20,00
Multiplicação das plantas 49 - 15,00
Enxertia prática 50 - 15,00

POR PREÇOS BARATOS, OFERECEMOS A PRIMEIRA E MAIOR COLEÇÃO DE LIVROS JÁ PUBLICADA NO BRASIL!

História de um Beijo 232 - 10,00
Os melhores pratos da cozinha francesa Nº 79 — 10,00
Guia íntimo da sexualidade Nº 5 — 15,00
Eletricidade do automóvel 61 - 15,00
Dicionário de nomes próprios 193 - 15,00
Como ler as mãos Nº 14 — 15,00
O Homem que ri 210 - 10,00
Hipnotismo prático 15 - 15,00
Nº 1 — 20,00
Grafologia prática Nº 84 — 15,00
A Dama das Camélias 229 - 10,00
Método de corte e costura sem mestre 236 - 15,00
Manual da vida sexual 174 - 20,00
Segredos de Hollywood para a beleza feminina Nº 33 — 20,00
Fórmulas para ganhar dinheiro 153 - 15,00
1001 Informações úteis I Vol 192 - 15,00
1001 Informações úteis II 247 - 15,00
Manual do detetive amador Nº 29 — 10,00
Como se fazer amar Nº 23 — 15,00
Como tirar a sorte Nº 39 — 15,00
Formulário de matemática Nº 37 — 20,00
Que é você? Mais homem ou mais mulher? 164 - 15,00
Testes de inteligência Nº 78 - 10,00
Teste para os seus conhecimentos Nº 34 — 15,00
A Felicidade sexual no casamento 3 - 15,00
A Besta Humana Emile Zola 215 - 10,00
Naná Emile Zola 180 - 10,00
A Taberna Emile Zola 208 - 10,00
Ana Karenina 218 - 10,00
Quebra-cabeças mágicas e passatempos Nº 22-15,00
Mademoiselle de Maupin 216 - 10,00
Cock-tail de palavras cruzadas 157 — 10,00

VENDAS:

RIO:
AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR:
PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE:
RUA DA PALMA - LOJA - 6
(EDIFÍCIO DOS COMERCIÁRIOS)

INTERIOR:
PEÇA PELO
REEMBÔLSO POSTAL
ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 — Dep. 9-B — Rio de Janeiro

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros, cujos números indico abaixo:

....
....
....
....
....

BASTA INDICAR O NÚMERO

NÃO MANDE DINHEIRO, OU SELOS. NADA ADIANTADO.

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.

(Não temos catálogos)

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
ESTADO ....

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

AMOR-PRÓPRIO — De seu relatório, Marialva, destacamos a parte mais interessante e que nos parece a de maior importância para você: «... é questão de «amor-próprio». Não poderia ceder sem o ferir o que, de um certo modo, será o mesmo que impor, a mim própria, um duro castigo... É uma questão de raciocínio e raciocínio lógico. Não acha?...»

Montesquieu dizia que as relações estabelecidas entre nossas idéias se tornarão as relações necessárias que derivam da natureza das coisas. Ela segue uma marcha progressiva do incerto para o certo, do confuso e do indistinto para a noção exata e precisa, visto que suas conclusões nos fazem passar de alguns dados particulares e contingentes para as leis necessárias e universais.

Marialva continua indagando:

MARIALVA: — Deverei renunciar às minhas pretensões, em defesa de meu amor-próprio?

MÉDICO: — Renunciar às vêzes, é um alívio tão grande como conseguir a sua satisfação; e quando a decepção é incessante e a luta interminável, é isto que quase todos fazem.

MARIALVA: — E qual a receita para o contentamento?

MÉDICO: — Consiste em uma pessoa desapossar-se antecipadamente de tudo o que estava fora do seu poder — os revezes da sorte poderão ocorrer sem se sentir. Amor e fraternidade são sentimentos que exigem renúncia. Não pensar no «eu», no «me»; pensar sempre em ti, nêle, nela ou, quando muito, em nós.

● A receita do estóico para o contentamento consistia em uma pessoa se desapossar antecipadamente de tudo o que estava fora de seu poder — e então os revezes da sorte podiam ocorrer sem se sentir. Epíteto exorta-nos, encurtando assim e ao mesmo tempo solidificando o nosso «eu», para o tornar invulnerável: «Eu tenho de morrer; mas que necessidade tenho eu de morrer gemendo? Eu hei de proclamar o que parece justo, mas se o déspota disser: «Então eu te faço matar», eu responderei: Quando é que eu disse que era imortal? Tu farás o teu papel e eu o meu; o teu é matar e o meu é morrer com entrepidez: o teu, bramir, e o meu, partir imperturbável. Como procedemos nós numa viagem? Escolhemos os pilotos, os marinheiros, a hora. Depois vem uma tempestade. Que me importa a mim? O meu papel está cumprido. Êsse assunto pertence ao pilôto. Mas o navio está a afundar-se; que tenho eu de fazer? Só aquilo que posso fazer: nadar ou submeter-me a ser afogado sem mêdo, sem clamor e sem acusar a Deus, mas como uma pessoa que sabe que nasceu, da mesma forma, deve morrer. Esta atitude estóica, apesar de bastante eficaz e heróica, no seu próprio lugar e tempo, é, deve confessar-se, só possível, como um modo habitual da alma, para caracteres estreitos. Procede inteiramente por exclusão.

Nós deparamos com êste modo de proteger o «eu», por exclusão entre pessoas que, em outros respeitos, não são estóicas. Tôda a gente estreita entricheira o seu «me», o retrai da esfera daquilo que não pode seguramente possuir. Gente que não se lhes assemelhe, ou que os trate com indiferença, gente sôbre a qual êles não obtenham influência, por mais meritória que ela seja intrìnsicamente, êles acham com fria negação, senão, com positivo ódio. Quem não quer ser meu, eu excluí-lo-ei inteiramente da existência, isto é, tanto quanto está em meu poder, tal gente é como se não existisse. Desta forma, uma certa independência e precisão no perfil do meu «me», pode consolar-me da pequenez do seu conteúdo. A gente afável, pelo contrário, procede pelo modo inteiramente diverso, dá expansão e inclusão. O perfil do seu «eu», muitas vêzes, bastante incerto, sendo, todavia, compensado pela extensão do seu conteúdo.

— Deixá-los desprezar esta minha insignificante pessoa, e tratar-me tão mal. Eu é que os não negarei, enquanto tiver uma alma no meu corpo. Êles são realidades tanto quanto eu sou.

● **A magnanimidade destas naturezas expansivas é, muitas vêzes, deveras comovente. Tais pessoas podem sentir uma espécie de arrebatamento delicado ao pensarem que, por mais doentes, infelizes, pobres e abandonados que sejam, são, contudo, partes integrais do conjunto dêste mundo, também partilham fraternalmente da felicidade da gente moça, da sabedoria dos sábios e não deixam, de qualquer sorte, participar das boas fortunas. É assim que, negando ou abraçando, o Ego pode procurar estabelecer-se na realidade. Aquêle que, como Marco Aurélio, pode verdadeiramente dizer: «Ó universo, eu desejo tudo o que tu desejas», possui um «eu», do qual foram removidos todos os traços de negativismo e obstrução — sem que nenhum vento o possa soprar, a não ser para enfunar as suas velas.**

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● INDECISA — (Taquari)

SONHO — Estava pronta para uma viagem: levava dois casacos: um azul marinho, outro de peles. Esperava por uma amiga, em casa desta, que terminasse de se preparar, para seguirmos juntas. Com surprêsa vi que viajava, no mesmo auto, um amigo e conterrâneo nosso. Estava em Pôrto Alegre e procurava a casa de uns amigos meus. Vi-me na rua onde moram, mas não encontrava a casa, pois os números não coincidiam com o verdadeiro. Perguntei, então, a um trabalhador, onde ficava o nº tal. Êle respondeu-me que a casa ficava um pouco mais acima. Ao olhar divisei diversas casas demolidas; só restando, em uma extremidade, duas que ainda estavam intactas. E, entre as ruínas, existiam os alicerces, em forma de quadrado. Um operário fazia um quadrado menor, no meio dos alicerces. Mostrando-me um pequeno buraco de formigas, que estava extinguido, disse: A casa que procura já não mais existe, estando a família em casa de uns parentes, na vila I.A.P.C. Respondi-lhe que ignorava a rua e o número, êle então explicou-me onde ficava. Segui para lá. Levava duas galinhas na mão, uma branca, que enrolei no meu casaco azul. Achei-me, então, numa estrada larga e clara, muito bonita. Cheguei à casa e, ao entrar numa varanda, chamou-me a atenção um «bibelot», o qual fui olhar mais de perto. Era uma mulher moendo milho numa máquina que tinha, na parte inferior, uma saliência onde caía o farelo, que uns pintinhos comiam. Falei com a mulher e disse-lhe achar interessante a engrenagem. Na peça seguinte, que era um quarto, estava um homem deitado, coberto com o meu casaco azul, como se estivesse com frio ou doente. No princípio pareceu-me o pai de uma amiga com a qual fui viajar, mas, com a continuação da conversa, reconheci o meu próprio pai. Levantou-se indo até a janela. Indicou-me uma casa na qual deveria ir levar as galinhas, pois ali elas não poderiam ficar. Nesta, que ficava dentro da vila, morava uma amiga e conterrânea nossa. Quando me preparava para sair, levando as galinhas, meu pai disse que eu não as levasse sem primeiro saber se elas poderiam ficar lá. Ao chegar à vila encontrei um grupo conversando, em um grande e bem tratado jardim. Tive uma pequena surprêsa agradável — a dona da casa não era quem eu julgava, mas sim uma conterrânea, mulher boa para mim. Estavá ela no centro do grupo, segurando os dois filhinhos, que estavam sôbre uma mesa estilo rústico. Mas, mesmo assim, senti-me constrangida e não disse ao que ia, ficando eu, também, conversando.

INTERPRETAÇÃO — Você que diz ser leitora assídua da REVISTA DA SEMANA e apreciar esta **secção**, o que muito me alegra, deve estar lembrada de que tenho escrito muito sôbre o símbolo **casa**, **carruagens**, **edificações** quaisquer, como representando, na fenomenologia onírica, a **personalidade**. Assim, em seu longo sonho há uma verdadeira aspiração (viagem) de seu Eu (casas) de atingir um ideal elevado que você acalenta, e que oculta dos demais (galinhas escondidas no seu casaco azul). Êste ideal ainda não está bem definido nem para você mesma (procura de casa), naturalmente por falta de liberdade (homem deitado e coberto com o seu casaco) e de apoio de sua família. Você espera uma oportunidade para romper com o obstáculo que a inibe de executar seus planos espirituais e afetivos (galinhas e pintos). Também acredita que o meio em que vive é por demais acanhado para conseguir uma situação financeira mais vantajosa (mulher moendo milho), e se sente à margem (pintinhos mariscando), enquanto outros desfrutam de tudo. Seus pensamentos são, ora positivos (casa mais acima), ora negativos (casas demolidas); entretanto você tem grande confiança em si própria (havia os alicerces), confiança que adquiriu com a educação que recebeu e com a firmeza de suas convicções (em forma de quadrado). Vejo que, depois de subidas e descidas, de altos e baixos, em seu modo de pensar e encarar as coisas (enrolar as galinhas no seu casaco) você terá, afinal, realizado o seu desejo (estrada larga e clara), se aceitar a orientação de **alguém** mais experimentado que você (homem que se levantou). Entretanto você não deposita muita confiança nos seus (não havia lugar para elas) e nem tem esperança de que êles venham ao encontro de seus desejos (... que fôsse investigar, primeiro, o lugar). Entre os amigos e conhecidos você se sente mais a vontade e mais senhora de seus atos (pequena surprêsa agradável), pois tem receio de ser criticada pelos parentes (senti-me constrangida), fato êste que a tem prejudicado (e não disse ao que ia) e em cerceado seus anseios e projetos.

Se seus ideais são sadios e corretos não ponha dúvidas em concretizá-los, mas, se vir que êles vêm de encontro aos bons princípios educacionais ou morais, pondere primeiro para depois agir.

● MIRELLA — (Pôrto Alegre)

Peço o obséquio de narrar seu sonho com mais clareza e concordância de idéias. Pouco dêle pude entender. Muito lhe agradeço os elogios. Desculpa-me. Ficarei muita agradecida se me atender. Sempre ao seu inteiro dispor.

● SONHADORA — (Rio)

SONHO — Sonhei que havia ido ao cinema com meu irmão e que meus pais estavam mal de finanças. Pagamos as entradas, sem que eu abrisse a caderneta (?), que por milagre estava encapada (?). Ao entrarmos na sala de projeção o filme não estava sendo passado onde devia e sim, do lado esquerdo. Descemos alguns degraus para assistir do outro lado, mas havia duas telas, com filmes diferentes: um, com espadachins e outro, com uma linda moça morena, colorido. Saímos ràpidamente e eu disse: Puxa, pagamos para não assistirmos nada. Vamos levar alguma coisa para mamãe. Na saída apareceu um garôto, que ofereceu carona a meu irmão, em sua bicicleta, e para mim um rapaz com uma motocicleta, que me disse: Vocês estão prontos? Sim, respondi-lhe, não temos dinheiro, mas temos o suficiente para voltarmos.

INTERPRETAÇÃO — Nossa vida é constituída por muitas **telas**, onde os filmes se sucedem e, às vêzes, se reproduzem com espantosa velocidade (duas telas com filmes diferentes) e, as cenas vividas diàriamente aparecem em sonho, com bastante nitidez. Deve haver em seu espírito uma grave preocupação sôbre a vida financeira de seus pais (pagar as entradas, sem abrir a carteira), e você se sente diminuída perante os seus amigos e conhecidos, e deseja se afastar com receio de se molestar (cenas com espadachins). Você pensa poder suprir o seu lar com algum bom emprêgo (rapaz que a levou na motocicleta) ou, talvez mesmo, um casamento. Sua mente deve se encontrar em tal estado de desajuste que você sente, em tudo a premente necessidade de preencher as faltas que, por ventura esteja sentindo (levar alguma coisa para mamãe). Como o sonho é o afluxo à consciência do que existe no subconsciente, é fácil você mesma interpretar o seu sonho, para afastar sua atenção dos fatos desagradáveis que a impressionam, trazendo-lhe uma sobrecarga de aborrecimentos que não resolverão o seu caso

Vida e Aventuras da Parteira Mãe Joana

Conto de LUIZ PINTO

Ilustração de ORVAL

TORNARA-SE quase uma legenda a figura de Mãe Joana, na velha cidade de Bananeiras e por todo o município. As mulheres da sociedade, quer da cidade, quer dos sítios, se acostumaram a ter filhos com Mãe Joana. Fôsse como fôsse, de dia ou de noite, cortando regiões longínquas, em costas de cavalo, lá ia a única parteira que inspirava confiança, a única a quem as mulheres se entregavam cheias de fé. Já tinha mais de 70 anos. Corcunda ao pêso dos janeiros, Mãe Joana não podia se afastar do seu ofício, do ofício a que se dedicava desde mocinha.

Aprendera a pegar menino. A sua fama logo cedo se foi espalhando pelas redondezas, não tardando que o seu nome se derramasse por tôda parte. Os maridos corriam léguas e léguas à procura de Mãe Joana. Contavam-se mulheres que morreram de parto porque não tiveram criança com Mãe Joana.

E era tal a disputa que, meses de antecedência, já os maridos batiam à choupana da velha parteira, fazendo-a assumir compromisso. E marcavam dia, deixavam endereço, pagavam até adiantadamente. Mãe Joana, aliás, não faltava. Orgulhava-se de ser chamada de «mãe» por uma geração inteira. Moças bonitas, rapazes fortes, homens feitos, encontrando a velha, na igreja ou em qualquer parte, estendiam-lhe a mão e pediam-lhe a bênção. Ela se empavonava tôda, cheia de vaidade. Não lhe faltava nada. Sonhavam com os seus desejos.

Dona Mariana tivera todos os filhos com a assistência de Mãe Joana. Quinze nasceram com ela. Seu Zèzinho foi apanhá-la em Bananeiras, até quando estavam morando em Mamanguape, para pegar o seu primogênito Lilo. É longe de Mamanguape a Bananeiras. Quase os dois extremos do Estado. Mais de um dia no lombo de cavalo. Mas a velha foi. Quando cansava de andar no silhão, escanchava-se, pendurava as pernas e ia embora. Zeca dava-se por compensado do sacrifício. Mariana só sabia ter filhos com a parteira Mãe Joana. Mas, no décimo sexto filho, a velha assistente não podia mais exercer o seu ofício. Além de muito velha, exausta mesmo, estava quase cega.

Foi chamada Zefa Taioca.

Era uma figura curiosa. Tão diferente de Mãe Joana. Dava-se ao álcool e ao cachimbo. Vivia suja de sarro. Tinha mãos compridas, como mãos de homem. Compridas e cabeludas. Zefa tinha um ciúme que se pelava de Mãe Joana. Sentia uma alegria indizível da velha Mãe Joana estar quase inválida. Agora, todos teriam de procurá-la. Se não havia outra parteira na cidade...

Zèzinho foi procurar Zefa Taioca. Mariana estava sentido as primeiras dores do parto. Mas Zefa quase não ia. Afinal, depois de recusas e neganças, resolveu ir. Cheia de má vontade e quase bêbada, começou a fazer o parto.

Dona Mariana gemia na cama.

Zefa esgotou os recursos da sua técnica. E, sem mais esperanças, trepou sôbre a barriga da parturiente, para forçar o nascimento da criança. Desmaiada, D. Mariana, por fim, ouviu os primeiros vagidos do filho. Zefa Taioca já não estava presente. E a criança veio ao mundo ao contacto das mãos calosas e grandes do pai. Mãe Joana chorou quando soube. Mas estava quase cega e não podia mais exercer o seu ofício.

Dona Mariana morreu, dias depois, em conseqüência do parto. A vida da parteira Mãe Joana, todavia, encheu um pedaço da vida rural paraibana. De costumes pacatos, afeita à pobreza, mas vaidosa e ufana da sua profissão, a velha parteira conformava-se alegre com o que lhe davam em paga do seu trabalho.

A sua maior alegria era ser chamada de «mãe» pelas moças brancas, pelos rapazes brancos, estudantes, muitos já formados, outros ordenados padres. Servia a qualquer corrente política. Liberais ou conservadores iam apanhá-la na hora do vexame. Mãe Joana era amiga das mulheres, pouco se lhe dando com as côres políticas dos maridos das suas clientes. A cidade guardava nos seus arquivos orais lendas impagáveis e sem conta da vida de Mãe Joana. Tão coloridas muitas, que não pareciam verdade. Talvez fôssem mesmo invencionice.

Mãe Joana era baixa, pescoço enfiado no tronco, cara larga, bôca e olhos rasgados, pernas curvas, quase côncavas, barriga quebrada para a frente, grande como se vivesse sempre grávida. Fôra casada. Tivera filhos e filhas. Enviuvara ainda jovem. Apareceram-lhe ótimos partidos, porém ela não quis. Ia ser parteira. Não queria outra vida. Chico Pedro, que possuíra duas vacas e uma burra, fêz tudo, babou-se para casar com Mãe Joana. Mas ela deu-lhe o fora. Casar mais... eu! Deus me livre! E benzia-se tôda, fazia o sinal da cruz...

Contavam-se muitos casos da vida de Mãe Joana.

Mas, o mais sério, foi o que se passou na Bica do Gato.

Mãe Joana costumava lavar roupa nessa afamada e popular aguada da cidade. Era uma cascata de mais de 5 metros de altura. A água vinha lá de cima de dentro da mata verde-garrafa, e, branca, aos reflexos do sol, caía sôbre as pedras, fazendo ondas de espumas. Ali se tomava banho e se lavava roupa. Como ficasse a fonte escondida dentro das moitas, de fora o freguês gritava:

Tem gente?!!!!

Se não tinha... entrava.

Uma tarde, despreocupadamente, Mãe Joana lavava os seus paninhos e cantava um bendito, no seio da floresta, no fundo da velha aguada.

O sol do Nordeste causticava. A água branca e fria, saída do âmago da montanha, esfriava as pedras do leito. Súbito, Mãe Joana soltou um grito e desmaiou. Caiu sôbre a água espumosa, e só minutos depois voltou a si. Uma enorme cobra papa-ova, arrastando-se suavemente, foi colocar a cabeça debaixo das saias da pobre velha e, carinhosa, começou a passar-lhe a língua fria nas coxas morenas e quase encarquilhadas. De início, Mãe Joana gostou daquela coscazinha. Mas, apercebendo-se do monstro que lhe estava próximo, desmaiou sôbre as águas...

E a cobra fugiu amedrontada...



A BEM AMADA

(CONCLUSÃO)

A luz do aposento era mortiça. Estava ali duas pessoas: um enfermeiro que ia e vinha, e uma visita. Percebeu Pierston que esta era uma mulher. Recobrando aos poucos a consciência, ouviu uma voz perguntar-lhe:

— Incomoda-o a luz nos olhos?

Pierston reconheceu a voz. Era de Márcia, e recordou tudo o que ocorrera antes de cair doente.

— Estás ajudando na minha doença, Márcia? — perguntou.

— Sim. Vim para cá até que melhores, pois parece que não tens outra pessoa capaz de interessar-se por tua saúde. Moro aqui perto. Alegra-me ao ver que já estás fora de perigo. Que angústias, eu passei!

— Como és dedicada! E... há notícias dêles?

— Estão casados. Estiveram aqui para ver-te e muito se afligiram com o teu estado. Ela se sentou à tua cabeceira; mas não a reconheceste... Muito sofreu ao saber da morte de sua mãe, nunca lhe parecendo que estivesse tão iminente. Já voltaram. E agora, fica tranqüilo, até que eu venha mais tarde.

Aquela ligeira conversação mostrou a Pierston que êle já não era o mesmo. A febre, os fatos passados, haviam transformado sua natureza, mudando-lhe a personalidade.

Durante os dias seguintes, reconheceu que já não tinha a velha concepção de beleza, o mesmo sentido artístico. Tudo o que o prendia à visão ideal de beleza da «Bem-Amada», ruíra, como por encanto. Era outro homem. De comêço se amedrontou; mas logo disse: «Graças a Deus!».

Márcia, que continuava a ir, constantemente, à casa de Pierston, a fim de saber de seu estado e dar ordens, entrara na alcova do escultor, e, pela conversa que com o mesmo entretinha, notara ter desaparecido de Pierston o aspecto sensual do seu temperamento. Em dado momento lhe disse ela que Avícia se estava tornando muito bela, não tendo sido estranho que seu enteado enlouquecesse por ela. Temendo que essa afirmação pudesse magoar o coração do ex-noivo, êste se limitou a responder:

— Sim. Suponho que deve estar uma moça linda. E, mais do que isso, é uma distinta garôta, que, com o tempo, será excelente dona de casa... Eu desejaria que tu não fôsses formosa, Márcia.

— Por quê?

— Não sei porque... Bem... A formosura me parece uma qualidade estúpida. Já não posso compreender para que serve.

— Oh! Pois eu, como mulher, creio que vale muito.

— Vale muito? Que vale? Sinto que perdi todo o conceito de beleza. Não entendo o que se passou comigo. Sei apenas que não o deploro. Robinson Crusoe perdeu um dia quando estêve doente. Eu perdi uma faculdade e dou graças ao céu por essa perda.

Havia algo de patético em sua declaração, e Márcia suspirou ao dizer?

— Talvez que, quando o senhor se restabelecer, recobre essa faculdade.

Pierston maneou a cabeça. Ocorreu-lhe então que, desde a reaparição de Márcia, nunca a vira a plena luz do dia, ou sem chapéu ou véu, o que sempre usava em suas freqüentes visitas. Sem reparar nisso, olhava-a como se estivesse diante da Márcia dos seus anos de juventude, adorando-a ainda mais pela ligeira modulação de sua voz. A majestosa estampa, sua côr sadia, o perfil clássico, seu formoso e bem feito nariz, a regularidade de seus dentes e os negríssimos olhos, formavam, ainda, a Márcia de sua imaginação, a divina criatura de quem se enamorara ao desprezar a primeira Avícia, sem conhecer ainda as suas sucessoras. Esta antiga idéia em sua animosidade contra a beleza, o tinha feito pronunciar aquelas palavras sôbre a formosura de Márcia, e então se pôs a considerar que restaria de semelhante representação ao cabo de quarenta anos.

— Por que razão nunca deixas que te vejam o rosto, Márcia? — perguntou-lhe o escultor.

— Oh! Não sei. Falas assim porque não tiro o chapéu? Sou forçada a resguardar-me assim para evitar êsses frios ventos de inverno, embora os véus sejam incômodos a quem não tiver vista tão boa como eu a tenho tido.

Essa afirmação pareceu a Jocelyn, que ela estivesse procurando ocultar os sinais da velhice no rosto.

— Mas... de certo que satisfarei a tua curiosidade — prosseguiu ela amàvelmente. Deve ser ainda uma tua galanteria, o interêsse que tomas por mim.

Dizendo isto, ela se afastou até à luz de um **abat-jour**, pois já era noite, e retirou o chapéu, o véu que cobria o rosto, além de outros enfeites femininos, mostrando-se depois a Pierston, em plena naturalidade de sua beleza, apesar de tantos anos passados.

— Tu me contrarias... — disse êle volvendo, impaciente, a cabeça. És formosa e mostras ter apenas trinta e cinco anos. Ainda sugeres a idéia de beleza. Não serves para meu castigo Márcia!

— Ah! Porém posso servir! E pensar que em todo êste tempo não tens aprendido a conhecer melhor as mulheres!

— Como?

— Enganas-te fàcilmente. Não estou assim tão bela. Vê que há luz artifical e tua vista está débil. Além disso... Bem, agora não posso ser menos sincera. Bem o sabe Deus. Por isso vou dizer-te... Meu marido era mais jovem do que eu, e tinha a absurda pretensão de fazer crer a todo mundo que havia casado com uma jovem. Para satisfazer sua vaidade, procurei parecer. Íamos com freqüência a Paris, e cheguei a ser tão hábil em artifícios de beleza como uma «demoiselle» do bairro de St. German. Depois que meu marido morreu, continuei a ser coquete. Agora mesmo estou muito retocada. Mas posso vir amanhã, à luz do sol, como sou na realidade. Verás como o tempo te engana. Recorda que temos a mesma idade.

No dia seguinte, ainda cedo, veio ter com Pierston, como prometera. Foi à janela e, recebendo em cheio a luz do sol, disse para o escultor:

— Vê agora se te agrado, já que tens por inútil a beleza. Tudo quanto me falta está em casa, sôbre minha penteadeira. Nunca voltarei a usar tais artifícios. Nunca mais!

Márcia era mulher. Seus lábios tremiam e uma lágrima rolou de seus olhos. Era uma sexagenária, cabelos brancos, faces enrugadas, a imagem da vovó, sem disfarces e artifícios. Vendo que êle nada dizia, prosseguiu Márcia, com firmeza:

— Sinto causar-te desagradável impressão; mas o tempo é implacável.

— Sim... sim... Márcia. És uma mulher valorosa. Tens o brio das insignes mulheres da história. Já não posso amar; mas te admiro com tôda a minha alma.

— Não me chames de insigne. Quero ser apenas honrada.

Logo que Pierston se sentiu inteiramente restabelecido, pediu a Márcia que viesse até sua casa para irem ambos ao estúdio. O escultor passou uma olhadela por suas obras, algumas delas ainda em esboços.

— Não gosto mais de nada disto! — Exclamou afastando-se. Parecem-me horríveis!

— Como é triste isso, Jocelyn!

— Não. De modo nenhum.

Colocando-se à porta, exclamou:

— Vou ver tudo isso de outro ângulo. Reparou em tudo, enquanto Márcia permanecia silenciosa. E continuou: Afroditas, Ninfas, Evas, Frinéias, Avícias e outras inumeráveis «Bem Amadas»... Não quero mais vê-las. «Em vez de perfume haverá hediondez, e queimaduras em lugar de formosura», disse o profeta.

Outra tarde foram à Galeria Nacional. Nada agradou ao artista. Estava cético.

— É estranho! — Exclamou Márcia.

— Sinto, Márcia. Mas perdi minha faculdade artística.

Um dia resolveu êle tomar uns ares longe da capital. E Márcia se ofereceu para acompanhá-lo. Um velho amigo e uma velha amiga juntos. Pierston agradeceu aos céus essa amizade.

Digamos em poucas linhas que, após sua ida para a ilha natal, não se interessou mais pelas coisas da arte. Ordenou que se desfizesse o seu «atelier» e transferiu a outro o local.

Passou a viver numa casa pequena na parte alta da **Street of Wells**, o único imóvel que lhe restava. Alugou perto uma casa para Márcia. Quando o tempo estava bom, ia buscá-la e davam passeios pelos velhos sítios da terra natal. Não iam mais longe porque a êle perseguia a ciática, e a ela o reumatismo. Pierston, que tinha 62 anos, parecia um homem de mais de 75. De barba crescida e branca, calvo, alquebrado.

Um dia, comentando os rumores da vizinhança sôbre sua reaparição e amizade a Márcia, disse-lhe:

— É extraordinário o interêsse que essa gente toma por nós. Chegam a dizer: «Êsses dois velhos deviam casar-se; antes tàrde do que nunca». Êsse povo quer regular a vida alheia pelos seus caprichos.

— Sim. Também me têm dirigido indiretas sôbre isso.

— Assim? Penso que, qualquer dia dêstes virão em comissão pedir-nos que nos casemos o mais breve possível...

Dias depois, visitando Márcia, notou que ela deixara de acender o fogão por causa da posição dos ventos, que enchiam de fumo a casa. Pierston convidou-a a ir almoçar com êle. Seria até bom que ficassem os dois na casa dêle. Pensou em desposá-la. Seria o meio regular de deixar a Avícia e Henrique, uma regular pensão. Márcia aceitou. Tudo pronto, no dia do casamento, realizado poucos dias depois, sobreveio à noiva um ataque de reumatismo, o que a obrigou a ir à igreja numa cadeira conduzida por pessoas amigas.

Um mês depois, estava o casal de sexagenários a tomar a refeição da manhã, quando Márcia recebeu uma carta de Avícia, que morava com o marido em Sandbourne, numa casa que Pierston havia comprado para êles. Márcia, visìvelmente aflita, exclamou:

— Santo Deus!

— Que é?

— Avícia me diz que quer separar-se do marido!

Estavam os velhinhos a examinar o problema, procurando meios para evitar o desastre, quando chega Avícia em pessoa, tôda chorosa. Márcia a tranqüiliza. Nada de mais grave. Umas ciumadas sem valor. Pierston e Márcia lembraram à jovem espôsa que, também a segunda Avícia se separara do marido; mas voltara a viver com êle pela intervenção de Pierston. Conversavam assim, quando chega Henrique, todo afobado. Pierston os deixou a acertar a vida, sob a intervenção conciliatória de Márcia e saiu a dirigir os novos serviços de abastecimento dágua da ilha, tudo feito à sua custa. E hoje, entre as obras de arte do «defunto Pierston», todos bendizem seu espírito cavalheiresco, o amor aos amigos, a grandeza de caráter e os benefícios feitos à terra natal.

FIM

NOVO ROMANCE

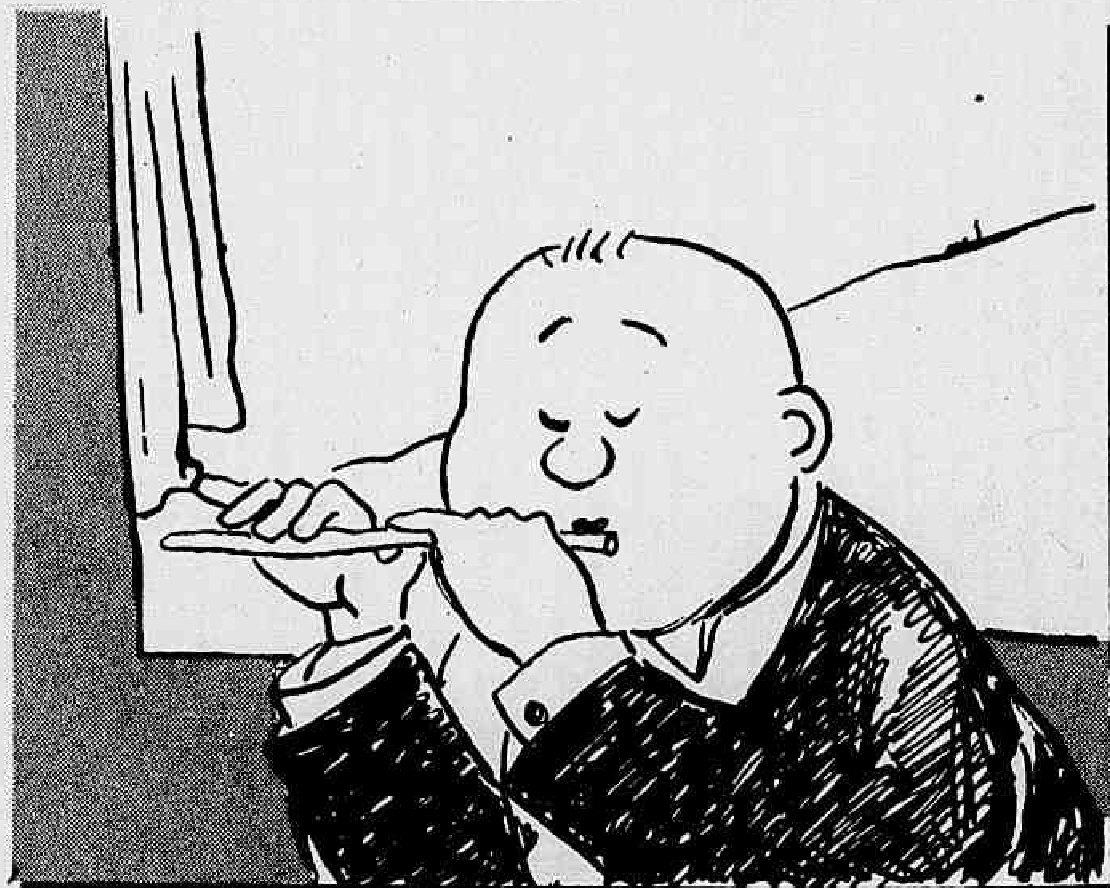
«NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ», de Michel Duchemin, é o novo romance que a REVISTA DA SEMANA inicia neste número, ao terminar a história de «A BEM-AMADA». O enrêdo de «NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ» é de estilo humorístico, cheio de episódios engraçados, em linguagem vivaz traduzido especialmente para nossa REVISTA.

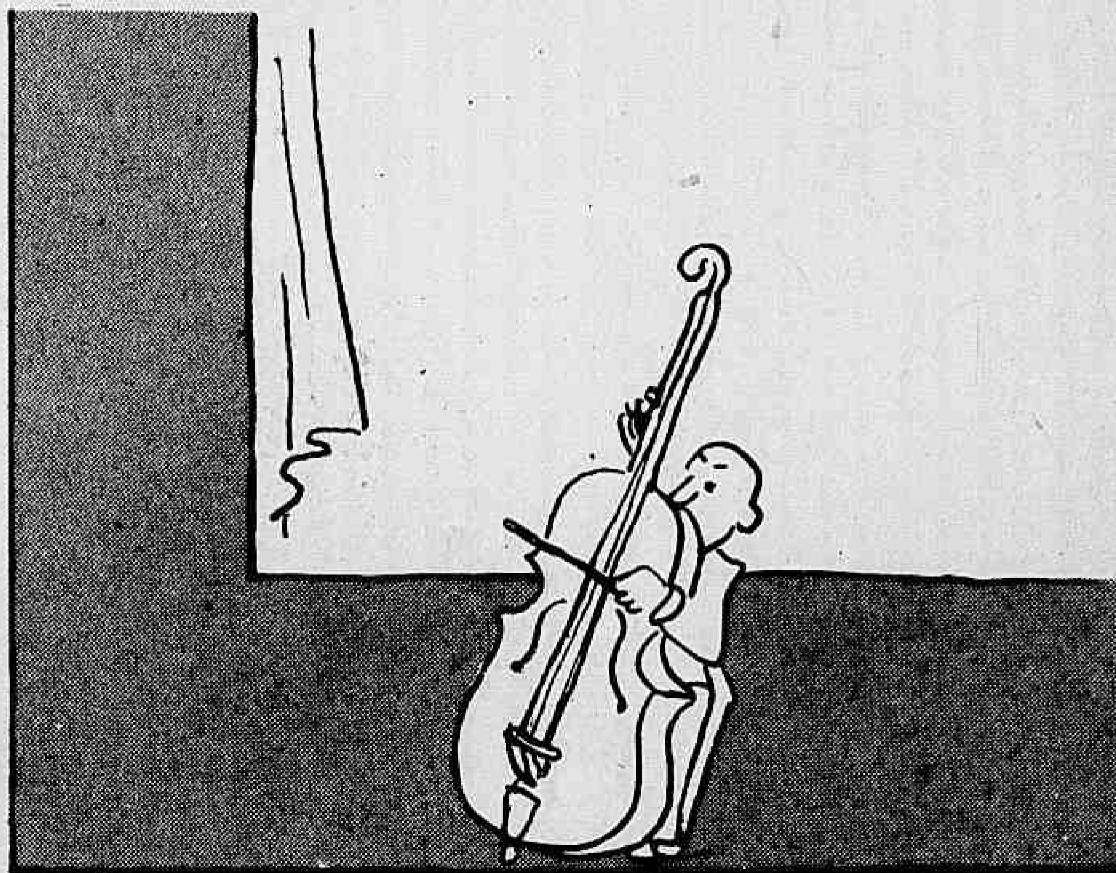
Romance de THOMAS HARDY — **Tradução de RENATO DE ALENCAR**

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

A VIDA É ASSIM (2)

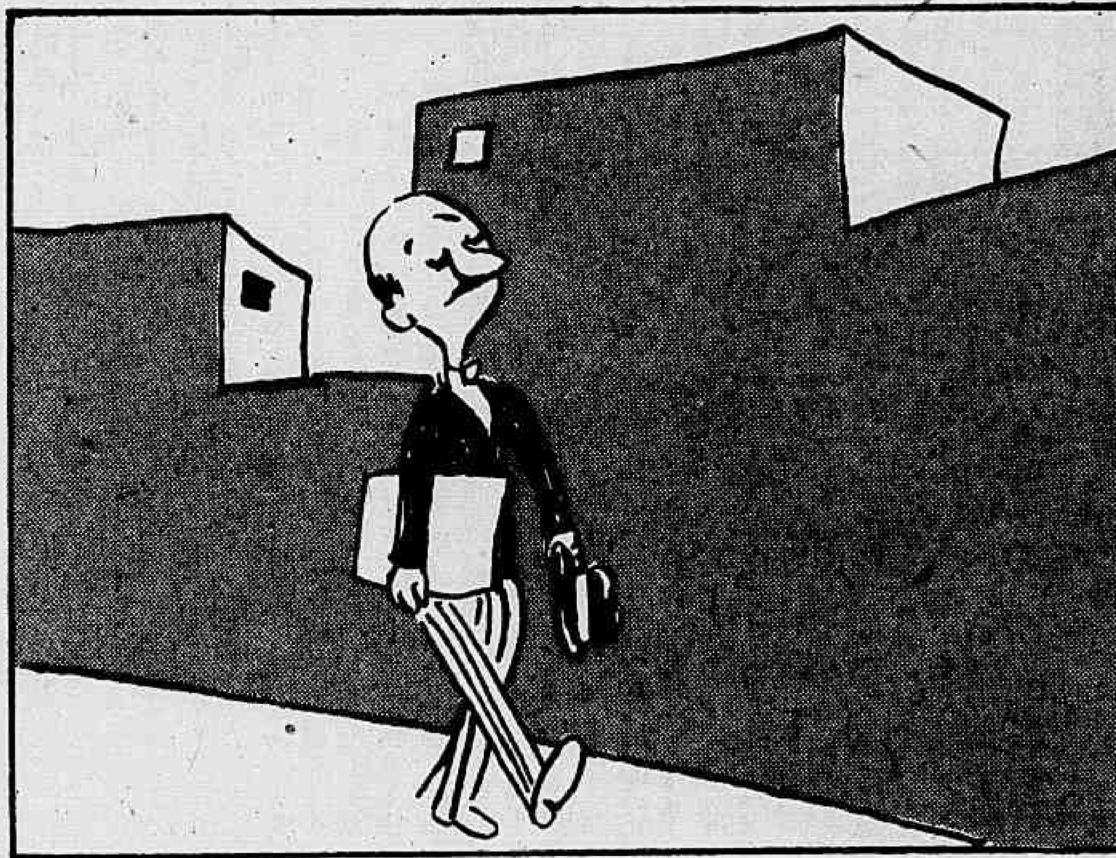
CRIAÇÃO DE DARCY


O GRANDE PEQUENINO

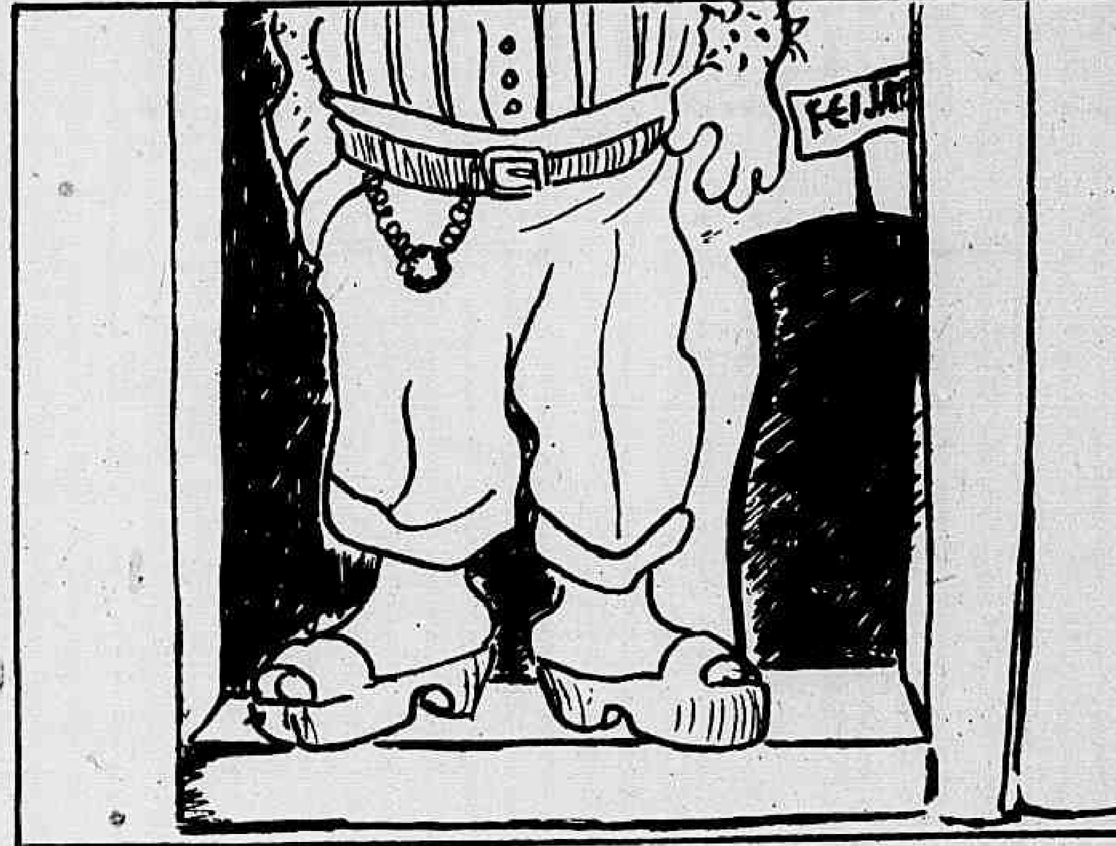

O PEQUENINO GRANDE



S. EXCIA. NO CARNAVAL


S. EXCIA. NA VIDA QUOTIDIANA




A MODA TUDO COPÍA...



NOVE GARÔTAS PARA UM

CAPÍTULO I

TODO mundo sabe, repetiu minha mãe, que «férias» significam repouso. Mas tu, ao contrário, tu não estás satisfeito enquanto não percorres, num mês, pelo menos uns dez mil quilômetros. Vais arruinar a tua saúde com estas manias. Todo ano eu tinha realmente o péssimo hábito de partir para terras longínquas guardando sempre a oportunidade de percorrer a própria França, que conheço tão mal, para as próximas férias. Suspirando sempre, de desgôsto por causa destas viagens que ela considerava perniciosas à minha saúde, minha mãe se revelava uma excelente organizadora, que sabia bem aplainar tôdas as dificuldades, descobrir o enderêço de um parente distante que facilitasse minha visita ao Vaticano ou então se comunicava com um Irmão Marista espanhol de grande influência na pátria de Santa Teresa D'Avilla.

Dois meses antes da viagem, ela conseguia uma bibliografia completa e detalhada do país a conquistar e então me convidava a penetrar no assunto. Eu geralmente não dispunha jamais de tempo para dar sequer uma olhadela e partia na mais completa ignorância sôbre o lugar enquanto que para minha mãe o tesouro da catedral de Burgos, por exemplo, ou as lendas nascidas às margens do Rhin não tinham já segredos.

Ela comprava também imensos mapas que em geral eram colocados entre o «living-room» e a sala de jantar e então exigia que eu traçasse ali o itinerário que pretendia seguir e do qual não devia me afastar sob pretexto algum.

— Sim, meu filho (dizia ela), a fim de que eu possa saber sempre onde te encontras, exatamente.

Eu deveria também remeter com regularidade uma espécie de relatório das cidades por onde passasse e as datas precisas, tal como um combatente em marcha.

Tudo ia muito bem até o dia em que deparei com um tentador anúncio de uma viagem organizada à Iugoslávia.

Começava por estas palavras promissoras:

«Um povo jovem abre suas portas à juventude do mundo.»

De navio pelo Adriático, ao longo da côrte de Rijeka, Crikvenika, Trstenno, Bokakotorskaja . . .

E uma lista enorme de nomes cada vez menos pronunciáveis. E tudo isto por uma quantia irrisória. E a quantia irrisória influiu na minha decisão imediata: passarei minhas férias docemente embalado pelas ondas do Adriático.

E comuniquei à minha mãe, com certo jeito, êste plano encantador.

— Creio que não estás falando sério, filhinho (exclamou ela).

Pela manhã eu havia, por brincadeira, apresentado uma fotografia de uma pequena semi-nua dizendo a mamãe que aquela era minha noiva. Ela ficara meio sufocada mas não tanto como agora.

— Mas é uma autêntica loucura (repetia ela). Tu nada sabes daquele país, nem uma palavra daquela língua, não temos sequer um amigo capaz de te arranjar uma recomendação; um país por trás da cortina de ferro; estás sonhando?

Achei conveniente fazer uma pequena explicação a respeito da mudança de pensar do Marechal Tito.

— Pior, ainda mais alarmante. Êles podem ser invadidos enquanto estiveres lá!

Eu já sabia. Eu já sabia que a minha decisão era heróica. Lembrei os cavaleiros audazes que decidiam bruscamente partir em socorro de seu chefe na Terra Santa, lembrei os espanhóis que embarcaram para o México ou Peru, e lembrei todos aquêles que ouviram um dia o apêlo da aventura e impiedosamente resistiram aos rogos das famílias.

Minha decisão estava tomada e uma grande tranqüilidade me invadia enquanto minha mãe se precipitava para a biblioteca e encomendava uma lista completa de obras a respeito da Iugoslávia.

★

— Já tens o pacote de algodão hidrófilo?

— Creio que não.

— Aí está. Eu sabia que te esquecerias. Vou já procurar, oh!

Ficando só, pude medir tôda a extensão do desastre. Dentro de duas horas exatamente o trem que me conduziria ao início da minha viagem à Iugoslávia deixaria a gare de Lyon e ao pé da minha cama, minha valise jogada como uma concha vasia e esquecida. Sôbre todos os móveis do quarto, roupas, pacotes bem amarrados e anônimos, material de fotografia, de caça e de não sei mais quê.

Pelo menos umas vinte vêzes eu havia ensaiado meter uma décima parte daquela tralha, considerada indispensável, na minha valise. E vinte vêzes eu tivera de despejar o conteúdo sôbre a minha cama que já começvaa a tomar um aspecto de um ninho de pulgas. Eu já não conseguia mais escolher entre aquela mistura de acessórios necessários quais os essenciais, agora que os conselhos de todos os amigos, contraditórios na maioria, de estetas, economistas, jornalistas, etc . . . dançavam em minha mente. Sem contar com os pedidos emocionados de minha mãe.

Além de tudo eu ainda tinha uma lista . . .



RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

Ilustração de RAMÓN

Prêsa à cabeceira de minha cama desde a mesma noite da minha decisão, aquela lista perseguia minhas noites e meus dias. Naquela mesma manhã sob o claro céu de agôsto eu me felicitara por tê-la organizado. Meus planos teriam sido feitos com tal precisão que em dez minutos eu conseguiria arrumar a mala e partir. E depois do café decidira desembaraçar-me ràpidamente daquela formalidade.

Que esperança!!! Há três horas começara a confusão e não me aparecia uma solução para aquela situação inextricável.

Ah! se ao menos naquela viagem eu pudesse me parecer com Luís Renato! Luís Renato ia sempre para o colégio de mãos vazias; era o único de meus colegas que nunca carregava livros, cadernos ou lápis. Não havia pois motivo para que êle carregasse borracha ou régua, pois sem cadernos ou lápis tais acessórios não teriam a menor utilidade. E êle caminhava feliz e despreocupado com um ar superior e eu, que o encontrava sempre na mesma esquina, fazia sempre a mesma pergunta:

— Mas como te arranjas para acompanhar o curso sem livros, sem apontamentos, sem lápis nem caneta?

— Ora, qualquer um terá o prazer e a bondade de me emprestar tudo isto. Tu mesmo, por exemplo.

E êle calmamente se servia de meus livros e apontamentos. Perdi de vista êste lírio dos campos mas tenho a certeza de que êle vence na vida. E por que não imitei seu método? O meu é o de uma formiguinha modesta, que jamais leva a vida na flauta, que espera um sucesso vindo de longe e de um plano cuidadosamente e conscientemente preparado dentro de grandes meditações e grandes silêncios. Destas meditações a minha lista está bem sortida, enche uma fôlha de papel tamanho ofício, rasurada, remarcada, rabiscada por dedos febris e que na verdade não passa da cópia de papèisinhos de tôdas as côres e formatos que integram a verdade histórica dos preparativos das minhas viagens.

No começo, esta lista cabia perfeitamente numa página de agenda. Podia se ler com clareza três palavras: lenços, foto, farmácia. Aos poucos fui acrescentando: minas para lapiseira . . . E, bem, vocês conhecem de perto estas coisas . . .

Mas o Hervê, que encontrei, por azar, ao sair da Escola de Belas Artes, ficou entusiasmado com a minda idéia, assim que lhe expus os meus projetos.

— Dentro de dois dias, meu velho, ouve bem, dentro de dois dias, teremos tudo arranjado. É preciso arranjar pelo menos doze bons companheiros. Dez outros companheiros de viagem? Facílimo, deixe por minha conta. Ainda teremos de recusar alguns, tu verás.

Hervê queria incumbir-se de tudo, com afinco, um favor que para sempre eu lhe seria grato. Certa vez havíamos decidido partir, os dois, para o Canadá num cargueiro uruguaio. Êle se incumbira de tudo com afinco mas o capitão se aposentou dois dias antes da partida jogando por terra todo o belo projeto.

De outra vez Hervê me arranjou para embarcar como camareiro num navio argentino, enquanto êle se empregaria como baterista da orquestra de bordo. Mas a Companhia deu preferência a uma orquestra conhecida e a um camareiro sindicalizado. Eu sabia que desta vez Hervê queria redimir-se de todos os fracassos anteriores. E confiei a êle a minha lista pedindo-lhe que se informasse sôbre o regime Titista, os usos e costumes do país em vista.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Qual dêstes Estados brasileiros contava, até 1949, com o maior número de associações de cultura física:**
- S. Paulo?
- Rio Grande do Sul?
- Minas Gerais?

2 **Que quer dizer «Abdias», em hebraico:**
- Homem vaidoso?
- Nobre?
- Servidor de Deus?

3 **De quem é êste conceito: «O infortúnio é benéfico. Êle nos faz conhecer nossos amigos»:**
- Honoré de Balzac?
- Schopenhauer?
- Marquês de Maricá?

4 **Qual dêstes órgãos fabrica o sangue em nosso organismo:**
- O fígado?
- O baço?
- O coração?

5 **Que vem a ser «mainel»:**
- Ventos suaves do mar?
- Aparelho de carpintaria?
- O corrimão das escadas?

6 **Qual destas montanhas do Rio, a mais alta:**
- A Gávea?
- O Corcovado?
- O pico da Tijuca?

7 **Qual o pássaro que tem a propriedade de voar em marcha-à-ré:**
- O beija-flor?
- O bentevi?
- A andorinha?

8 **Quantos ouvidos possuem as serpentes:**
- Um?
- Nenhum?
- Dois?

9 **Qual a produção de veneno de uma cascavel, em vinte e quatro horas:**
- Três centímetros cúbicos?
- Uma grama?
- Dez milímetros cúbicos?

10 **Com que idade Verdi compôs a sua famosa «Ave Maria»:**
- 40 anos?
- 53 anos?
- 85 anos?

11 **Por quanto vendeu o grande poeta inglês Milton, o seu «Paraíso Perdido»:**
- Trinta contos de réis?
- Cento e oitenta e sete contos?
- Quatrocentos mil réis?

12 **Que nos recorda a data de 7 de abril de 1831:**
- Morte de D. Pedro II?
- A abdicação de D. Pedro I?
- A segunda batalha dos Guararapes?

13 **A quem se deve a criação da Academia Brasileira de Letras:**
- Ao escritor Machado de Assis?
- Ao teatrólogo Arthur Azevedo?
- Ao jornalista Lúcio de Mendonça?

14 **Qual o maior processo criminal da História?**
- O de Dreyfus?
- O de Tiradentes?
- O de Raivaillac?

15 **Como se chama a primeira ópera composta por Carlos Gomes:**
- A Noite no Castelo?
- Joana de Flândres?
- Maria Tudor?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PAG. 46)

EXPOSIÇÃO NO PALÁCIO DE CHAILLOT

TEATRO POPULAR DE BONECOS ★ MARIONETES PARA PEQUENOS E GRANDES ★ TÉCNICAS DIFERENTES PARA DIVERSOS EFEITOS ★ DEZ ANOS MEXENDO COM MARIONETES ★ CADA PAÍS USA UM NOME DIFERENTE

JEAN GALLOTTI

COMO todos sabemos, há vários gêneros de «marionetes». E' preciso frisar que, em França, êste nome, em linguagem corrente, designa de preferência as bonecas postas em movimento, com fios que são manejados pelos marionetistas, colocados sôbre uma espécie de ponte oculta acima do pano de bôca, de maneira que o público não os vê. Êste sistema dá tôda a aparência de vida aos minúsculos personagens, os quais se movem, curvam-se, dançam, pulam, caem, lutam, montados em cavalos, etc., dando a impressão de que se movem por si mesmos, mas há o inconveniente de não ser possível fazê-los voltarem-se. Por isso (sobretudo na Bélgica), às vêzes remedeiam êste caso, colocando uma peça de ferro fixado sôbre a cabeça; mas o sistema não é bom, pelo fato de dar uma rigidez desgraciosa ao pescoço, e revela a presença dos «maquinistas».

Os organizadores desta exposição não restringiram seu interêsse apenas às marionetes pròpriamente ditas. Admitiram também as bonecas de origem Lyonnaise, feitas de uma cabeça de madeira óca, onde o demonstrador, colocado de cima para baixo, introduz o indicador e, com um vestido rodado, no interior do qual êle mete a mão, trabalha com o polegar e o dedo mínimo nas mangas, para poder dar todos os movimentos à boneca. Êste gênero, chamado na França, «Guignol», tem o grave defeito de só comportar personagens sem pernas, mas tem a superioridade de poder pegar em objetos, lançá-los ao ar e apanhá-los. Daí, sem dúvida, o grande lugar que tomam na



Uma cena da peça dramática «Os dois órfãos», muito apreciada em marionetes. Os movimentos são controlados por meio de cordéis hàbilmente manejados de cima por «maquinistas».



Uma cabeça de boneca no sistema de «Guignol Lyonnais», da coleção Viguier, cuja técnica é bastante diferente da dos marionetes.

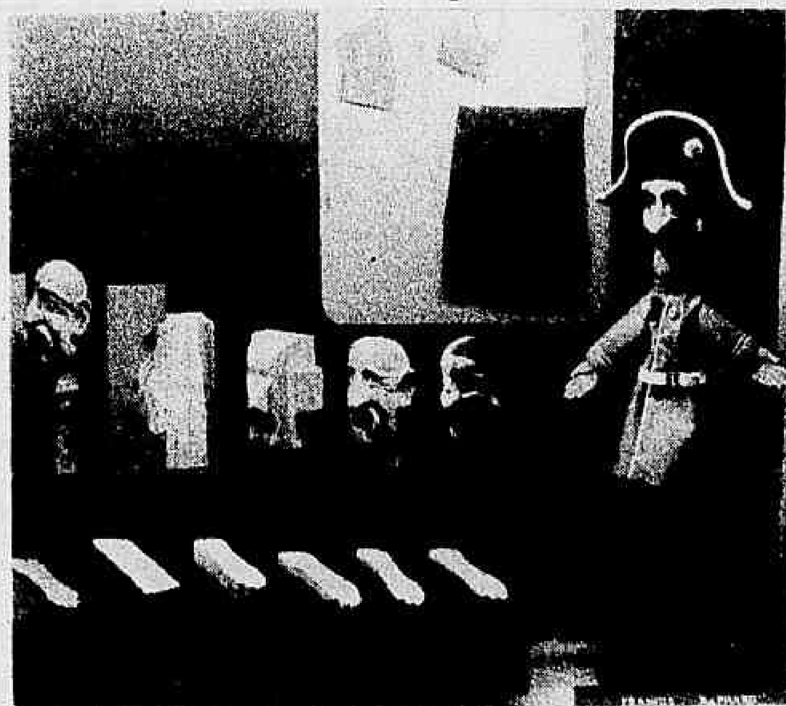


No Teatro Popular de Marionetes de Paris, muito são apreciados os movimentos de bonecos à «Guignol», como êste que aqui vemos.

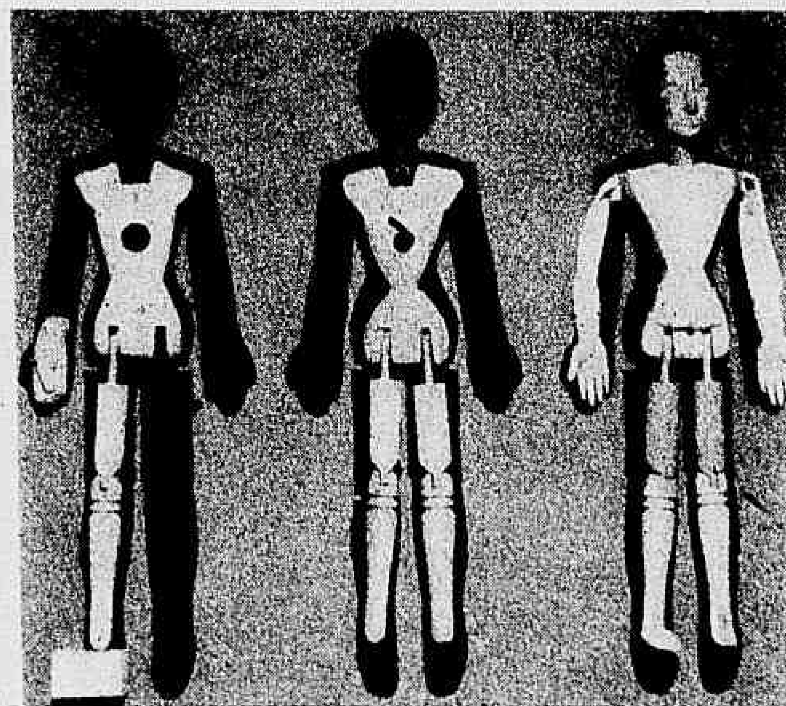
sua existência, o bordão e as pauladas, particularidade que vai muito bem com o caráter realista e burlesco das peças. A exposição foi inspirada e organizada por Pierre Soulier, que, há dez anos, vive com os marionetistas, estuda a estrutura dos seus teatros, fotografa cenários e seleciona os repertórios. Não se excluíram outros gêneros que trabalham com técnica completamente diferente, tais como as sombras chinesas, que são evocadas por algumas destas estampas de imagens impressas em prêto sôbre branco, e que em nossa infância, recortavam para as fazer desfilar por detrás de um papel de sêda, à luz de uma lâmpada. As grandes silhuetas dos teatros de sombras de Java também não foram esquecidas, nem as curiosas bonecas de **Wayang** postas em movimento por meio de pequenos pausinhos. Os organizadores, afastando-se da arte dramática, não resistiram ao desejo de apresentar também os Santons de Provence, as célebres marionetes de creche de Besançon, julgadas perdidas e que foram emprestadas pelas senhoras da «Providência» desta cidade. Uma coleção para confronto está especialmente consagrada às variações da singular figura internacional que se chama **pulcinella** na Itália, Polichinelle na França, Kasperl na Alemanha, Punch na Inglaterra e Petrouchka, na Rússia.

Enfim, ao lado dos «stands» consagrados às marionetes verdadeiramente populares, uma sala especial foi reservada aos pequenos teatros de amadores como o de George Sand em Nohant, — considerado o modêlo mais célebre — assim como aos ensaios de renovação, ou melhor, de modernização tentados pelos artistas de vanguarda.

Mas, é preciso sustentar, o caráter folclórico da exposição não foi contaminado, e é à tradição popular que pertence a maioria das bonecas com cenários, palcos, jogos de luz, das regiões de Nice, de Lyon, Paris, Lille e Roubaix.



Marionetes da cidade de Lille, França, em cuja região têm o nome de «bamboches», com suas características bastante jocosas.



Uma curiosa personagem de marionetes em diversas fases de fabricação final, articulando-se cuidadosamente as peças do corpo.

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICACÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 3 E 9 DE OUTUBRO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Os influxos planetários já não terão a mesma natureza favorável da semana anterior. Suas possibilidades estarão grandemente reduzidas. Terá de expender maiores esforços e de agir com o máximo cuidado para não se comprometer.

TOURO (21/10 — 20/11) — Haverá choques poderosos contra seu «hyleg», comprometendo-lhe a saúde. A garganta e a voz poderão ser perigosamente afetadas. Precavenha-se, portanto, contra os resfriados.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período lhe será bem favorável. Poderá solicitar, requerer, pedir favores e tomar empréstimos, certo de que serão cumpridos os compromissos tomados por escrito.

CANCER (23/12 — 20/1) — A bonança continuará e será muito favorável à realização dos seus projetos. Tôdas as resistências que contrariarem a efetivação dos seus desejos, serão prontamente removidas. O momento será inteiramente seu.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Evite, durante os próximos sete dias, tôda e qualquer complicação, discussão acalorada ou competições. O novo período será de exaltação, no seu caso, podendo levá-lo a extremos comprometedores para sua liberdade.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — No meio dos contentamentos que a próxima semana lhe poderá dar, haverá uma nota de tristeza: O desaparecimento objetivo de um parente ou íntimo amigo. Ponha a vontade acima do coração. Não se deixe vencer.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Uma situação quase insustentável, sob o ponto de vista financeiro, vai experimentar o leitor, nos próximos sete dias. Os piores serão 4, 6 e 8. Restrinja suas despesas, desde já, ao mínimo, para não correr o perigo de uma pública desmoralização.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Com exceção do dia 6, todos os demais, na próxima semana, lhe serão favoráveis. Seus negócios estarão bem postos e aumentadas suas possibilidades de êxito em setores estranhos às atividades profissionais.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Haverá perigo de desentendimento entre os parentes, irmãos, consangüíneos ou assemelhados. Será melhor apelar para os estranhos. A «entourage» está ameaçadora. Os piores dias serão 3 e 9, os extremos, justamente, do novo período.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não tome o conselho do Alvaro Moreyra, o homem do «A Vida é de Cabeça Baixa». Pelo contrário, erga bem alto o semblante e imponha sua vontade. O período entrante lhe dá chance e dominação.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Algumas desilusões o esperarão entre os dias 5 e 8. Não esqueça o provérbio: Querer o impossível e desejar o imerecido, é votar-se ao fracasso». Os insucessos, de ordinário, são devidos à inobservância dêsse multimilenário princípio.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Um certo desânimo o tomará na próxima semana. Êsse desencorajamento poderá levá-lo à perda de uma boa oportunidade para alcançar uma das suas mais justas ambições. Previna-se contra essa traição do seu destino, reagindo como puder.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro	3 —	Miécio	—	Doroti
"	4 —	Sálvio	—	Isaltina
"	5 —	Gerson	—	Jolita
"	6 —	Bruno	—	Normélia
"	7 —	Marcos	—	Josina
"	8 —	Dionísio	—	Lídia
"	9 —	Plácido	—	Leonor

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

			(SIGNO DA:)
Outubro	3 —	9º 58' 39''	(Libra)
"	4 —	10º 57' 46''	(")
"	5 —	11º 56' 55''	(")
"	6 —	12º 56' 07''	(")
"	7 —	13º 55' 20''	(")
"	8 —	14º 54' 36''	(")
"	9 —	15º 53' 54''	(")

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

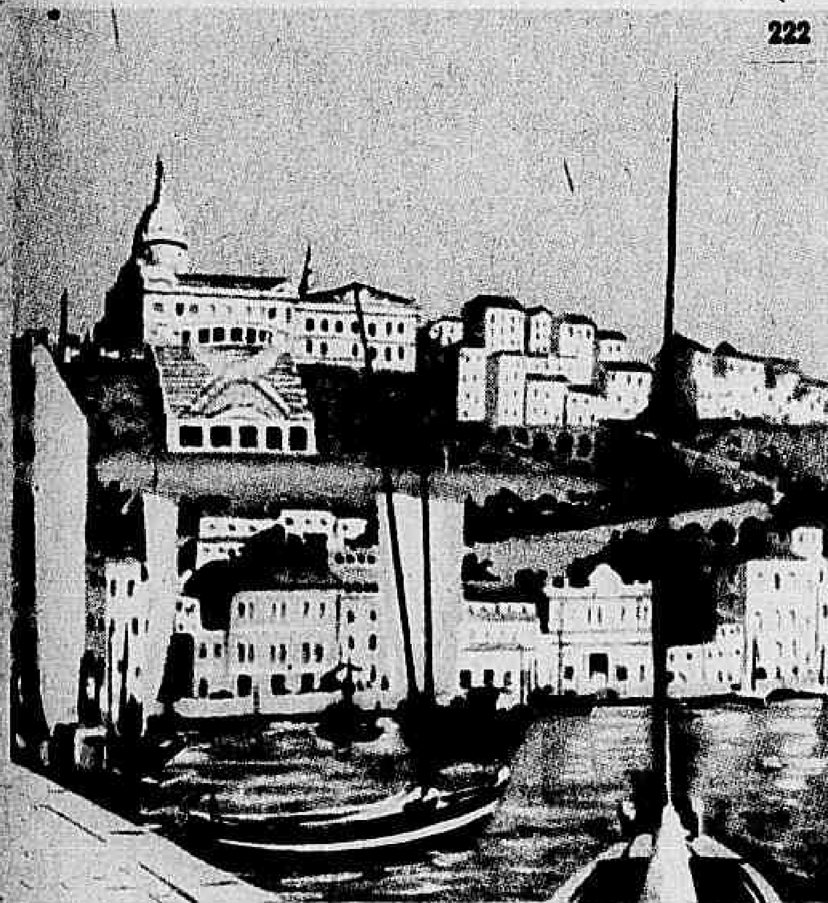


MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

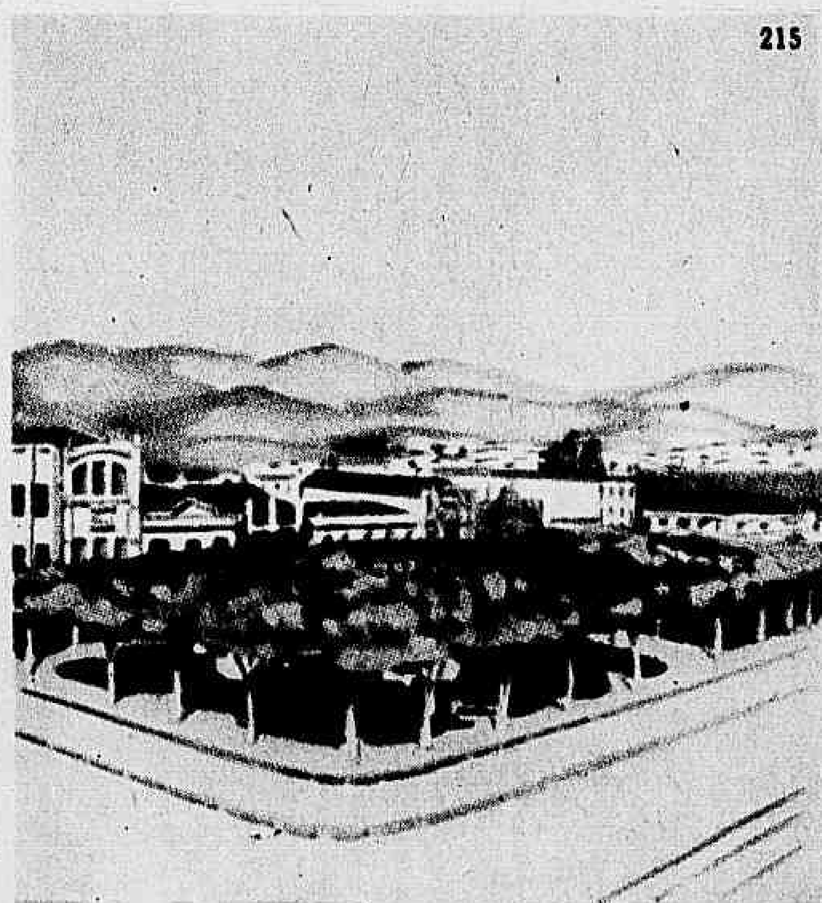
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.

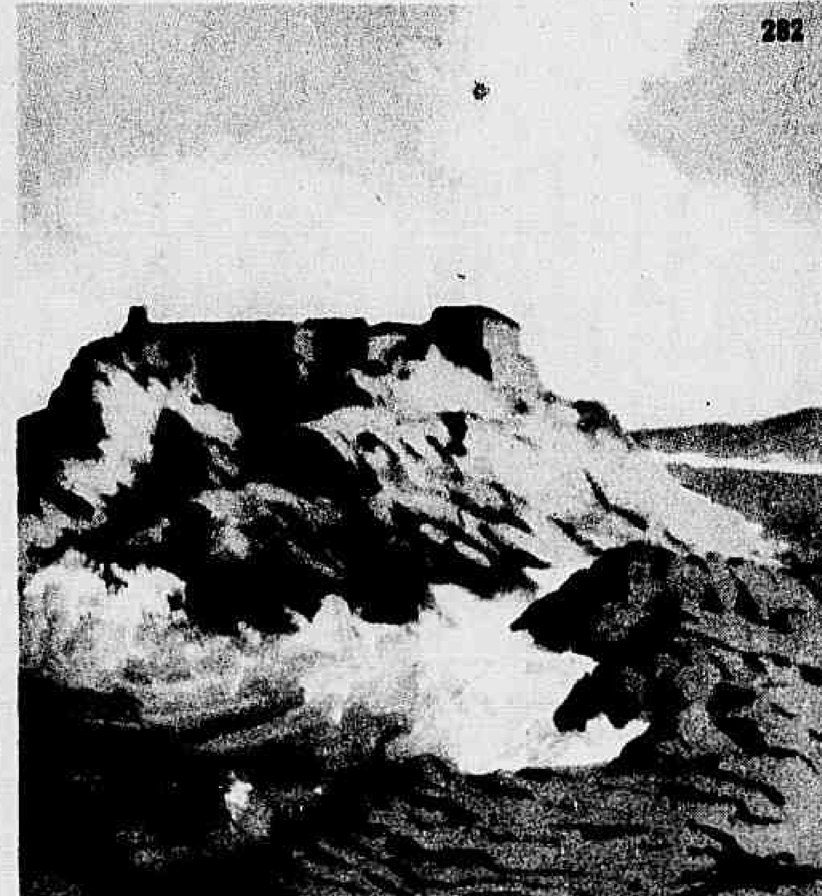


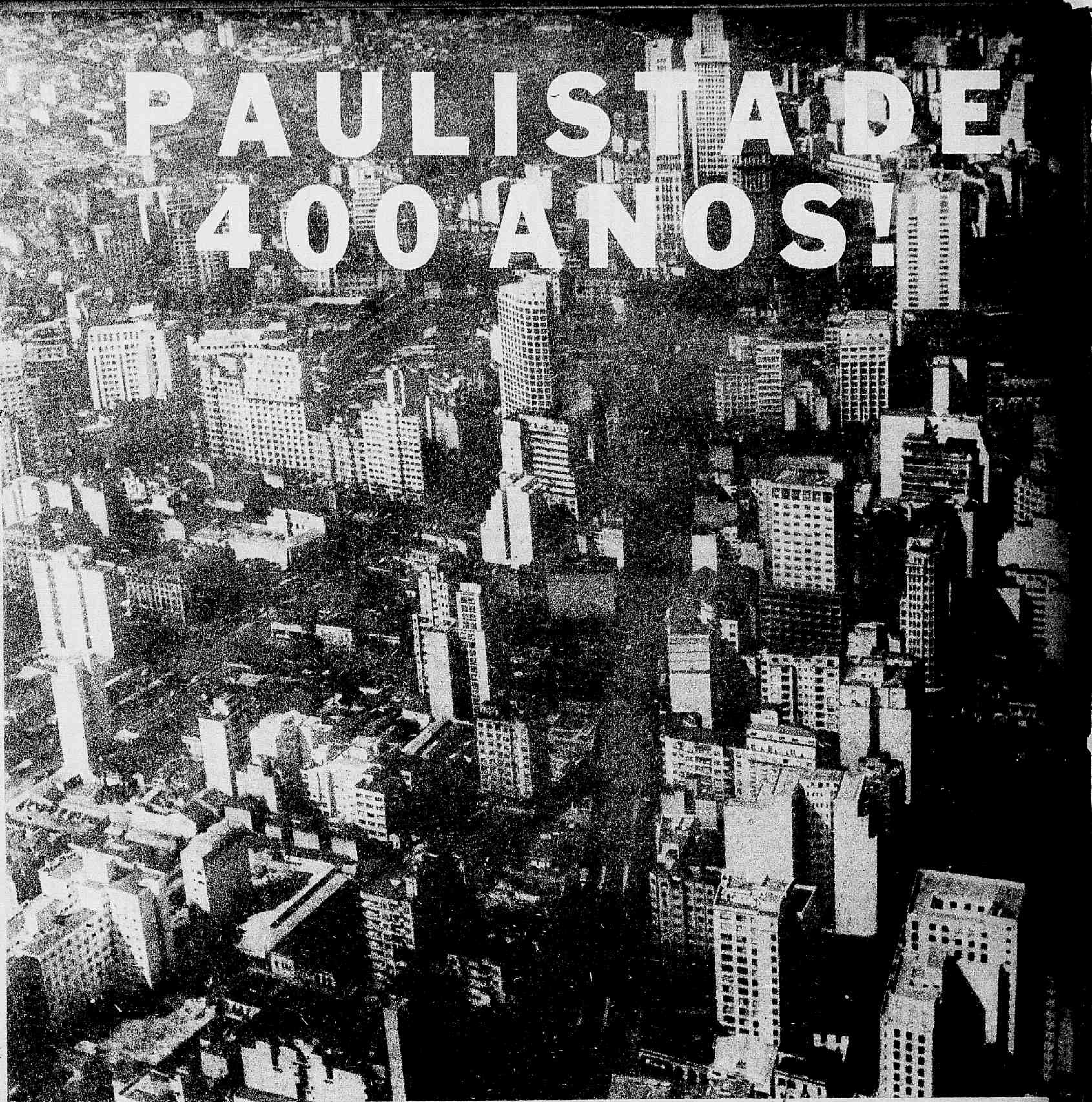














Responsável pelas obras de construção civil, sem dúvida, um mundo: o engenheiro Faria Alves, que come e dorme no vasto Parque de Ibirapuera.



Contacto entre o público e a Comissão, uma função diplomática: João Alfredo de Souza Ramos, nome bastante forte para candidato ao Itamarati.



Mário Neme, chefe do Serviço de Imprensa. Isto quer dizer, em outra linguagem, que é um dos homens mais cortejados da enorme capital bandeirante.



Êste cidadão tem uma boa parcela de responsabilidade nos grandes festejos do IV Centenário de São Paulo, como diretor geral: Teixeira Meireles.

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

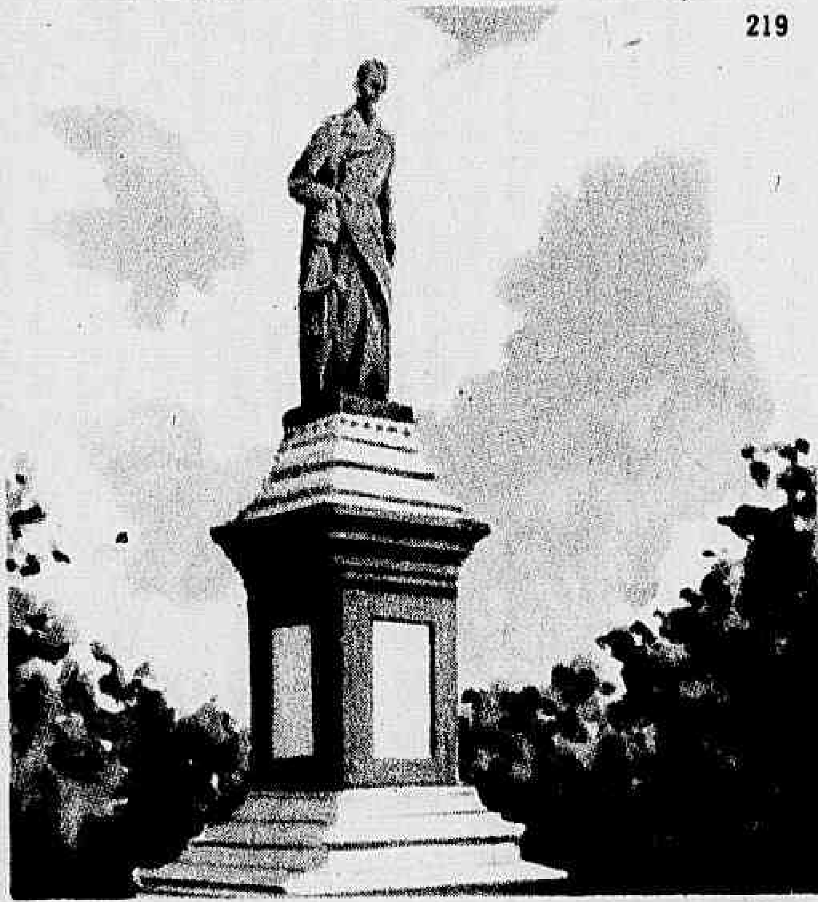
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

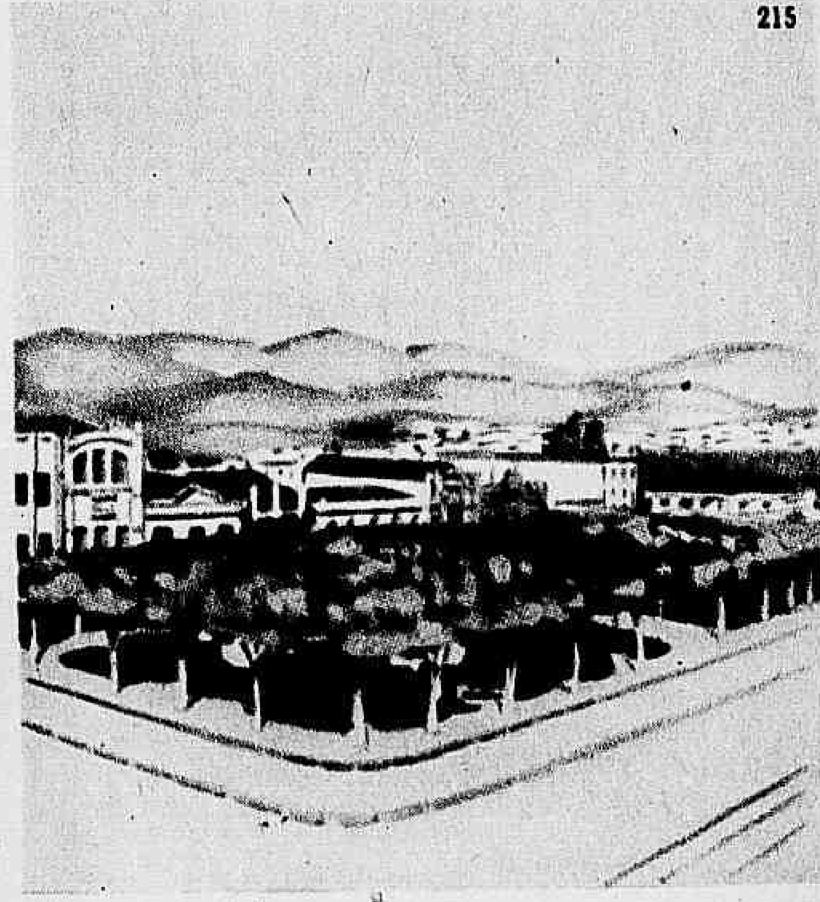
● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.













PAULISTA DE 400 ANOS!



Responsável pelas obras de construção civil, sem dúvida, um mundo: o engenheiro Faria Alves, que come e dorme no vasto Parque de Ibirapuera.



Contacto entre o público e a Comissão, uma função diplomática: João Alfredo de Souza Ramos, nome bastante forte para candidato ao Itamarati.



Mário Neme, chefe do Serviço de Imprensa. Isto quer dizer, em outra linguagem, que é um dos homens mais cortejados da enorme capital bandeirante.



Êste cidadão tem uma boa parcela de responsabilidade nos grandes festejos do IV Centenário de São Paulo, como diretor geral: Teixeira Meireles.



O comandante: Matarazzo Sobrinho, responsável pelo sucesso ou fracasso do empreendimento que ora empolga São Paulo inteiro.

DA CASINHA DE PALHA DE ANCHIETA AOS NOSSOS DIAS ★ 517 MILHÕES DE CRUZEIROS PARA OS FESTEJOS DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO ★ O POVO HOSPEDARÁ OS FORASTEIROS ★ MATARAZZO CONFIA NA EQUIPE.

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ARNALDO VIEIRA

SÃO PAULO —

CANSADOS pela longa e penosa viagem, depois de conquista de despenhadeiros da Serra do Mar, os jesuítas Anchieta e Nóbrega, numa tarde de janeiro de 1554, acamparam às proximidades do ribeiro de Anhangabaú e, no dia 25, ao amanhecer, celebraram missa numa tosca igreja de pau a pique. Da missa, assistida por indígenas, os religiosos foram para uma outra tapera, a escola. Assim foi fundada a cidade de São Paulo, sob o signo da Fé e da Cultura. A humilde aldeia, na verdade, não tinha a importância de São Vicente, marco inicial da colonização do sul do Brasil, trabalho de Martim Afonso de Souza que, em 1553, iniciara o primeiro ciclo econômico, fazendo girar um engenho de açúcar com canas importadas da ilha da Madeira. Havia uma diferença fundamental entre os dois: o donatário Martim Afonso de Souza, era progressista, mas visava interêsses comerciais e o Apóstolo, já na sua meninice, em Tenerife, nas Canárias, sentia a irresistível atração pela catequese nas terras selvagens.

E assim a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loiola, em 1534, trouxe o Evangelho ao Novo Mundo, através da palavra de Nóbrega e Anchieta, o último com menos de 20 anos de idade.

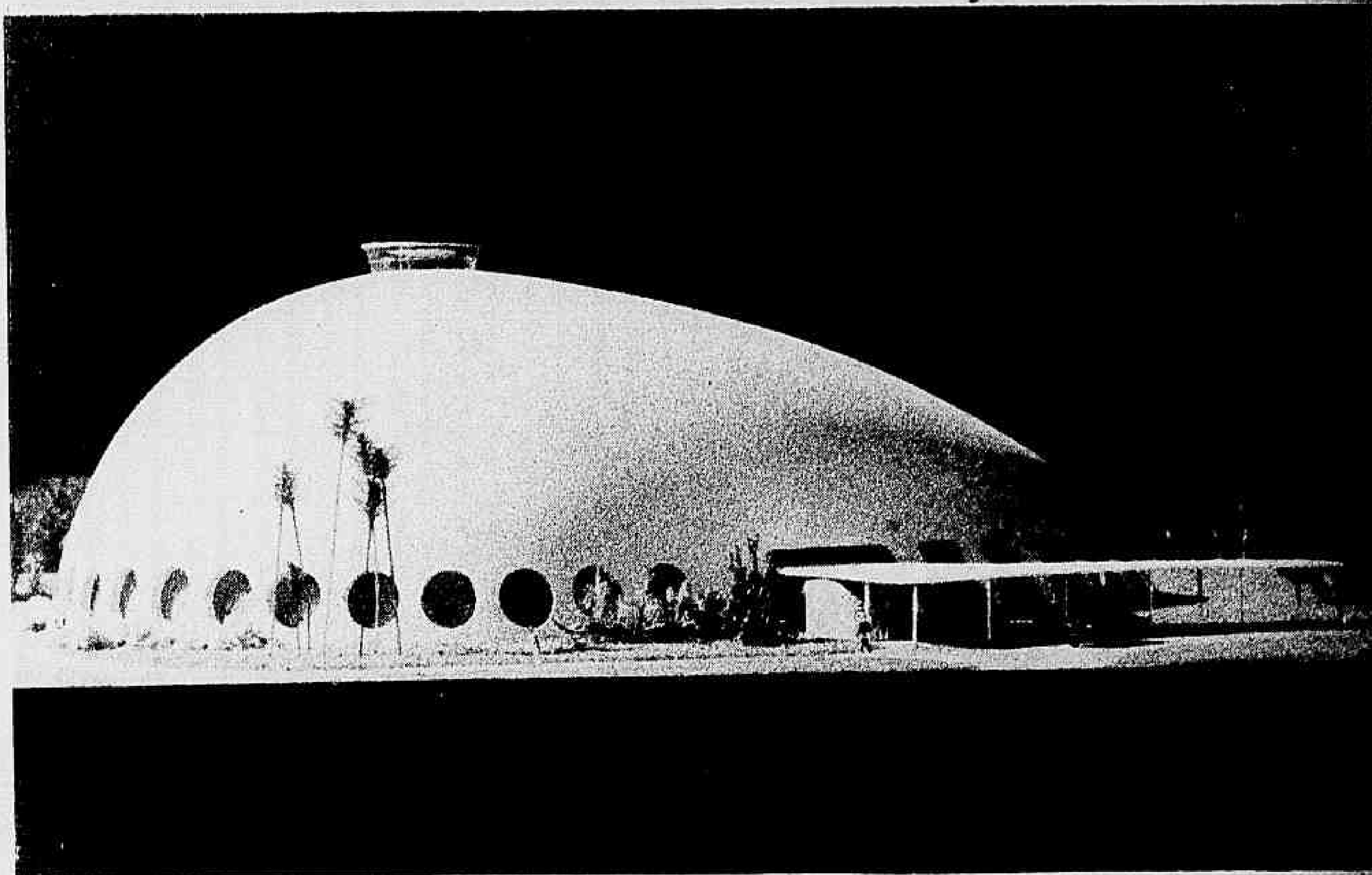
— Aqui se fêz uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta...

Eis como Anchieta narrou a fundação de São Paulo nos campos de Piratininga. A penetração colonizadora irradiou-se e as botas dos admiráveis Fernão Dias de Paes completaram a obra. A epopéia não parou com a tragédia no rio das Velhas, em 1781, com Fernão Dias «apertando contra o peito as pedras verdes que supunha esmeraldas.

SÃO PAULO NÃO ESTAGNOU

Os desbravadores incorporaram mais de cinco milhões de quilômetros quadrados ao território nacional, D. Pedro I gritou «Independência ou Morte» às margens do Ipiraganga e no mesmo dia foi aclamado Imperador. Fundaram a Academia de Direito, celeiro de homens que mais tarde lutaram pela santa causa da Abolição. Mas o elemento revolucionário que impulsionou a economia paulista foi, sem dúvida, o café, em meados do século passado. Os cafezais rasgaram o vale do Paraíba e fizeram surgir cidades e vilas. A rubiácea acelerou o advento da estrada de ferro. Rasgaram caminhos por todos os recantos. São Paulo foi crescendo como um gigante. O imigrante encontrou clima e, ombro a ombro, com o nativo, fêz de São Paulo o principal centro manufatureiro da América do Sul, uma das maiores realizações humanas do Século XX. O cimento armado dominou por completo a paisagem de Piratininga. As tôrres de concreto passaram a desafiar as nuvens. O céu, agora, já é pequeno para conter tantos aviões.

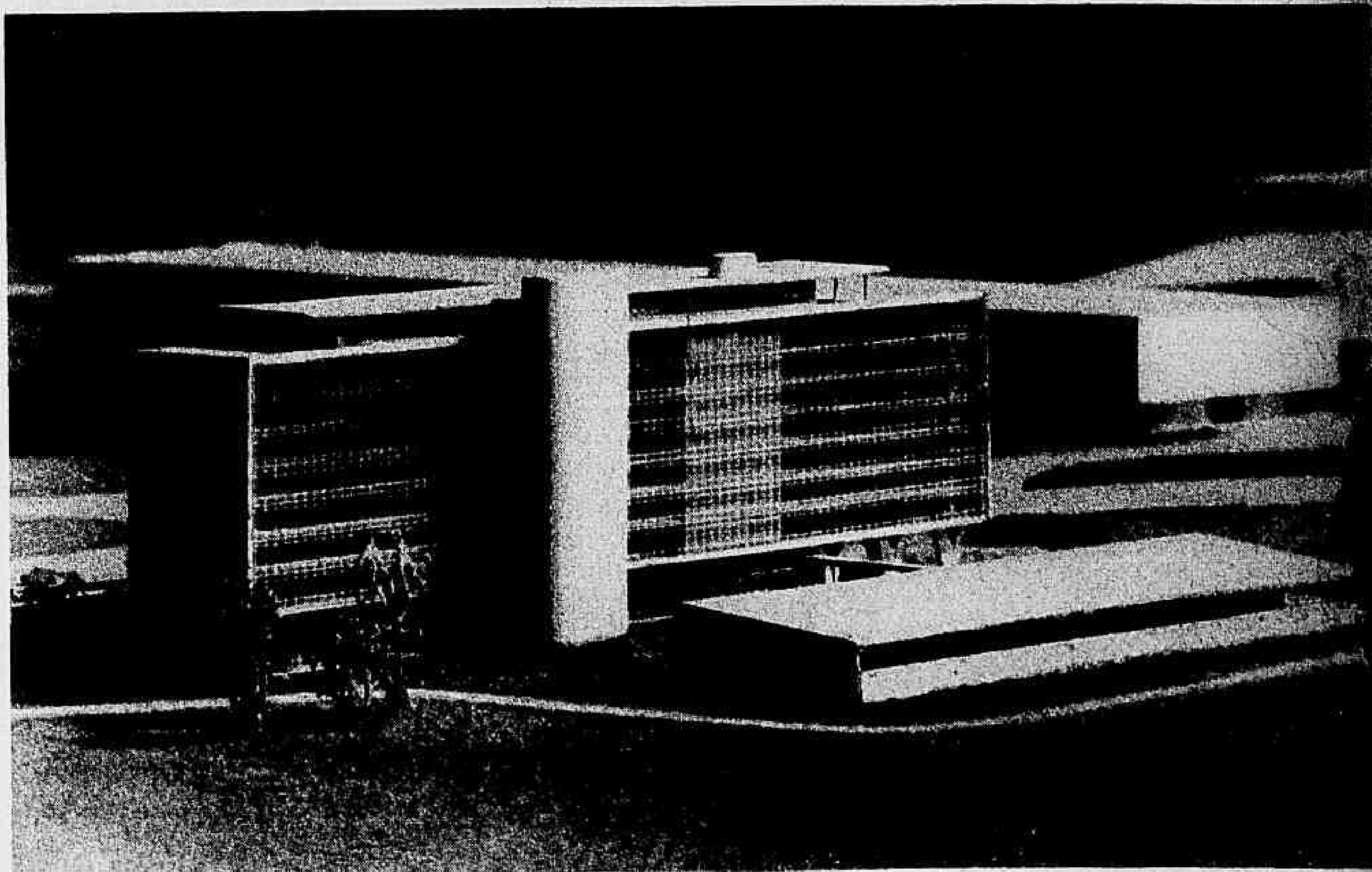
Eis São Paulo de nossos dias. 2.439.000 habitantes, com mais de 400.000 edifícios, com ... 17.415 fábricas, em atividade, só na Capital, empregando 417.000 operários. De seis em seis horas surge uma fábrica no Estado. A metrópole que se caracteriza por acentuado cosmopolitismo, com centenas de milhares de estran-



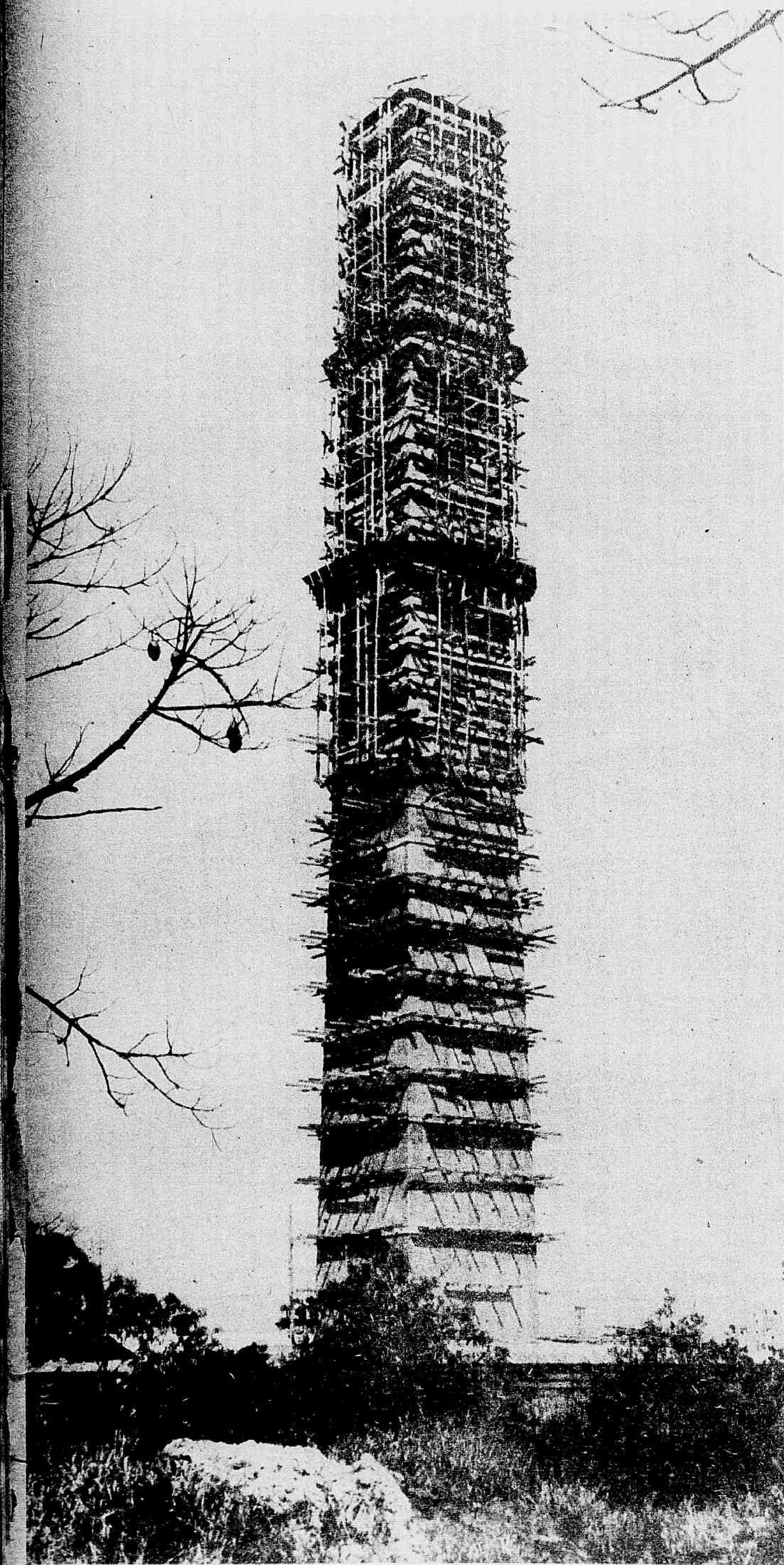
«Maquette» do grandioso «Planetarium» a ser construído na Exposição do IV Centenário.

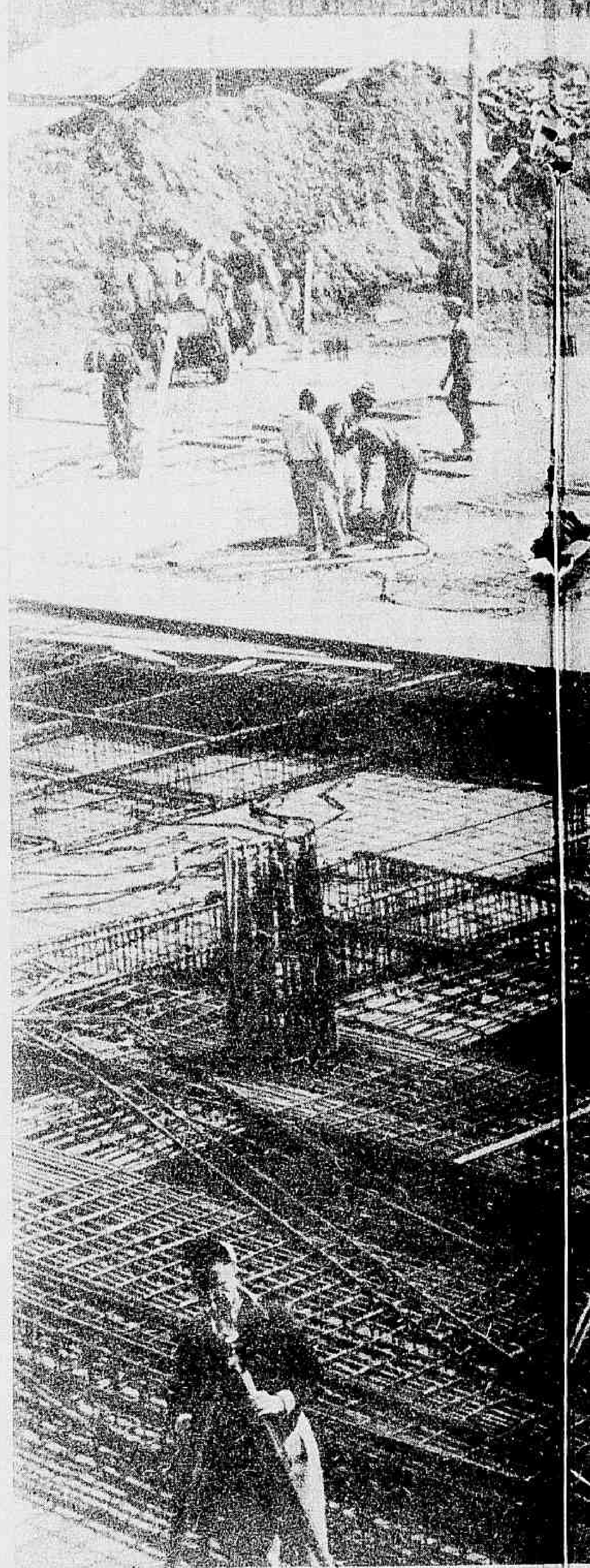


Lago para as provas de natação e regatas. Cêrca de 50 torneios internacionais serão realizados durante os festejos do IV Centenário de São Paulo, no decorrer do ano de 1954.



Neste Palácio os paulistas mostrarão ao mundo a sua capacidade de trabalho, exibindo na exposição do IV Centenário da cidade de S. Paulo, máquinas pesadas para a agricultura.





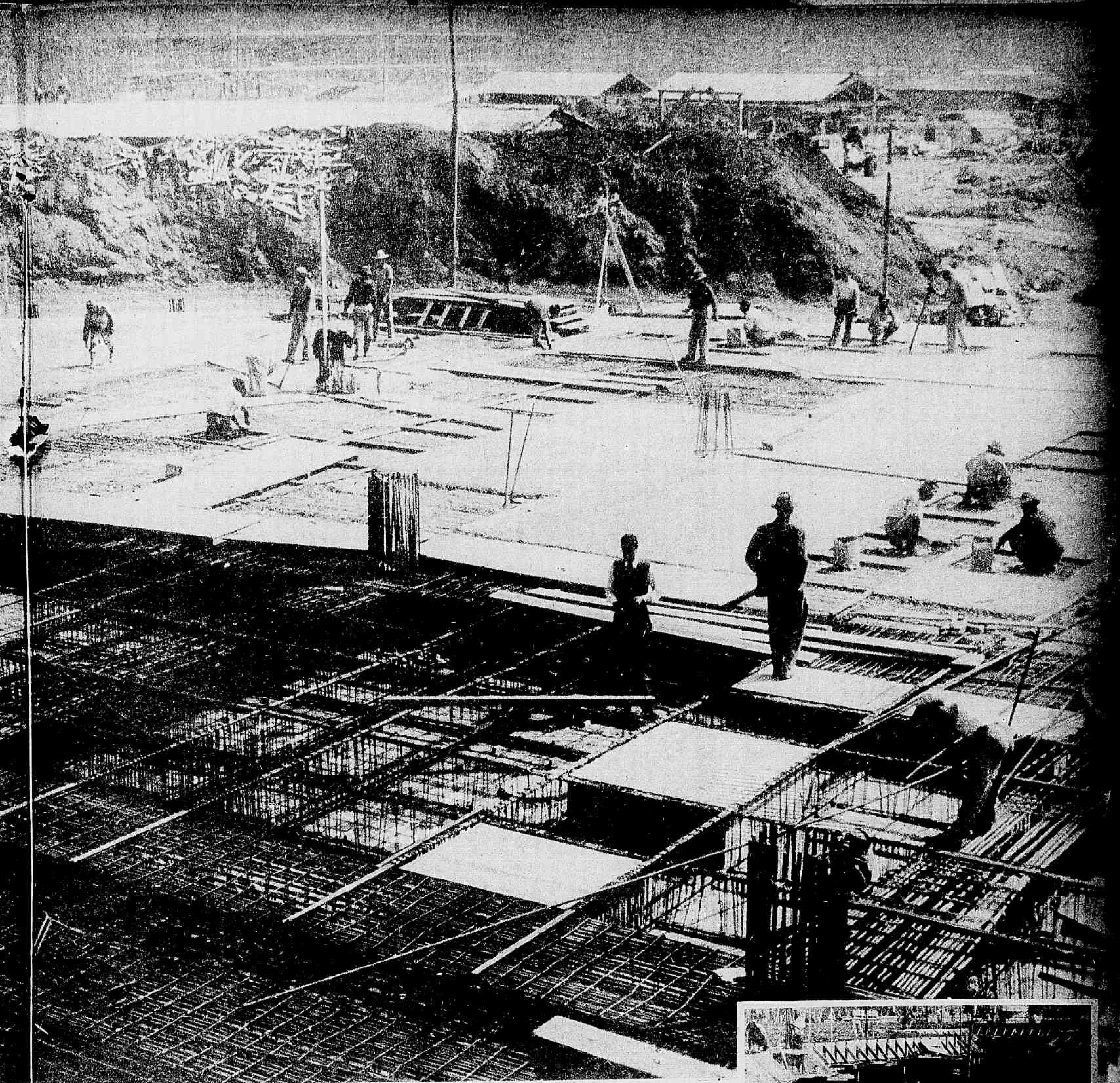
Nesta tôrre gigantecca, em janeiro de 1954, n[...]a pacidade de realização do paulista, será hasteada a

geiros, falando os mais diferentes idiomas, vai comemorar o seu IV Centenário, com festas que durarão um ano. Como tudo em São Paulo é grandioso, só o custo das obras que estão sendo executadas no Parque Ibirapuera é superior a meio bilhão de cruzeiros, ou sejam, em números exatos: 517 milhões de cruzeiros.

MATARAZZO CONFIA

Seis homens são responsáveis pelo sucesso ou fracasso dos festejos: Francisco Matarazzo Sobrinho, José Barbosa de Almeida, Nilo Amaral, João Batista de Arruda Sampaio, Plínio Barreto, Mário Beni. O presidente é Matarazzo Sobrinho, sôbre quem pesa a responsabilidade principal e de quem ouvi:

— O êxito será completo, ùnicamente, pelo motivo do trabalho ser executado por equipe. As obras estão sendo atacadas dia e noite. Máquinas e homens funcionam com precisão matemática. Tudo estará pronto no tempo previsto!



... n[...]a afirmação da ca-
...eada [...]a bandeira do Brasil-

Preparando o Palácio das Nações, com dois pavimentos, cujo custo subiu a trinta milhões de cruzeiros. É um dos maiores da Feira Paulista.

...ai ...e ... é ...n- ...or ...ú-

...so ...zo ...a- ...io ...zo ...de

...lo ...As ...i- ...e- ...o!

Matarazzo Sobrinho, especifica:

— Estamos construindo os Palácios da Indústria e Comércio, dos Estados, Nações, Exposições, Agricultura, Ginásio de Esportes, marquise, lago, auditório, cinema, pontes sôbre o corrego, etc.

Abre uma pasta e cita cifras:

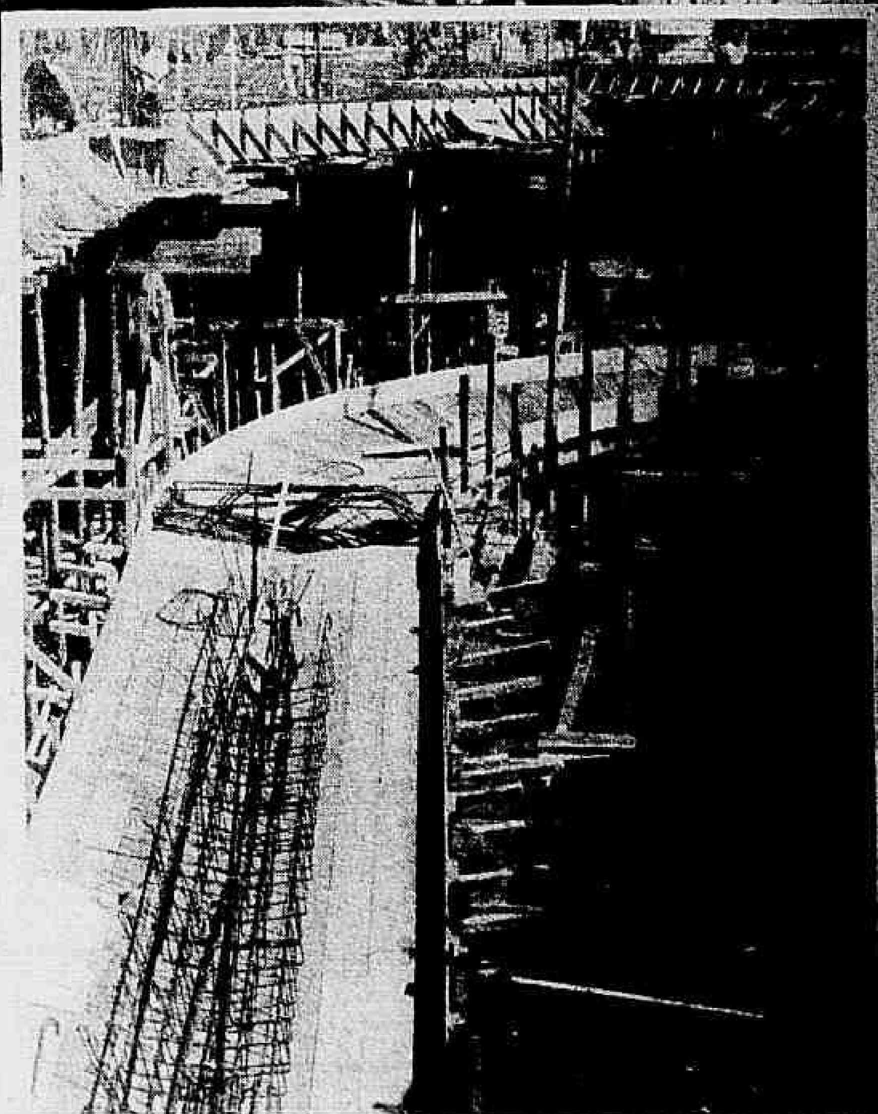
— Só com o arruamento, ajardinamento e reflorestamento, gastaremos 22 milhões de cruzeiros, contra 20 milhões com a iluminação pública. A entrada do recinto se fará por uma rampa e plataforma monumentais, de arrojada concepção urbanística. O ginásio de esportes terá capacidade para 20.000 espectadores.

REIS E PRESIDENTES

Vários Presidentes de República, inclusive Luigi Einaudi, da Itália, assistirão aos festejos. Clubes esportivos de tôdas as partes do mundo, inclusive do Japão, também estarão presentes. 51 Congressos culturais e científicos serão realizados, sendo de destacar 18 internacionais. Artistas de cinema, rádio e televisão, de todos os recantos do Universo, estarão em São Paulo. A despeito da cidade possuir uma linha de hotéis de primeira classe, os jornais estão publicando êste anúncio:

— «Coopere com São Paulo hospedando turistas durante o ano do IV Centenário. Acham-se abertas as inscrições para quantos queiram oferecer em suas casas, edifícios ou apartamentos, cômodos para alugar durante o ano de 1954.»

Esperam cinco milhões de visitantes, industriais, artistas, desportistas, cientistas, homens de negócios de tôdas as nações. São Paulo, a cidade que mais cresceu no mundo, tornar-se-á ainda mais cosmopolita. O comandante em chefe da grande jornada é um homem despreocupado e confia cegamente na sua equipe. Ofereceu-me um café e disse: (Cont. na pág. 46)



Quatrocentos homens trabalham no Palácio da Indústria e Comércio, o maior de todos os edifícios. Custo: noventa e dois milhões de cruzeiros.





CAPRICHO DE CHIMPANZÉ

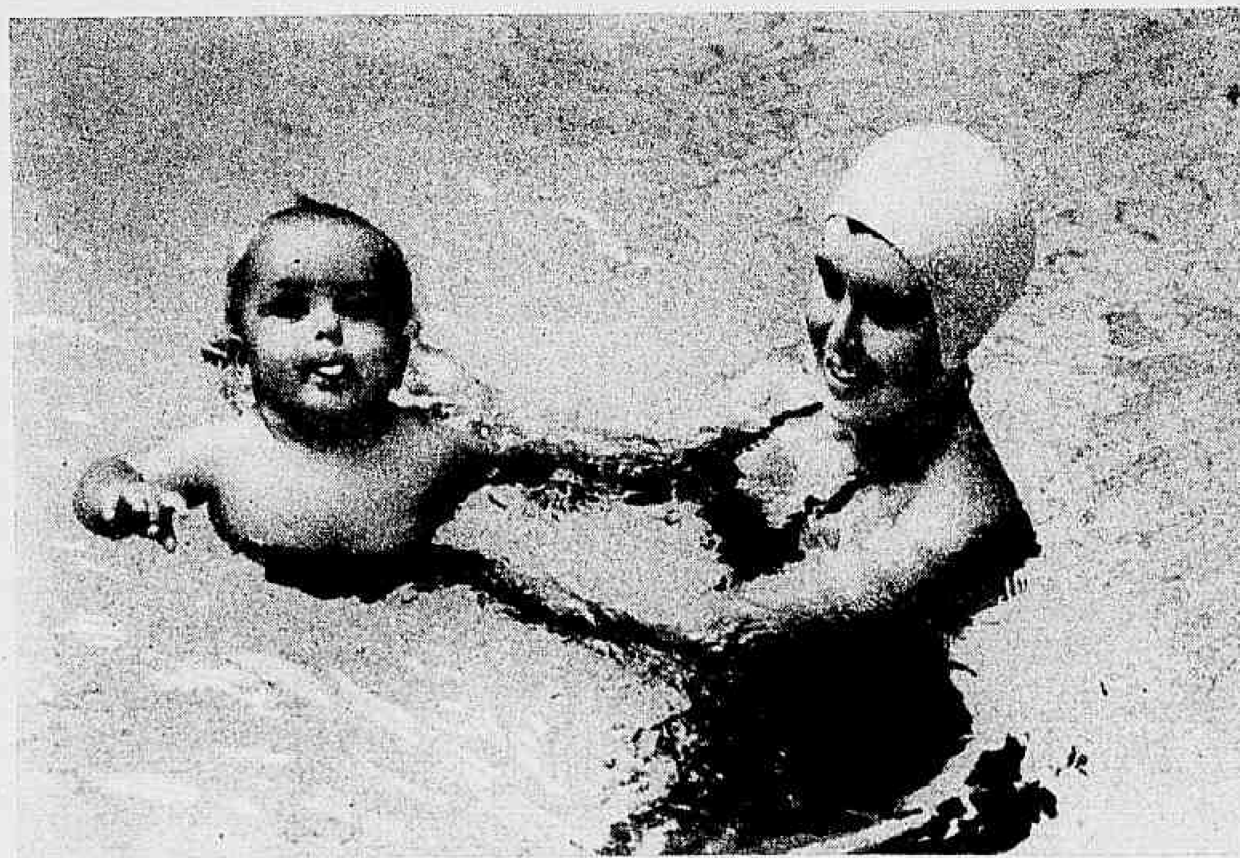
Ernest Engler é o superintendente do Zoológico de Chessington, na Inglaterra. Quando leva umas saborosas bananas ao chimpanzé, êste tem o capricho de não aceitá-las de outro modo que não assim como vemos na gravura. O sr. Engler já fêz ver ao macaco, que êle é que é o macaco, e não êle, o superintendente. Mas o nosso vovô pitecóide não se convence. Ou o homem lhe dá as bananas nesse estilo, ou êle não comerá. E parece estar a dizer: «Estou aí nessa bôca, Mr. Engler...»

REFORMA AGRÁRIA

Prossegue, intensa, a reforma agrária na terra de De Gasperi. A questão do «mezzogiorno» latifundiário, está sendo resolvida dentro dos princípios da democracia, sem o recurso violento do extremismo. O poder público italiano já distribuiu terras a cêrca de 180 mil famílias camponesas, fornecendo máquinas agrícolas, casa e assistência técnica. Nesta foto apresentamos alguns trabalhadores do campo examinando máquinas que lhes foram distribuídas para entrar imediatamente em ação.

JANELA SÔBRE O MUNDO





FEITIÇO DE BULAWAYA

Hella Toros, da «Covent Garden Opera Company», estêve trabalhando nas festas centenárias de Rhodes, tendo voltado a Londres trazendo de Bulawaya uma porção de «recuerdos» e «souvenirs» de grande significação. Vejam o que ela suspende das mãos: objetos de feitiçaria local, filtros tocados pelas mãos do Além. Tudo e mais alguma coisa foram oferecidos pelos nativos, encantados pela graça e jovialidade de Hella, que, com certeza, vai ter agora muito mais admiradores.

DESCULPE LEITOR...

Mas não é o que pode parecer. Êsse garotinho, Bobbie, conhecido na intimidade como «Buster», é filho do sargento instrutor, Robert Anderson, da Marinha Real da Inglaterra. Bobbie é doidinho por natação, e, para vê-lo feliz, sua mamã o leva à piscina da Marinha em Deal, Kent, ensinando-lhe a nadar. O garotinho, que tem apenas nove meses de existência, já demonstra grande inclinação para a água. Se continuar assim, será um grande marujo, ou, pelo menos, um campeão olímpico,



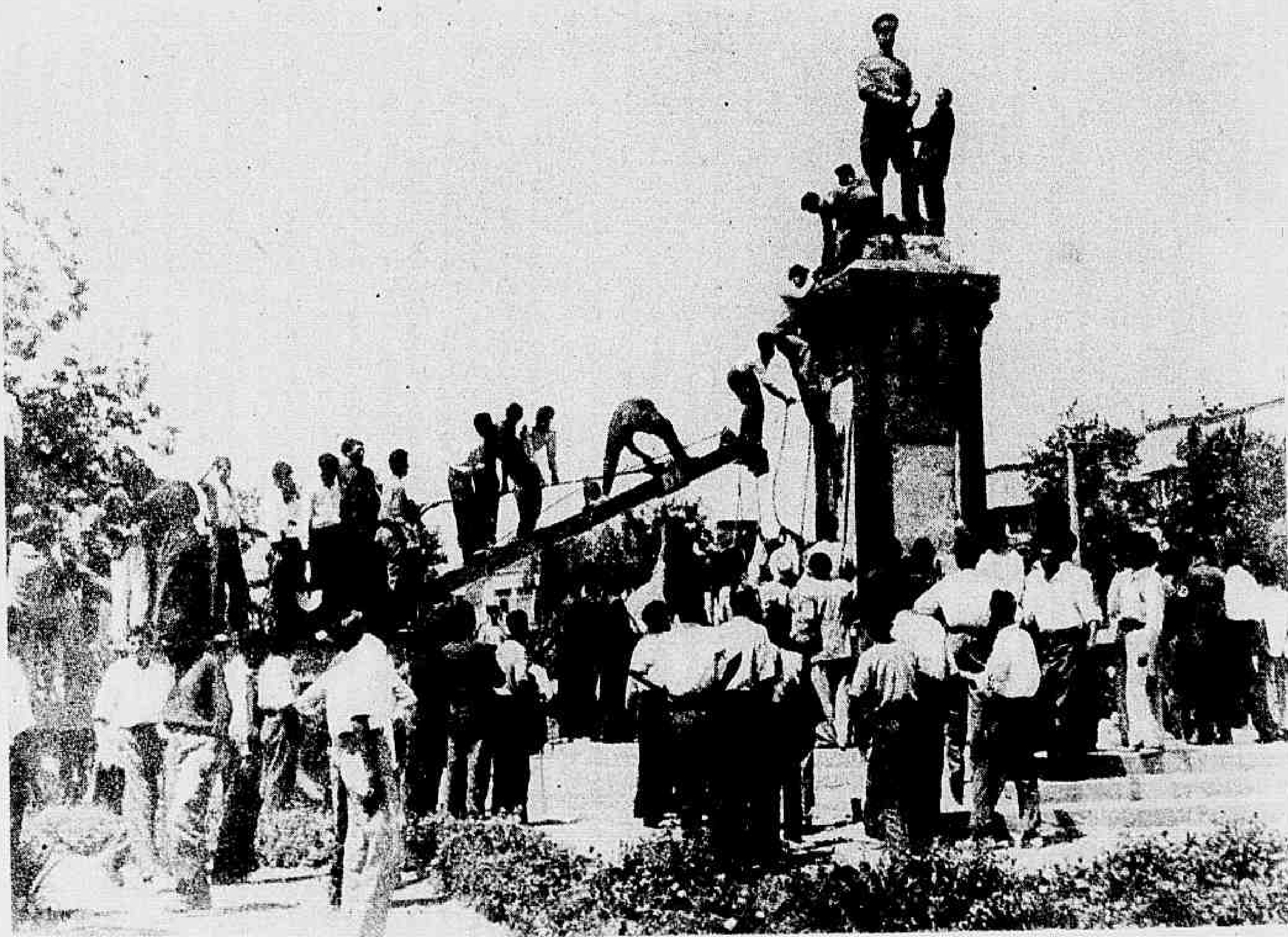


QUE NÃO FLORESÇA

Dizem as elegantes de Londres, que êsse modêlo de chapéus se chama «Shagreen»; é de veludo e sêda, com uma pena semelhando a grande fôlha caindo para baixo, enroscada a uma coisa que se parece com um tronco bastante alto para o tamanho do chapèuzinho. Tudo muito bem, sim senhores; mas, pelo amor de Deus, não modifiquem o plano, fazendo florescer o caule que enfeita o barrete. Imaginem só, uma porção de galhos e fôlhas a irromper dêsse tronco, num cinema...

RECUSOU UM MILHÃO

Rita Hayworth tem ao colo sua filha Yasmin, cujo pai é o príncipe Aly Khan, de quem está separada. Segundo notícias divulgadas pela imprensa, Aly Khan desejava que a menina se educasse na religião muçulmana, para o que ofereceu um milhão de dólares a Rita, para que esta consentisse. Mas a «estrêla», que vai casar-se com o cantor Dick Haymes, ficou indignada, e respondeu ao príncipe que, de maneira nenhuma, permitiria que Yasmin fôsse educada sob outro sistema que não o norte-americano.



A PAI DO XÁ

As agitações políticas registradas recentemente em Teerã, capital do Irã, tiveram voltas e vira-voltas surpreendentes, a pequenos espaços de tempo. Aqui vemos os partidários de Mossadegh assaltando o monumento ao pai do Xá, laçando-lhe a estátua e derrubando-a em seguida, como protesto contra a coroa. Logo depois, porém, a coisa virou contra o velho Mossadegh. O rei, filho do que fôra derrubado em estátua, volta triunfante, e os partidários de Mossadegh são metidos no xadrez.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

FRANCESCA DA RIMINI

Por MARIA CARETTI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

SE não falares, eu te farei encerrar na mais tétrica das celas desta cidadela, com cinco de meus cães, e lá te deixarei, até que tenham destroçado tua carne e esmigalhado teus ossos.

— Como posso dizer-vos, senhor, aquilo que não sei?... Piedade!

— Piedade? Existe alguém no mundo que possa invocar a minha piedade, quando me atormento dia e noite, e o veneno que há em meu coração intoxica-me a alma e o corpo? Quando nasci, tinha eu alguma culpa, por acaso, para que Deus me fizesse como me fêz? Que piedade teve Êle para comigo? Êle que se faz chamar de clemente e misericordioso? E... eu tenho que ter piedade? De quê? Fala, eu exijo, fala!

Andava como um doido, para cima e para baixo, pela sala. As pernas aleijadas pareciam ainda mais mal ajustadas ao fêmur torto.

Mano se encolhera num canto e tremia, prevendo uma agressão brutal, observando o amo exasperado. Com seu silêncio excitava-lhe mais a ira. Parecia-lhe que a agitação de Giangiotto, ainda que aparentemente lhe houvesse tirado qualquer resquício de raciocínio, não tinha atingido o paroxismo da loucura. Atiçava-o, com meias palavras, querendo e não querendo dizer, apegando-se a falsas reticências, a silêncios intencionais.

— Deves ter visto, deves saber. Tinhas minhas ordens precisas de ver e de saber.

— Já vos disse tudo que podia dizer. Eu juro... Juro sôbre minha honra.

— Tua honra? Me fazes rir. Achas que a honra é mercadoria de vilão? Os homens de tua espécie não podem empenhar a honra, como se fôssem cavalheiros!...

CAPÍTULO V

(Conclusão)

— Senhor, perdoai-me. Se não acreditais em minha honra, ao menos espero que hás de acreditar no juramento que faço sôbre o crucifixo.

— Pior ainda...

— Então, que devo dizer-vos? Não vos basta, para ter confiança, minha fidelidade de tantos anos? Não vos servi em tôdas as circunstâncias? Podeis pôr-me numa cela com vossos cães. Achais, porém, que os ossos esmigalhados poderão contar-vos o que eu posso? Dai-me, ainda, um pouco de tempo.

— És o mais velhaco e sinistro homem que me cerca.

— Sou o mais afeiçoado de vossos servidores.

— Então, que sabes?

— Dai-me tempo... Sou velho... A memória é fraca... Sim, me vem a mente uma nova circunstância.

Ao contar o que vira, exarcebava a angústia terrível do amo atormentado, que interrompia cada frase com uma blasfêmia, rangendo os dentes. Giangiotto, de instante a instante, aproximava-se de Mano, e agarrava o seu pulso como se tivesse tenazes de aço, no lugar das mãos. Inclinava-se sôbre o rosto do servidor, como a beber-lhe as palavras, e, por duas vêzes, agarrou-o pelo pescoço, como para estrangulá-lo. Quando êle nada mais tinha a dizer, Giangiotto deixou-o, ameaçando:

— Vai. Observa e conta-me o resto. Ai de ti...

O velho, deixando uma hora depois a cidadela de Gradara, e passando a ponte levadiça, olhou para a fortaleza sinistra, cercada de tôrres e murmurou:

— Minha hora está para chegar. Terei vivido bastante, então.



«Artur foi um rei valoroso, vencedor de muitas batalhas. Destruiu junto ao rio Douglas um exército combinado de saxões, de escoceses e de pitas; cercou a cidade de York, submeteu a de Lincoln. Venceu os escoceses e os pitas em Dumbritton. Entre uma vitória e outra desposou Guanhumana.»

— Não, Paulo, Ginevra.

Guanhumana e Ginevra são a mesma pessoa. Por êste segundo nome chama-a o autor do livro que estamos lendo.

— E que tanto me agrada.

— Acredito, Francesca. As histórias dêste livro apaixonam e comovem.

«Artur amava profundamente a bela rainha. Entre uma batalha e outra corria a receber o prêmio de suas vitórias, dos lábios da espôsa adorada.»

— O que costumas me contar é ainda mais belo do que êste livro. Vamos nos sentar sob esta pergola e conta-me a continuação.

— Está bem. «Voltou, pois, o rei Artur, de uma de suas batalhas, e as servas, chorosas, contaram-lhe que a espôsa fôra raptada. O corajoso rei chorou e chamava dia e noite por sua espôsa dileta. Declarou não poder sobreviver a tanta dor. A «tavola» redonda, em tôrno da qual costumavam reunir-se os amigos de Artur, ficou deserta, e o palácio mais triste do que se a rainha tivesse morrido.

Então, um dos valentes cavalheiros, Lancelote, pediu ao rei licença para ir procurar a rainha raptada, declarando estar disposto a arriscar até a vida nesse empreendimento. O rei se apegou a êsse fio de esperança, e Lancelote partiu».

— Sabia, êle, onde ir?

— Não, não sabia. Era porém valente e confiava na sua coragem, na sua sorte e no seu desejo de devolver a paz ao seu rei. «Peregrinou por muito tempo, de castelo em castelo, perguntou com inteligência, livrou-se de muitas armadilhas, e, finalmente, encontrou aquela que procurava. Grande foi a alegria da rainha em poder voltar à pátria do espôso. Viajaram juntos, cavalgando um ao lado do outro. Atravessaram cidades, vilas, montes e vales; atravessaram rios, em barcas; riachos, a vau; dividiram entre si o pão e a água, e dormiram onde foi possível, um ao lado do outro. Pouco a pouco, a companhia constante e forçada, transformou-se em uma doce ternura. Quando chegaram ao castelo do rei Artur, que devia ser uma meta alegre, sentiram sòmente tristeza e solidão».

— Era amor?

— Sim, era o amor, Francesca.

«Nenhum dos dois o havia desejado, mas seus corações estavam sendo devorados e não encontraram outro remédio para seus sofrimentos se não aumentar, cada dia, a chama que os devorava. A rainha consumia-se de insônia, o cavalheiro, incapaz de dominar sua paixão, sentia-se perdido. Fugiam um do outro, com mêdo de não poderem resistir, procuravam ser fortes para não fugir, porém, seus olhos se encontravam...» Que tens, Francesca? Estás pálida.

— Parece-me que esta história também a ti comove, Paulo.

— Naturalmente, é uma história muito comovente. Desejas que continue?

— Sim, Paulo.

«Lancelote tinha um grande amigo, um cavalheiro que se chamava Galeoto. Êste não podia ver um jovem tão valente definhar sob a dor, a ponto de quase morrer; e uma senhora boa e bela como a rainha se perder num caminho atormentado e sem saída.

Pensando num jeito de tornar felizes os dois enamorados, encontrou um lugar seguro e protegido contra as indiscrições onde êles pudessem se encontrar.»

E foi naquele lugar, Francesca...

— Que aconteceu?

— Como no livro Galeoto conta, em versos, a cena terna do encontro entre a bela rainha e o seu enamorado cavalheiro, nós poderemos lê-lo juntos, Francesca.

— Sim, Paulo.



— Anda! Anda! Anda!

O chicote sibila no ar e abate-se sôbre a garupa do animal, que, com o ventre quase em terra, galopa pela estrada, sob o arco da lua. O ritmo dos cascos que batem, ora sôbre seixos, ora na terra dura, ecoam no silêncio da noite, acordando as pessoas adormecidas nas casinhas que branqueiam aqui e lá, atrás das cêrcas. Quem se atreve a andar sòzinho, em plena noite, pela estrada perigosa, percorrida por malandros e bandidos de tocaia? De onde vem e para onde vai aquêle cavalheiro que joga sua montaria numa corrida desabalada?

— Anda! Anda! Anda!

O animal se desmancha em suor, os maxiliares tremem-lhe, relincha a cada chicotada, e continua a galopar. Sombras de árvores espantam o cavalo, o que ocasiona perigosas paradas repentinas. A mão firme do cavalheiro, porém, prevê, corrige, elimina o pavor da montaria. Enfia as esporas no ventre e faz o animal sangrar. Êste empina, e esforça-se para se libertar, porém o freio dobra-o e a voz do cavalheiro doma-o. Um suor ácido se evapora pelo ar fresco da noite. O caminho não é muito longo, porém a ânsia do cavalheiro parece não ter fim. De tanto em tanto volta-se para trás, a fim de medir o espaço percorrido, depois, procura ver adiante de si, para saber quanto ainda falta para chegar. Porém, a cidadela à qual se dirige projeta-se escura, antes que êle tenha percebido que chegou. Pára o cavalo de chôfre, olha em tôrno, encosta-se a um tronco, e espera.

Alguns minutos depois uma sombra se move em sua direção.

— Desmontai, meu amo.

— E o cavalo?

— Fica amarrado a esta árvore, depois virei buscá-lo.

— Por onde entramos?

Pelo portãozinho que há no desfiladeiro. Esta noite não tem sentinela. Vamos.

Mano na frente, o coxo atrás... Em silêncio, e prudentes como dois ladrões. De um bosquezinho se levanta um pássaro espantado, esvoaça e lança na noite um grito de mau agouro.

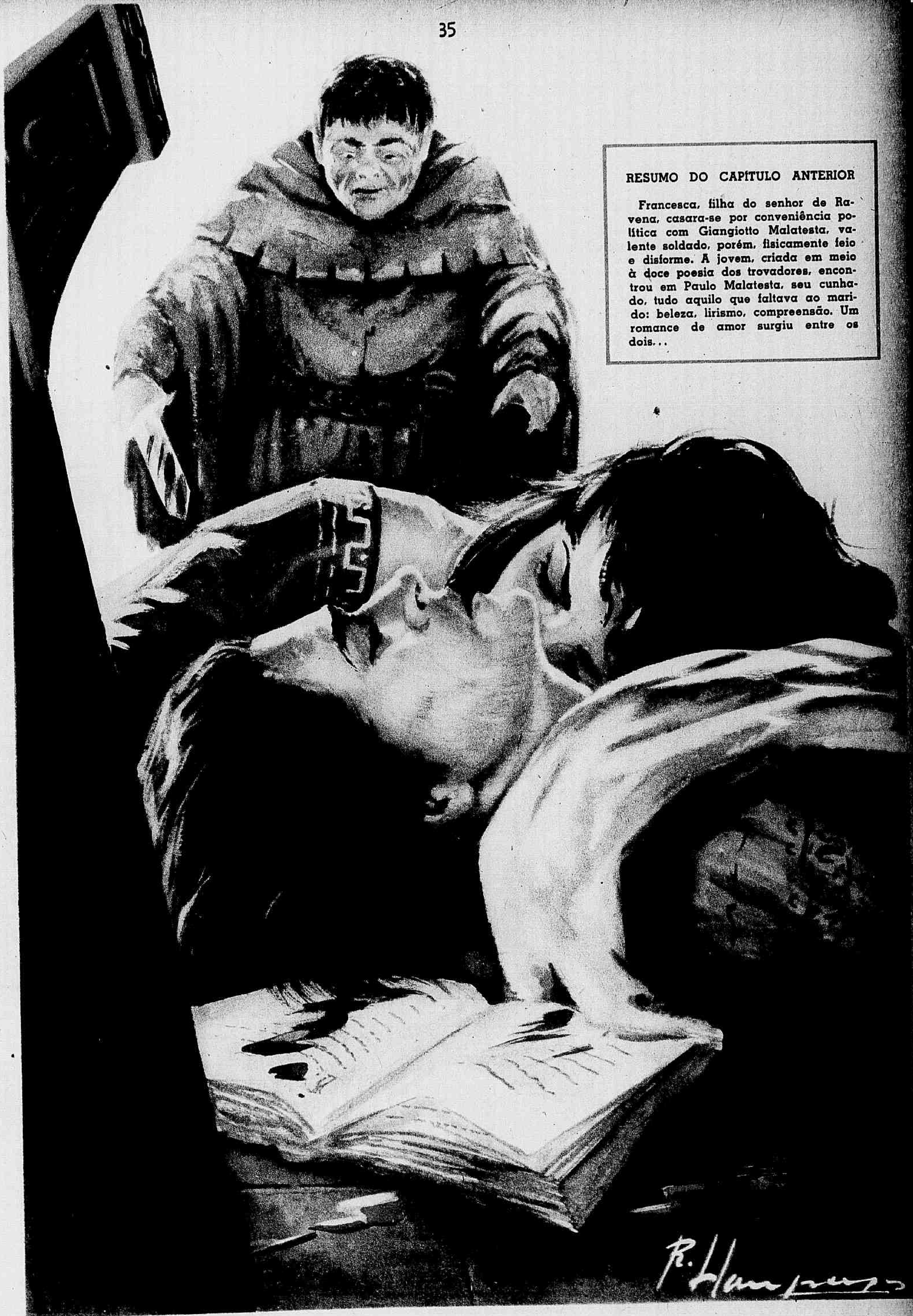


«Então, disse Galeoto:

— Rainha, se tivésseis coração não faríeis sofrer assim o cavalheiro que vos ama. Êle sòmente espera de vós uma palavra de esperança ou de desespêro. Eu me vou, para que não fiquem intimidados, mas, antes quero dizer-vos que amor não é culpa, e, quando invade a alma não a deixa mais.

Tendo assim falado, Galeoto deixou sòzinha a rainha e o cavalheiro. A rainha levantou os olhos para Lancelote e, vendo-o tão pálido e comovido, que de mãos juntas oferecia-lhe o coração, não conseguiu esconder a tempestade que a revolvia. Aproximou-se, inclinou-se sôbre êle — que estava de joelhos — tomou-lhe o rosto entre as mãos, para um primeiro e inesquecível beijo: os seus lábios, sôbre os lábios dêle.»

(Continua na página 46)



RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Francesca, filha do senhor de Ravena, casara-se por conveniência política com Giangiotto Malatesta, valente soldado, porém, fisicamente feio e disforme. A jovem, criada em meio à doce poesia dos trovadores, encontrou em Paulo Malatesta, seu cunhado, tudo aquilo que faltava ao marido: beleza, lirismo, compreensão. Um romance de amor surgiu entre os dois...

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

DARCY PENTEADO continua sendo o ilustrador mais solicitado da paulicéia. Ainda agora terminou de ilustrar o novo livro de contos de Saldanha Coelho que deverá aparecer nos próximos dias de agôsto. Executou, para a Livraria Martins Editôra, a capa para uma antologia, cognominada: «As Obras-Primas do Conto Humorístico Universal». E será o ilustrador de mais duas antologias, a aparecer muito em breve na mesma editôra: «As Obras-Primas do Conto Religioso» e «As Obras-Primas da Novela Universal».

TEVE ENORME REPERCUSSÃO, nos círculos intelectuais de São Paulo, o fechamento do jornal carioca «A Manhã» e, conseqüentemente, do seu suplemento literário «Letras e Artes», fundado por Jorge Lacerda e dirigido posteriormente, com tanto critério, pelo contista Almeida Fischer.

PEDRO OLIVEIRA Ribeiro neto, o poeta de «Sol na Montanha», encontra-se na Europa desde março. Maria Leontina Franco e Milton Dacosta continuam no Velho Continente e não sabem ao certo quando voltarão.

A FIM DE homenagear as vencedoras do Concurso Feminino de Poesia, idealizado por Maria Antônia e patrocinado pela «A Gazeta», o casal Miguel Franchini Neto reuniu em sua esplêndida residência um homogêneo grupo de intelectuais paulistas. Entre os presentes, além de Lacyr Schettino, Maria José de Carvalho e Renata Pallottini, as três premiadas, anotamos os seguintes nomes: Maria de Lourdes Teixeira, Mário Donato, José Tavares de Miranda, Carmen Dolores Barbosa, Lasar Segall, Jenny Klabin Segall, José Geraldo Vieira, casal Gregori Warchavchik, casal Lourival Gomes Machado, cronista Odete de Freitas, Christina e Victor de Azevedo, Domingos Carvalho da Silva, casal Edgard Cavalheiro, casal Hernani Seabra, Diogo de Assis Pacheco, Oswald de Andrade Filho, Suzana de Campos, Cleómenes Campos, Flávio de Carvalho, Maria Kareska, Osmar Pimentel, Inezita Barroso, Paulo Autran, Ibiapaba Martins, Antônio Rangel Bandeira, Tarsila do Amaral, Paulo Dantas, Dinorá de Carvalho, Maria de Lourdes Lebert, Darcy Penteado, Reynaldo Bairão e muitos outros.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● ALMANAQUE MELHORAMENTOS Nº 1 — Uma das tradições das grandes editôras, assim brasileiras, como estrangeiras, tem sido a publicação de seu almanaque. Verdade é que ùltimamente essa antiga praxe deixou de prevalecer, passando a figurar apenas entre os motivos de saudosismo. Restabelecendo o prestígio da arte gráfica nacional e retomando um hábito de leitura da família brasileira, as Edições Melhoramentos acabam de oferecer aos leitores «Almanaque Melhoramentos Nº 1», em moldes modernos e atraentes. Além do calendário de 1954, as suas bem ilustradas páginas inserem histórias, curiosidades, ensinamentos, biografias, notas de valor cultural e recreativo, contos, lições em forma suave. Estamos em que «Almanaque Melhoramentos Nº 1» constituirá satisfação dos meios ledores, ao mesmo tempo que orgulho do trabalho gráfico entre nós.

● CAÇANDO E PESCANDO POR TODO O BRASIL — Assinado por Francisco de Barros Júnior, abrange, não só as sensações de caça e pesca, mas igualmente esplêndidos comentários do autor, que é um espírito arguto, observador, meio irônico. As Edições Melhoramentos fizeram nova tiragem do 2º volume, que focaliza Mato Grosso e Goiás, sendo os outros tomos assim distribuídos: 1º, Brasil Sul; 3º, Planalto mineiro, o S. Francisco, Bahia; o 4º, Norte, Nordeste, Marajó, Grandes Lagos, o Madeira, o Mamoré; o 5º, Purus e Acre; o 6º e último volume, Araguaia e Tocantins.

● TEORIA E PESQUISA EM SOCIOLOGIA — Volume 30 da Biblioteca de Educação, das Edições Melhoramentos, é da lavra de Donald Pierson, autoridade na matéria. Aparecendo, já, em 3ª edição, a obra confirma o entusiasmo com que tem sido acolhida nos meios cultos. E não exageramos afirmando que merece, de fato, os louvores que continua recebendo dos maiores mestres de sociologia.

MARANÓN E O BRASIL

Informam de Barcelona *que, de regresso do Brasil, Gregorio Maranón, falando à imprensa, confessou a satisfação que lhe causou a acolhida que teve no Rio e a preferência manifesta entre nós pela cultura espanhola, o que é geral na América do Sul. Confessou ainda seu deslumbramento pelo progresso de nosso país, certo de que o Brasil em pouco será uma das grandes nações do mundo.*

UM AUTOR:



THOREAU

O aparecimento agora (Revista Branca) do primeiro volume de «Walden e outros escritos», de Henry David Thoreau, vem pôr ao alcance do leitor de nossa língua a obra eminente do dileto amigo de Emerson, o «escritor de diários» que deixou uma das obras mais harmoniosas das letras do Novo Mundo. Filósofo-poeta, era dotado de rara intuição e, assim, escreveu sôbre os sêres e as coisas, páginas imortais em que à tranqüila filosofia se junta o toque lírico, fazendo dêle um escritor eminentemente agradável, tanto à inteligência como ao coração. Amando a vida simples, sabendo-lhe as doçuras das paisagens agrestes, retirou-se para sua terra natal, nas imediações do lago Walden e ali passou cêrca de dois anos, em silêncio e contemplação, anotando suas observações e pensamentos nos cadernos de que depois saiu esta série de escritos. A virtude principal dos grandes espíritos é a de dar um sôpro de eternidade naquilo que produzem. Êste livro de Thoreau nos parece, hoje, tão novo e tão fresco como à época em que foi escrito. Tanto melhor que seja conhecido hoje, por entre as atribulações da vida atual: sua beleza, sua generosidade, sua harmonia, a altitude de seu pensamento nos trarão um pouco do mundo perdido, nos fará voltar, por alguns momentos, àquele segundo Eden de que o homem novamente foi expulso, por inobservância das regras divinas, por indiciplina, por uma incontida vocação de misérias. Aí está essa obra-prima das letras americanas, legado de um dos mais belos espíritos de sempre, um dos exemplares mais seletos que já produziu a humanidade.

UM LIVRO:

O PÁTIO

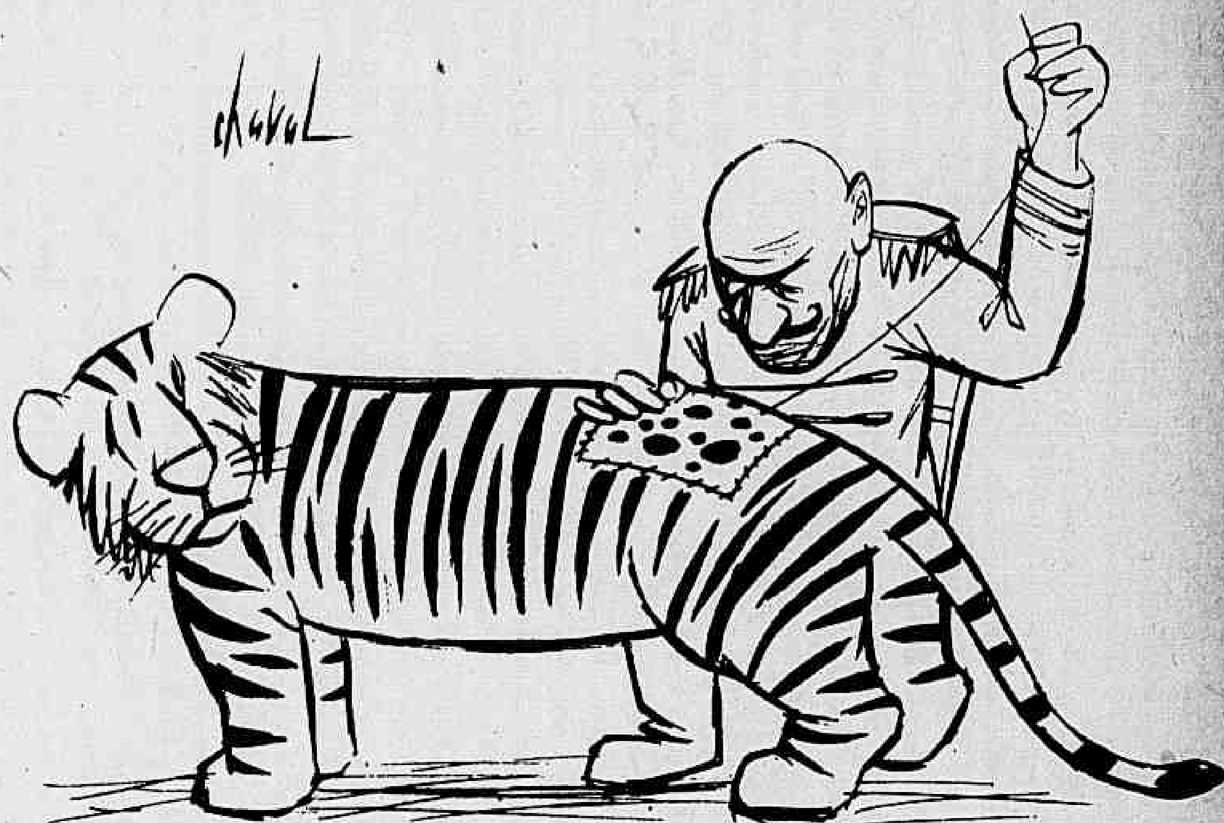
DEPOIS de «Mural», livro de contos com que fêz sua estréia, calorosamente saudado pela crítica, Saldanha Coelho nos dá agora esta outra coletânea, «O Pátio», edição da Revista Branca e com boas ilustrações de Darcy Penteado, o que sobremaneira enriquece o belo volume. O pouco tempo medeando entre os dois livros, não nos permite falar em progresso desta obra em relação a anterior, embora reconhecendo que o autor ainda se procura. O contista de «O Pátio», é jovem ainda, e revela as mesmas qualidades e os mesmos defeitos do contista de «Mural». Êsses defeitos, vamos logo dizer, são todos exteriores, dizem com a técnica, com o apressado da composição, com alguma incerteza na auto-crítica, com as inseguranças naturais no escritor em formação, num gênero que exige tanto a madureza como a experiência do escritor. As qualidades, por outro lado, são as mais louváveis: primeiro a decidida vocação para o gênero, a riqueza de fantasia e o engenho criador, tanto no que se refere aos acidentes, como na elaboração das figuras.

Com isso, que não é pouco, Saldanha Coelho nos mostra uma simpática individualidade de escritor. A simpatia é, mesmo, um de seus dotes mais firmes. Êle nos seduz, nos cativa, com as suas histórias, com a sua gente. E êsse segrêdo, está, evidentemente, no calor humano com que trata as criaturas de seus dramas, os personagens de seus contos. Há uma atmosfera de simpatia que envolve as suas páginas mais dramáticas e mais cruéis. A essa atmosfera não é estranho um certo lirismo muito discreto — Saldanha Coelho evita de propósito o conto chamado poético — umas longes pinceladas de poesia, de emoção insopitável. Algumas de suas histórias chegam a ser admiráveis de sentimento, de pungência, deixando-nos uma perturbação emocional que se mistura ao prazer estético da obra literária, mesmo quando o espírito avisado procura evitar essas sugestões do enrêdo, para permanecer no plano crítico. Podemos citar uma dessas histórias, aqui em «O Pátio», o conto que se intitula «Raquel». Essa impressão é que mais fortemente impressiona no contista, dando-nos uma sensação de simplicidade muito de notar-se em escritor que busca principalmente o artístico, para comunicar-se. Também essa qualidade é evidente no contista e, talvez, provenha daí aquela fôrça de simpatia a que nos referimos, aliciando o leitor que pode confiar em um escritor, assim, cuja emoção não submerge o equilíbrio, nem impede a segura utilização de seu meio expressivo.

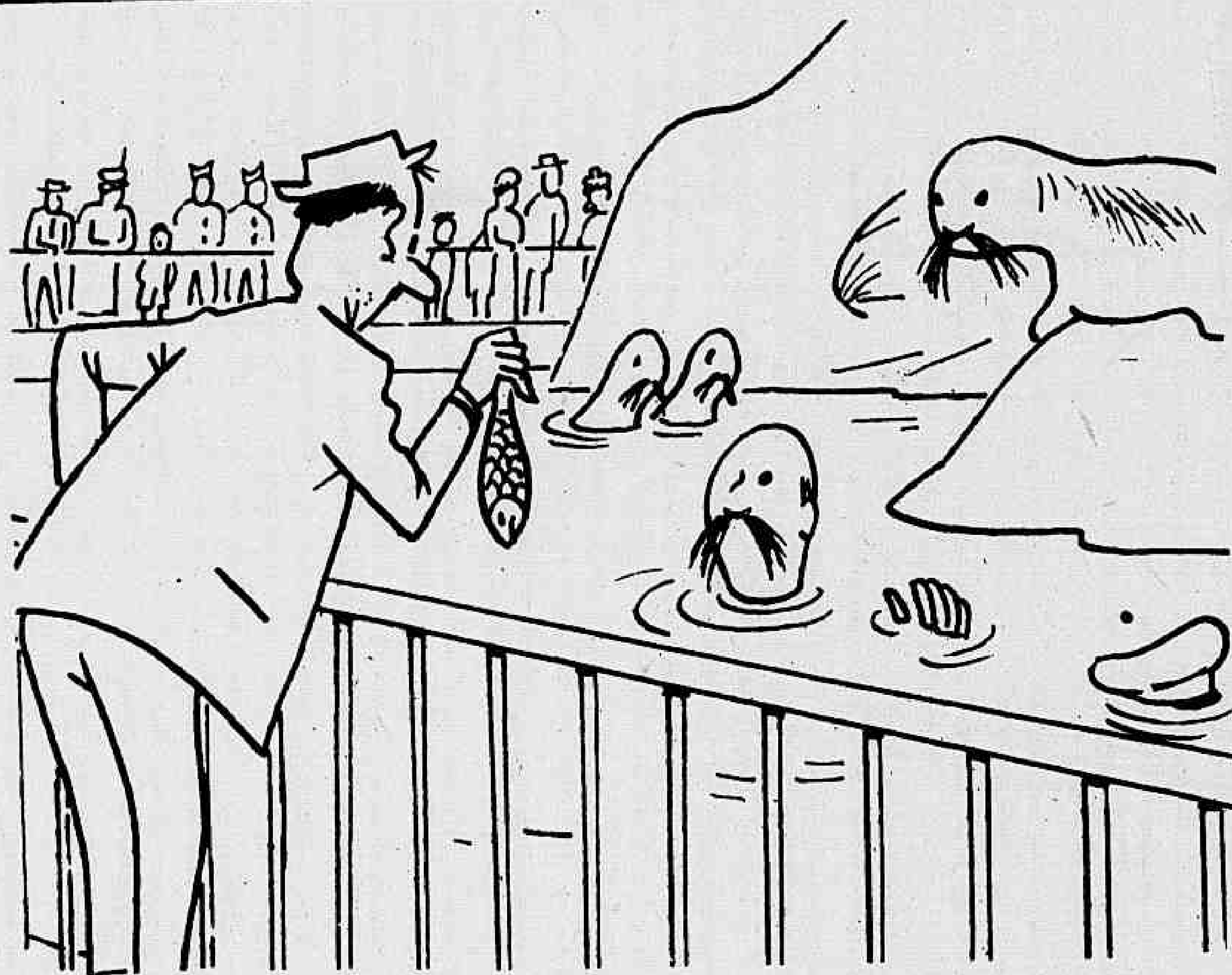
Para terminar esta breve notícia sôbre «O Pátio», devemos dizer que em Saldanha Coelho encontramos um dos mais belos contistas de sua geração, uma aptidão decisiva para a «short story», um escritor de fascinante personalidade.



CARREGADOR!!!



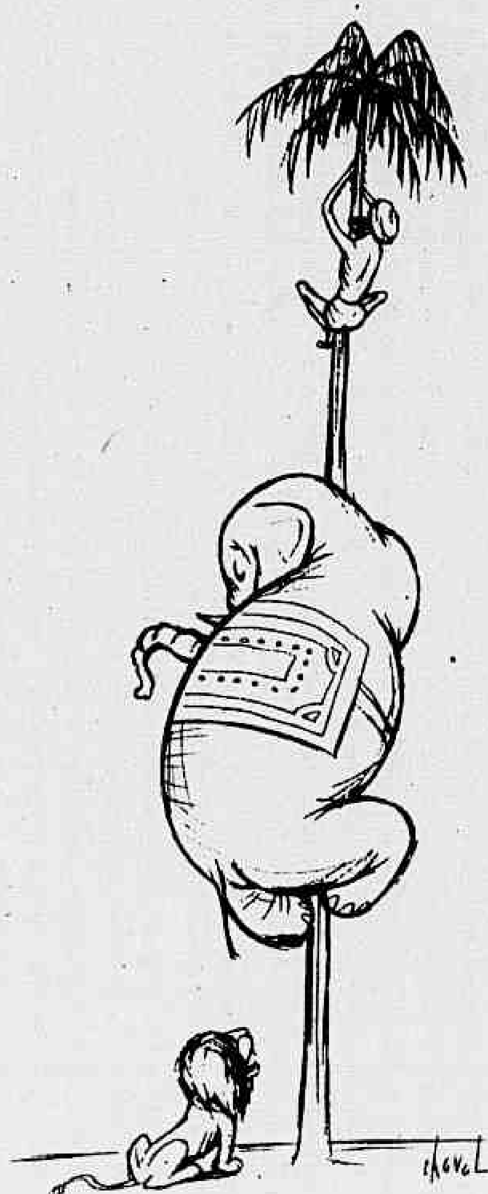
O RISO DOS OUTROS

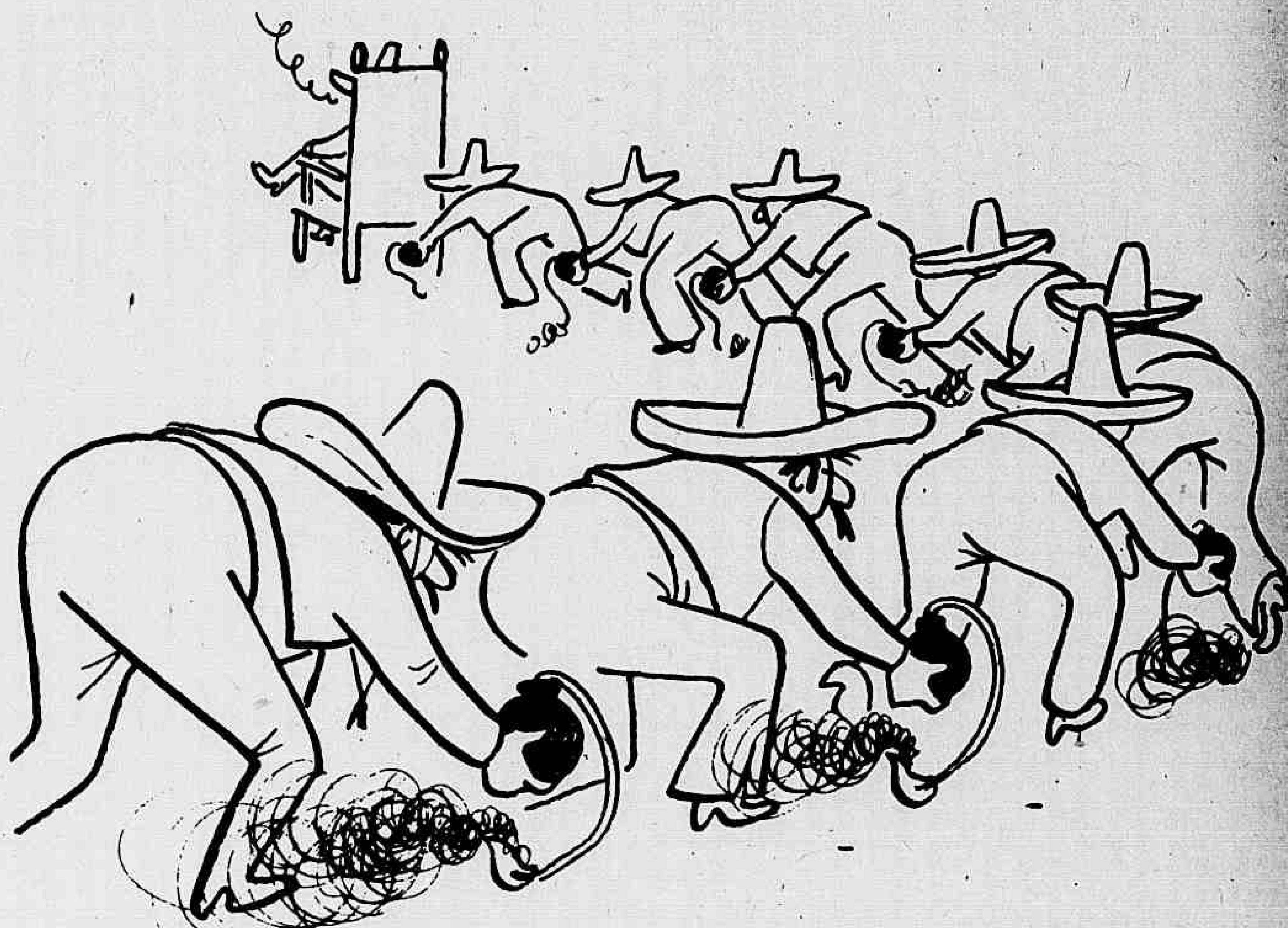


— Muito obrigado... mas eu sou o guarda...



— Bem, recapitulando tudo...







1

1

Frances Sider — *Modêlo gracioso e prático, de saída para praia. Em tecido esponja, branco, com enfeite de cadarço na gola. Mangas compridas.*

2

Jacques Heim — *Para a praia, uma "saída" três quartos, em tecido de bela e vistosa estamparia. Três bolsos de cada lado, superpostos.*

3

Cole — *Original e juvenil "short", em duas peças, confeccionado em linho grosso, amarelo canário. Bordado em festonê e ilhoses, em branco*

4

Jacques Heim — *Para se usar sôbre o maiô, um blusão em lonita listada, em prêto, branco, cinza, azul rei e azul celeste. Gola Mandarim.*

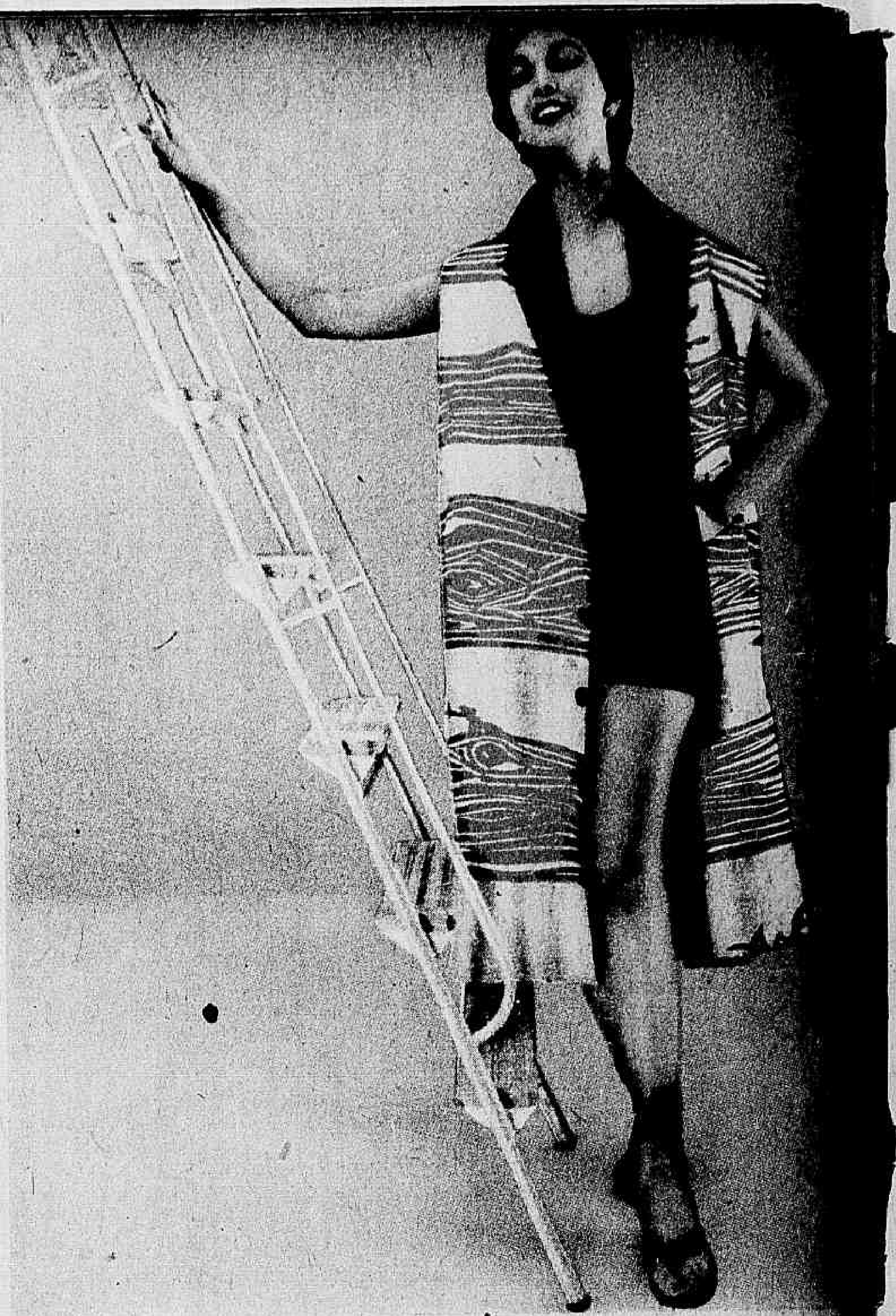
5

Cole — *Combinação de lonita lisa e listada, num short de duas peças, negro, e blusa branca, preta e vermelho vivo. Observem a disposição das listas.*

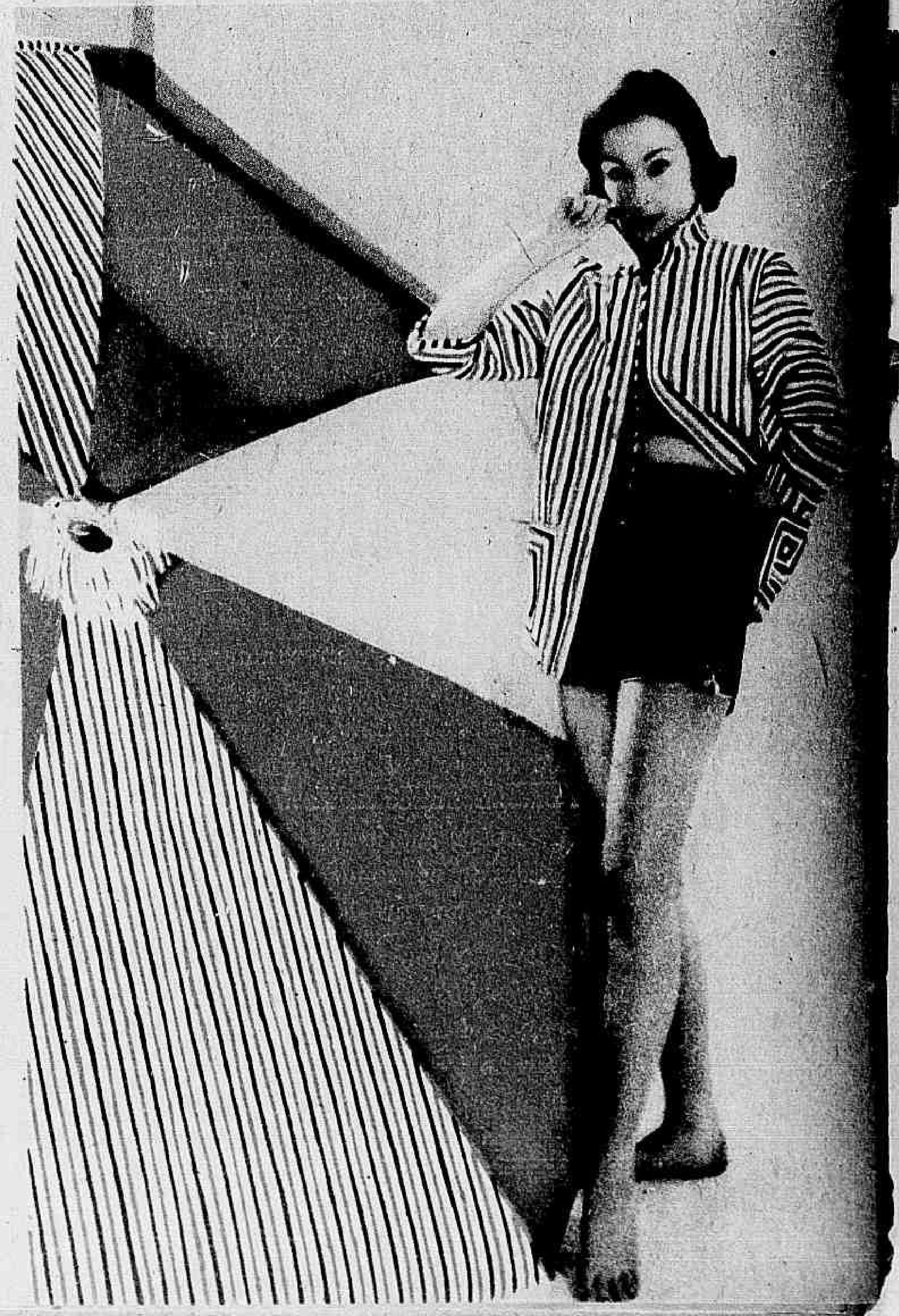
Roupa de Praia

CADA ano que passa as roupas para a praia, ou para a piscina, adquirem maior importância no guarda-roupa de verão. Como os dias de sol já vêm aí, é preciso que você vá pensando em como se apresentar elegantemente trajada na praia. Já se foi o tempo em que se punha uma blusa velha por cima do maiô!... e considerava-se o banho de mar como um esporte saudável, apenas, e não como um desfile de elegância. Os modelos, em compensação, tornam-se cada dia mais práticos. A lonita e o tecido esponja dominam nas «saídas» de praia — são resistentes, duradouros, e muito apropriados. Confeccione uma ou duas saídas de praia, escolhendo entre os modelos que apresentamos. Complete com um ou dois «shorts» e terá sua roupa de praia suficiente para tôda a temporada de banho de mar. Quanto às côres, vão desde as suaves tonalidades pastéis até as lonitas berrantes, lisas ou listadas. Há muito onde escolher. — FLAMA.


2




4





1

1

Frances Sider — *Modêlo gracioso e prático, de saída para praia. Em tecido esponja, branco, com enfeite de cadarço na gola. Mangas compridas.*

2

Jacques Heim — *Para a praia, uma "saída" três quartos, em tecido de bela e vistosa estamparia. Três bolsos de cada lado, superpostos.*

3

Cole — *Original e juvenil "short", em duas peças, confeccionado em linho grosso, amarelo canário. Bordado em festonê e ilhoses, em branco*

4

Jacques Heim — *Para se usar sôbre o maiô, um blusão em lonita listada, em prêto, branco, cinza, azul rei e azul celeste. Gola Mandarim.*

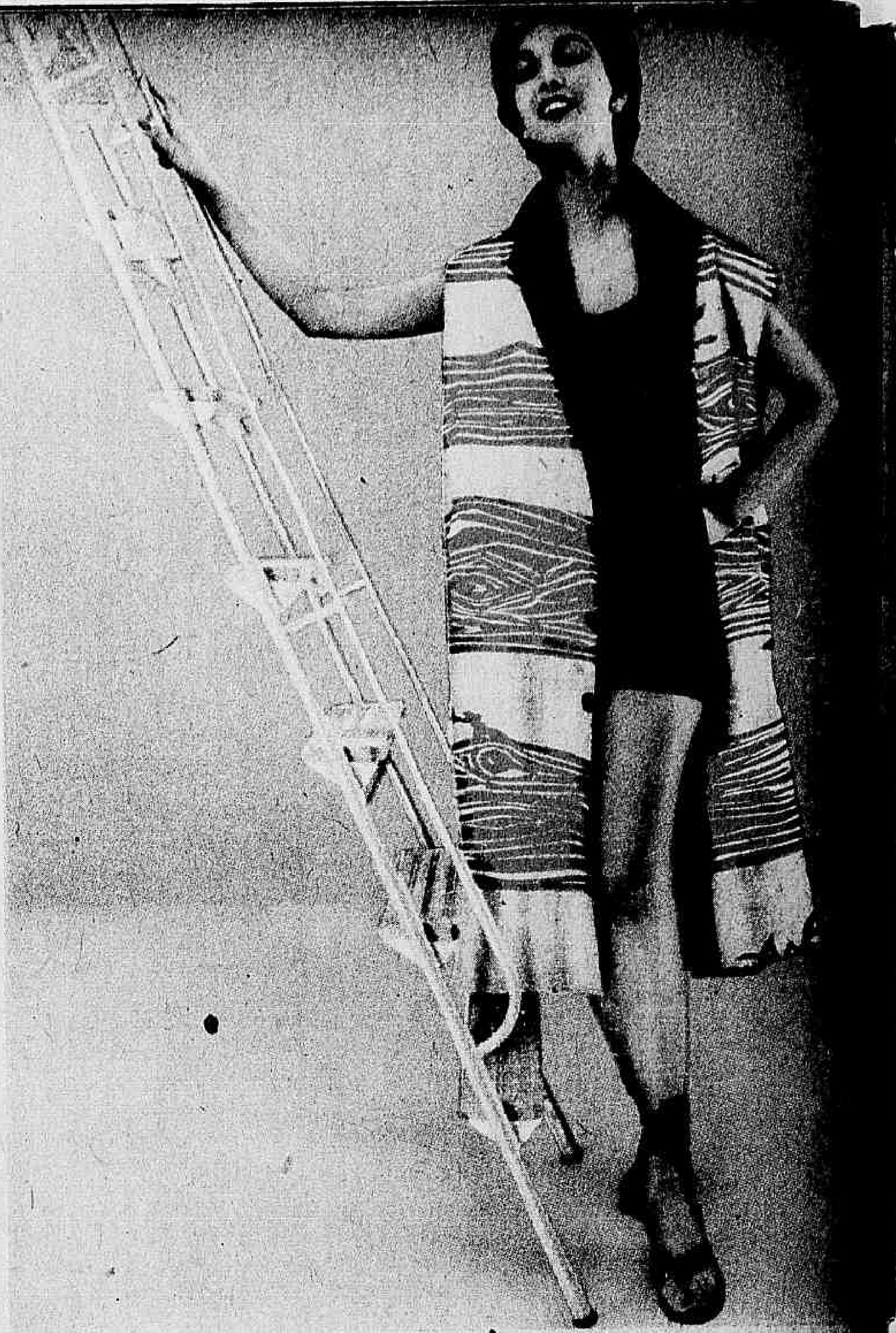
5

Cole — *Combinação de lonita lisa e listada, num* short *de duas peças, negro, e blusa branca, preta e vermelho vivo. Observem a disposição das listas.*

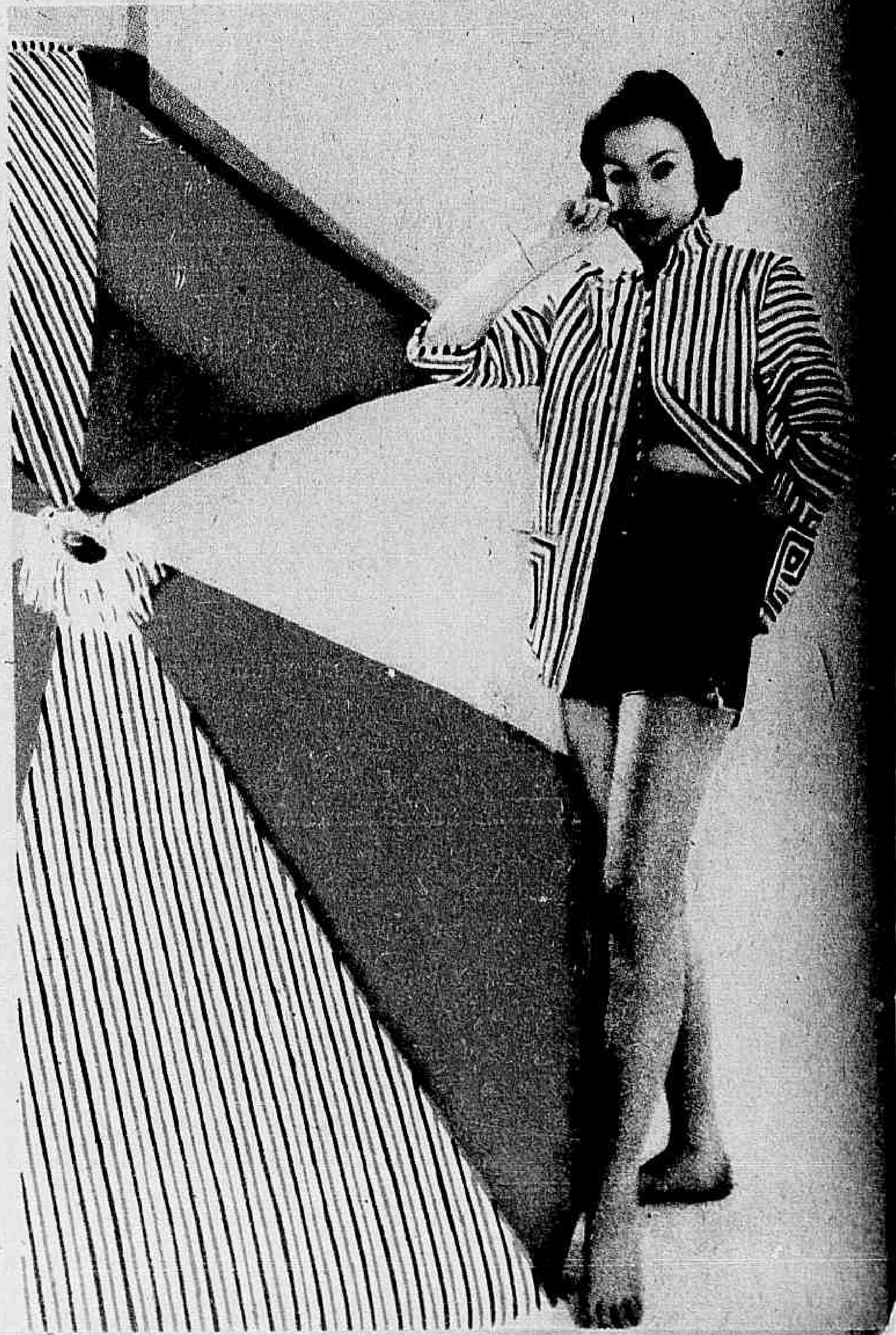
Roupa de Praia

CADA ano que passa as roupas para a praia, ou para a piscina, adquirem maior importância no guarda-roupa de verão. Como os dias de sol já vêm aí, é preciso que você vá pensando em como se apresentar elegantemente trajada na praia. Já se foi o tempo em que se punha uma blusa velha por cima do maiô!... e considerava-se o banho de mar como um esporte saudável, apenas, e não como um desfile de elegância. Os modelos, em compensação, tornam-se cada dia mais práticos. A lonita e o tecido esponja dominam nas «saídas» de praia — são resistentes, duradouros, e muito apropriados. Confeccione uma ou duas saídas de praia, escolhendo entre os modelos que apresentamos. Complete com um ou dois «shorts» e terá sua roupa de praia suficiente para tôda a temporada de banho de mar. Quanto às côres, vão desde as suaves tonalidades pastéis até as lonitas berrantes, lisas ou listadas. Há muito onde escolher. — FLAMA.


2




4



VAMOS RECLAMAR?



VIVEMOS nos lamentando que hoje está tudo desorganizado, que ninguém mais cumpre seus deveres, que volta e meia compramos objetos que ficam imprestáveis depois de muito pouco usados... no entanto, em parte a culpa é de cada um de nós, que somos muito tímidas, muito preguiçosas, ou muito comodistas, para protestar quando vemos nossos direitos espezinhados, e não lutamos por êles...

Temos que andar mais um quarteirão até em casa, porque o motorista não parou no sinal, e... tocamos a campainha (prestamos atenção para tocá-la com antecedência); a tinturaria devolve-nos a roupa mal passada ou ainda com algumas manchas por tirar; queremos falar de um telefone público e, quando procuramos na lista o nome desejado, falta exatamente a página daquela letra; compramos milhares de coisas de qualidade inferior — somos constantemente enganadas pelas casas comerciais... Isso, quando não nos atendem com desatenção. No entanto, se não fôsse por mim, por você, por cada uma de nós, êles todos teriam que fechar os seus negócios e morreriam de fome! Convençamo-nos disso, persuadamo-nos, a nós mesmas, que êles dependem de nós para viver, talvez isso nos dê mais estímulo para reclamar e exigir, quando a ocasião se apresentar...

Quantas vêzes, entramos numa casa comercial qualquer e as caixeirinhas estão em agradável bate-papo. Nas repartições e nos serviços públicos a desatenção ainda é mais chocante. Fica-se preciosos minutos diante de um guichê até que a encarregada acabe a história do encontro da véspera com o namorado, ou o enrêdo do último capítulo da novela radiofônica...

Porque não fazer um barulhão dos diabos quando a barca para Niterói ou o trem para Cascadura atrasou meia hora? Ficamos calmamente, à espera de que chegue. Entramos conformadas no meio de uma multidão que não cabe direito no espaço disponível, e não dizemos uma palavra!

E' certo que os menos culpados não são os empregados que estão mais em contato com o público. A reclamação não deve pois, ser dirigida a êles. Mas... se você se atrevesse, e junto com você centenas de outras pessoas, a procura o diretor da Central ou da Cia. Cantareira, para fazer sua reclamação sem perder a calma... se êle tivesse que fugir, se esconder, perder o sossêgo, para não ouvir as queixas continuadas que lhe chegariam... talvez as coisas fôssem melhorando pouco a pouco.

Se, tôda vez que fôr mal atendida nos correios, numa casa comercial, numa confeitaria, você procurar o gerente e deixar lá sua queixa... pode estar certa de que todos seriam servidos com muito mais presteza e atenção. Mesmo que o resultado não seja logo visível, ainda que, você, pessoalmente não obtenha nada com a reclamação, a pressão constante do público em defesa de seus direitos daria algum resultado.

Protestemos, êsse é um direito que temos como público e que, infelizmente, vai sendo pouco a pouco esquecido. Protestemos, porque o quitandeiro nos vendeu maçãs ressecadas por dentro, porque o feireiro embrulhou os tomates num saco muito fino, que se arrebentou com o pêso dos mesmos, porque as laranjas estão mais caras que as frutas estrangeiras, porque a sola do sapato descolou com a primeira chuva...

Protestemos, que alguma coisa há de melhorar. — L. J.



SUGESTÃO PARA O LAR

MEU filho vai se formar êste ano no ginásio e você pretende, como presente, fazer uma nova decoração no seu quarto de dormir. O jovem, no próximo ano, ingressará numa escola superior e deixará de ser um adolescente, para entrar na categoria mais séria de universitário. Para o novo quarto do rapaz, é que apresentamos estas idéias, muito interessantes, e fáceis de serem executadas. Recorte retratos dos heróis esportivos favoritos do rapaz — dos jogadores do seu time, dos vencedores de seu clube, enfim, existe uma porção de elementos que poderão servir de tema. Hoje em dia não será difícil encontrá-los coloridos, pois existem, publicados em revistas ou vendidos em postais.

Para a parede, faça os quadrinhos, com moldura simples. Cole os retratos no fundo da moldura, de forma a poderem ser mudados quando se quiser. Arrume-os, depois, em grupos de 6 ou 8. Enfeite, também, o quebra luz do abajur, passando por cima do pergaminho e das gravuras, depois de tudo colado, uma leve camada de esmalte cristal (encontra-se nas casas de materiais de pintura) para um bom acabamento.

O cinzeiro também tem no fundo o retrato do jogador predileto. Compre um cinzeiro comum, de vidro, e cole o retrato pela parte de baixo. Passe aí uma camada de verniz, também para evitar que se descole logo. Em vez de jogadores e atletas poderá escolher outros temas, como gravuras de carros modernos, etiquêtas de remédio (uma boa idéia, se o rapaz vai estudar medicina), marcas de cigarro, ou uma coleção de bonitas «pin-ups». NIKE

Um pouco de Beleza

ORIENTE SUA FILHA...



QUALQUER que seja a idade de sua filha, você tem como obrigação orientá-la no uso de uma maquilagem apropriada, e no tratamento da pele e da higiene corporal, tanto quanto cuida de suas leituras, ou de seus conhecimentos de cozinha ou de costura. Não quer isso dizer que as meninas devem se pintar em tenra idade, mas que deverão cuidar de sua aparência, "sòzinhas", logo que forem capazes de tal.

● Lavar o rosto — *O rosto deve ser lavado sempre, pela manhã e à noite, com água e sabão. O melhor sistema é ensaboá-lo e espalhar o sabão com uma escovinha de cerda macia, para que saia qualquer impureza ou sujo. Termine-se a limpeza do rosto, enxaguando-o com água fria, e, se possível, passando sôbre o mesmo uma pedra de gêlo, o que fecha os poros e estimula a circulação.*

A menina deverá possuir, para a limpeza do rosto, uma escova, como a indicada, um sabonete especial para a pele, e toalhas de rosto que sejam "de seu uso exclusivo".

● Cremes, óleos, etc. — *Tudo que contribui para obstruir os poros deverá ser evitado — cremes, "make ups", assim como óleo da pele nos dias de calor, e a sujidade. — A pele não poderia, assim, funcionar normalmente. Uma boa loção de limpeza, em geral, resolve muito bem o problema, e é adequada às peles jovens. Dê à sua filha um vidro grande de loção, e um pacote de algodão, para que ela possa aplicá-la. Ensine-lhe que a limpeza com a loção deverá ser seguida com uma boa lavagem de água e sabão, e, se preciso, a aplicação de um adstringente.*

● Baton, rouge, pó de arroz — *O primeiro cosmético que a menina deverá usar será o pó de arroz, que protege a pele, e evita que fique brilhando. Depois, mais tarde, um pouquinho de baton nos lábios. O rouge é perfeitamente dispensável, se ela tem uma complexão naturalmente corada.*

● Repouso, melhor fator de beleza — *Ensine-lhe que o repouso e a boa alimentação são os melhores remédios para se ter uma pele bonita, livre de cravos e espinhas. Dez horas de sono bem dormido, um copo de sucos de fruta pela manhã, frutas e leite como alimentos diários, são aconselhados para crianças e adultos. Também o esporte e a vida o mais possível ao ar livre, a tornarão saudável e com beleza sadia, a única realmente desejável.*

JÚLIA DE MILO

A CÔR DE SUA PELE

O COLORIDO da pele e sua aparência indicam se você está bem ou não de saúde. Uma pele saudável, viçosa, é sinal de que sua alimentação está sendo apropriada, e que você tem descansado horas suficientes para o repouso de seu organismo.

● No entanto, você poderá corrigir, de certa forma, a aparência da pele, usando loções apropriadas: para peles normais ou oleosas: uma loção adstringente, suave. Para as peles sêcas: ainda um adstringente, porém, a base de óleo.



CUIDE DOS CABELOS

MESMO a jovem que trabalha e que dispõe de poucos momentos para cuidar de sua beleza, não deve deixar de lado os cabelos. Não é difícil, nem demasiadamente demorado, proporcionar-lhe um aspecto agradável. É Phyllis Kirk (na foto ao lado), jovem «estrelinha» da Warner, quem explica como faz para ter os cabelos sempre bem penteados, nos períodos de trabalho estafante, em que está filmando:

● Antes de dormir faz uma coroa de «bigudis» em tôrno da cabeça, (aconselha que use alguma loção ondulatória — de que existem muitas marcas no mercado — se os cabelos forem lisos demais). Depois, amarra um lenço nos mesmos, prendendo os «bigudis». Êstes são de borracha e não incomodam durante o sono. Na manhã seguinte, em poucos instantes, removem-se os «bigudis» e, depois, é só passar uma escova nos cabelos.

WEEK-END NA COZINHA

PARA viagens, para as crianças levarem à escola, nada melhor que biscoitos e bolinhos cortados, fáceis de serem acondicionados, que se comem com as mãos, fàcilmente. Por isso, apresentamos estas três deliciosas receitas, tôdas, aliás, preparadas com melado, êsse melado bem grosso do Norte. — Tia Dulce.

★

SURPRÊSAS DE MELADO

● INGREDIENTES

- 1/2 de xícara de manteiga
- 1 xícara de açúcar
- 1 xícara de melado
- 1/3 xícara de claras, sem bater (cêrca de 4)
- 1 3/4 de xícara de farinha de trigo, peneirada
- 1 pitada de bicarbonato de sódio
- 1 pitada de sal
- 1 xícara de nozes
- 1/2 xícara de côco ralado
- 3/4 de xícara de açúcar de confeiteiro
- 3 a 4 colheres, das de chá, de água.

● MANEIRA DE FAZER

1. Bata, juntos, a manteiga, o açúcar e o melado. Junte as claras. Acrescente a farinha, o bicarbonato, o sal, as nozes e o côco ralado. Misture, até ficar uma massa bem ligada.

2. Ponha a massa para assar, num tabuleiro forrado com papel impermeável, untado com manteiga. Asse em forno moderado, de 30 a 35 minutos.

3. Desenforme sôbre uma tábua ou no mármore da pia, tire o papel. Vire para o outro lado. Misture o açúcar de confeiteiro com água, e passe essa glacê por cima de metade da massa, antes de cortar em quadros.



BARRAS DE TÂMARAS E CASTANHAS DO PARÁ

● INGREDIENTES

- 1 ôvo, batido
- 1/2 xícara de açúcar
- 1/2 xícara de melado grosso
- 1/4 de xícara de gordura, derretida
- 1 colherinha de essência de baunilha
- 1 xícara de farinha de trigo
- 1 pitada de sal, e outra de bicarbonato de sódio
- 1/3 de xícara de castanhas do Pará, descascadas e partidas
- 200 gramas de tâmaras, picadinhas
- 1/2 xícara de açúcar de confeiteiro
- 3 colheres, das de sopa, dágua.

● MANEIRA DE FAZER

1. Misture os ovos, o melado, a gordura e a essência de baunilha. Peneire juntos a farinha, o sal e o bicarbonato, e misture com os ingredientes anteriores. Acrescente as nozes e castanhas do Pará.

2. Ponha para assar, numa assadeira untada e peneirada com farinha de trigo. Asse por 40 minutos, mais ou menos.

3. Misture o açúcar de confeiteiro com a água, formando uma pasta, com ela cubra metade das barras, antes de cortá-las.

CONSELHOS ÚTEIS

● *Eis uma cobertura rápida para bôlos ou bolinhos: coloque em cima dos mesmos, assim que tirá-los do fôrno, algumas barras de chocolate de leite. O chocolate se derreterá e se espalhará, formando uma ótima glacê.*

● *Se está pensando em colocar uma mesa na cozinha, onde, eventualmente, possa fazer uma refeição com relativo confôrto, saiba que o tamanho mínimo, para isso, é de 1 metro e 20, por 60 centímetros.*

● *As garrafas térmicas devem ser mantidas impecàvelmente limpas, para que não azedem os alimentos nelas guardados. Para limpá-las, encha-as com água e uma colher de bicarbonato. Deixe assim uma noite. No dia seguinte, enxague com água limpa.*

● *Para que as gemas de ôvo não fiquem ressecadas, quando guardadas de um dia para o outro, ponha-as num copo ou numa tijela e cubra com água fria. Estarão perfeitas no dia seguinte.*



O tenente Tim Priest R. M., a [illegible] gostosamente, é o comandante da patrulha e que estêve em ação com os Comandos na Malásia.

COMANDOS SÔBRE A NEVE

A GUERRA TOTAL EXIGE TÉCNICA ESPECIALIZADA ★ A INGLATERRA NÃO QUER SER PEGADA DE SURPRÊSA ★ OS "CURSOS DE NEVE" EM GRANDES ALTITUDES ★ PARA-QUEDISTAS E HOMENS-RÃS. QUANTO MAIS REALISMO, MAIS EFICIÊNCIA ★ NADA DE IMPROVISOS ★ O HOMEM IMITA A NATUREZA COM MIMETISMOS.

OS comandos são a principal fôrça de assalto da Grã-Bretanha, e, desde os momentos mais críticos da segunda grande guerra, tiveram participação em ataques de surprêsa, dos mais perigosos e eficientes. Os Comandos devem estar sempre preparados para lutar em qualquer lugar do mundo, e sob qualquer clima, em terra ou no mar. Até agora não houve oportunidade para que os Comandos da Inglaterra operassem na neve, ou em regiões geladas; mas, isso não quer dizer que não venham ter a necessidade de atuação em setores de baixíssimas temperaturas e a grandes altitudes. Por êsse motivo foi instituído um «Curso

COMANDOS SÔBRE A NEVE



Os Comandos consultam um mapa durante o serviço de patrulhamento. Cada patrulha possui um «navegador» perito na interpretação de mapas, sendo a escolha da rota, seu serviço.

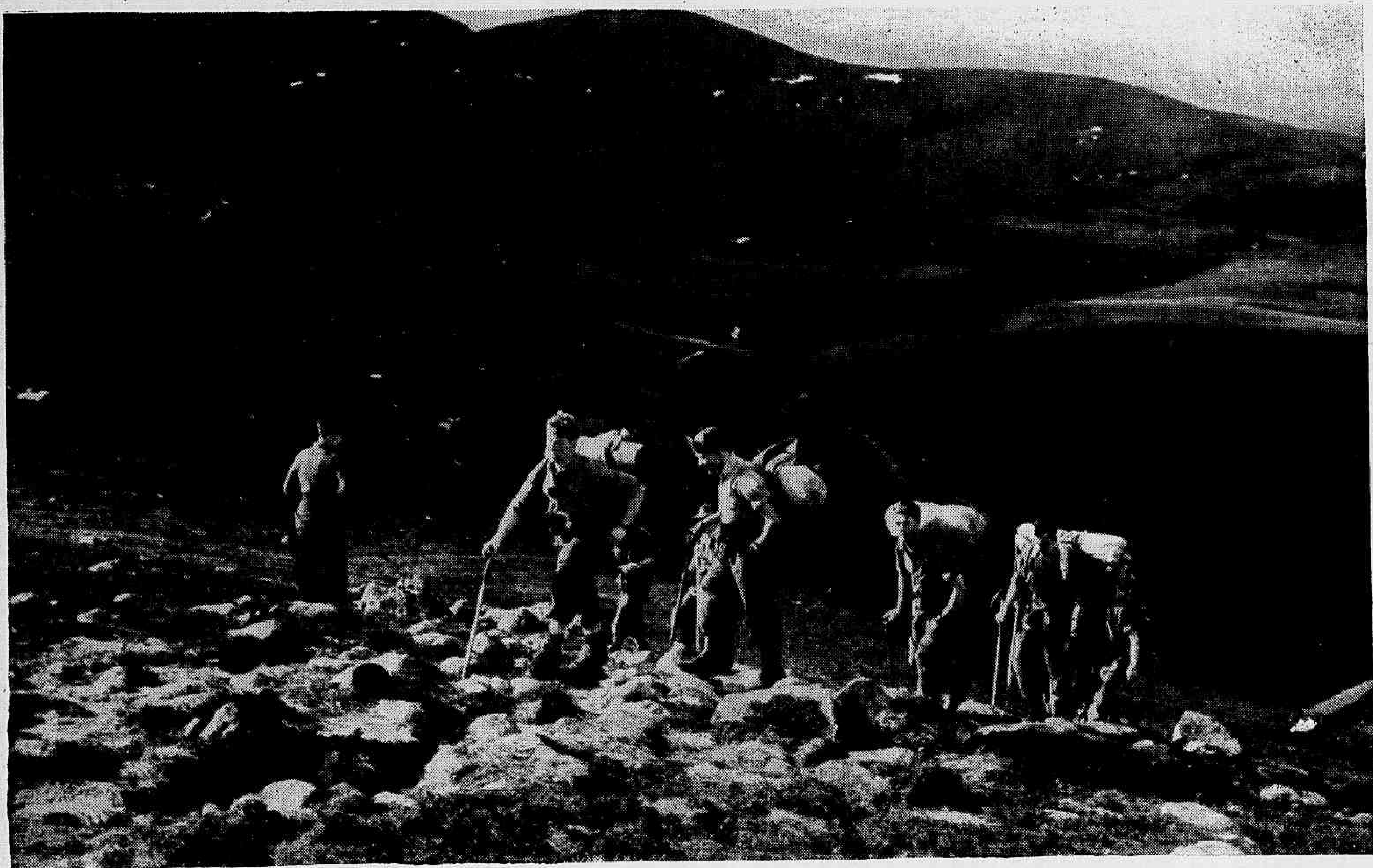
de Neve» para êsses corajosos e audazes defensores da Inglaterra, organizando-se imediatamente um serviço de treinamento intensivo.

Pára-quédistas, artilheiros e homens-rãs, entraram em função, fazendo exercícios em montanhas e campos cobertos de neve e gêlo, onde aprenderam a viver, a ocultar-se, a mover-se e a atacar o inimigo hipotético, como se estivessem em plena guerra. Êsses homens têm que ser tenazes; mas a tenacidade não é o suficiente para a guerra na montanha. Devem aprender também como combater o efeito das grandes altitudes e das baixas de temperatura no organismo humano, bem como combater os estragos nas armas e equipamentos.

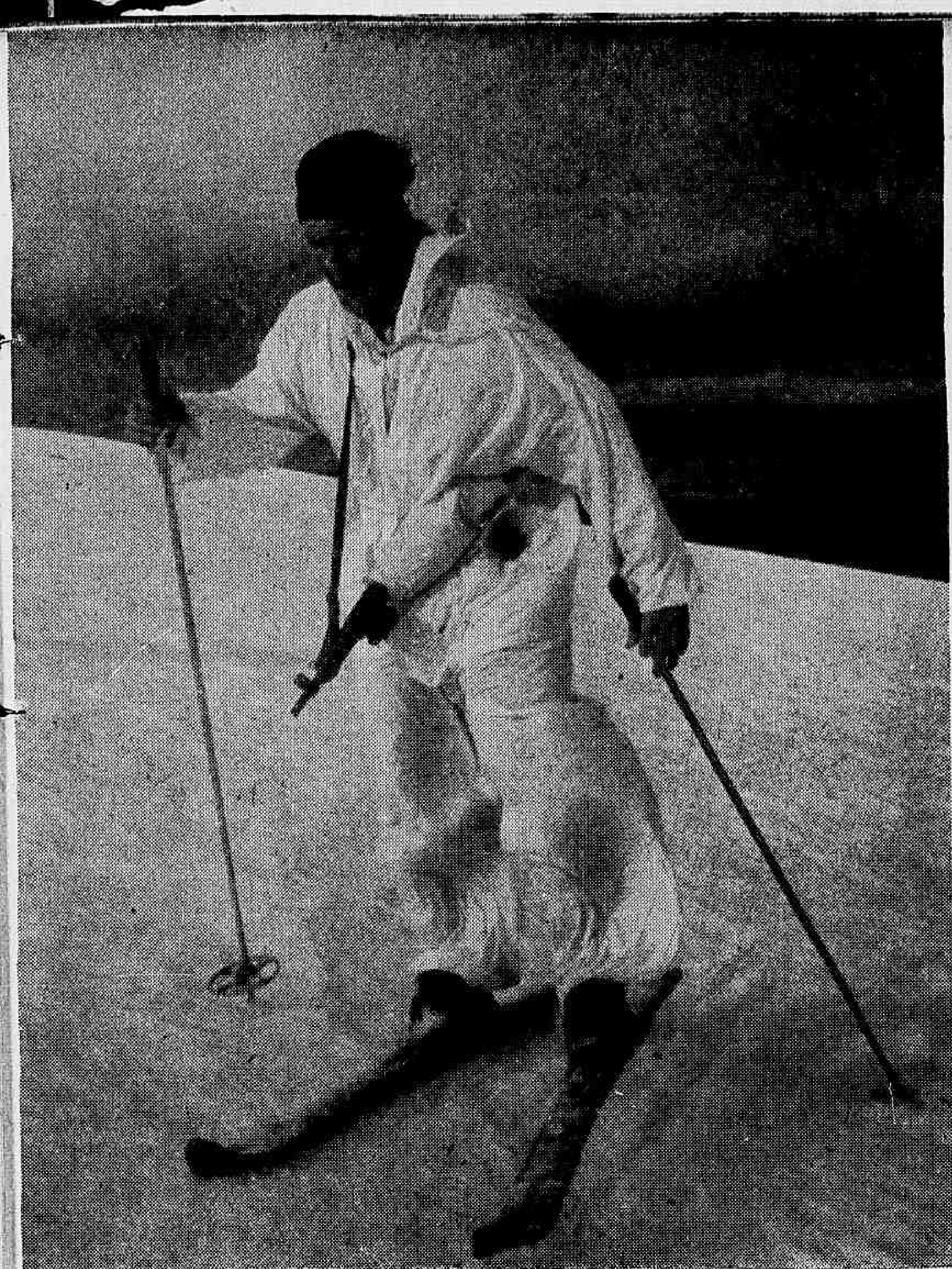
O «Curso de Neve» ensina-lhes a melhor maneira de vencer as dificuldades naturais que podem encontrar nas operações em tais terrenos. De volta a suas unidades êsses Comandos treinados estão aptos para transmitir a seus colegas, as experiências e conhecimentos adquiridos durante o curso, e utilizá-los do melhor modo quando surgir a ocasião.

Os próprios instrutores, muito antes de comandar seus homens selecionados, fazem exercícios durante semanas e semanas, praticando em esquis feitos para tais fins, de maneira que, ao chegar a época dos treinos, tudo esteja devidamente organizado e planeado para as finalidades patrióticas da preparação dos «Comandos».

Nos exercícios sôbre a neve, há ações que têm as mesmas características de uma batalha. Os «Comandos» atacam e são repelidos vigorosamente pelo «inimigo», tudo como se se tratasse de guerra de verdade. Um dos aspectos mais interessantes dêsses treinos, é o processo de que lança mão o homem para imitar a Natureza, pelo fenômeno do «mimetismo».



Carregando sôbre as costas uma mochila de setenta libras, e às vêzes cem, êsses arrojados comandos sobem cêrca de seis milhas em quase duas horas. No flagrante que aqui estampamos, podemos ver o Tenente R. H. Grant, R. M. subindo com os seus comandos o Cairngorm.



O instrutor Broadman em plena ação, quando, antes de iniciar os treinamentos dos Comandos, se entregava a cinco semanas de esquiagem.



Um dos membros da patrulha dos Comandos comunicando-se com a base, pelo rádio, o progresso das operações no campo de treinamento.



Na foto vemos uma vista panorâmica do Campo da Base Avançada a quatro mil metros de altitude no Cairngorm Plateau, onde os arrojados Comandos se habituam com a vida na neve a grandes alturas. Tudo tem de ser feito com a máxima precisão e com tôda a técnica.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 74

A	Estima, afeição (pl.) →	53	5	143	19	121	48	170	78	■
B	Que viveu muito →	1	47	166	122	138	60	■	■	■
C	Reduzo a nada; anulo →	94	149	2	50	106	127	68	162	■
D	Julgue por sentença →	87	42	100	126	62	154	57	135	160
E	Uma dezena mais quatro →	158	115	49	141	101	10	70	153	■
F	Que tem o mesmo som (pl. →	159	97	65	16	118	40	165	104	124
G	Pouca abundância; falta →	35	61	136	144	102	113	164	95	■
H	Quieta; tranquila →	12	108	34	91	84	27	55	46	139
I	Mendigação →	92	103	44	112	83	76	21	28	156
J	Devotava; consagrava →	39	110	98	67	130	140	3	151	■
K	Estado de úmido (pl.) →	51	132	69	31	43	145	96	157	■
L	Param; interrompem →	111	20	33	123	71	59	■	■	■
M	Davam apoio →	22	8	80	38	137	169	58	63	■
N	Que cessa →	72	119	7	163	18	36	155	129	■
O	Arrisquem, façam aposta →	89	82	99	30	114	148	75	■	■
P	Os que não têm pais →	32	26	17	73	131	105	■	■	■
Q	Que podem solver →	107	74	128	88	117	161	37	52	150
R	Povos da família Indo-Européia →	142	24	134	13	66	29	41	■	■
S	Comida de quartel →	85	4	133	11	■	■	■	■	■
T	Que encerram utopia →	125	14	25	147	77	64	86	109	■
U	Apoquentem; aflijam →	9	81	167	93	15	56	146	120	■
V	Mudam de lugar →	168	6	79	90	116	23	54	45	152

Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quarto vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

B 1	C 2	J 3	S 4	A 5	V 6	N 7	■	M 8	U 9	E 10	S 11	■	H 12
R 13	T 14	U 15	F 16	P 17	N 18	A 19	L 20	I 21	■	M 22	V 23	R 24	■
T 25	P 26	H 27	I 28	R 29	O 30	■	K 31	P 32	L 33	■	H 34	G 35	N 36
Q 37	M 38	J 39	F 40	R 41	■	D 42	■	K 43	■	I 44	V 45	H 46	B 47
A 48	E 49	■	C 50	K 51	Q 52	■	A 53	V 54	H 55	U 56	D 57	M 58	L 59
B 60	G 61	■	D 62	M 63	■	T 64	F 65	R 66	J 67	C 68	K 69	E 70	L 71
N 72	P 73	Q 74	■ ,	O 75	I 76	T 77	A 78	■	V 79	M 80	U 81	O 82	I 83
H 84	S 85	T 86	D 87	■	Q 88	O 89	V 90	■	H 91	I 92	■	U 93	C 94
G 95	K 96	F 97	J 98	O 99	■	D 100	E 101	G 102	I 103	F 104	P 105	■	C 106
Q 107	H 108	T 109	■	J 110	■	L 111	I 112	G 113	O 114	E 115	V 116	Q 117	F 118
■	N 119	■	U 120	A 121	B 122	L 123	■	F 124	T 125	D 126	C 127	Q 128	■
N 129	■	J 130	P 131	K 132	S 133	R 134	D 135	G 136	M 137	B 138	H 139	■	J 140
■	E 141	R 142	A 143	G 144	■	K 145	U 146	■	T 147	O 148	C 149	Q 150	J 151
V 152	E 153	D 154	N 155	I 156	K 157	■	E 158	F 159	D 160	■	Q 161	C 162	N 163
■	G 164	F 165	B 166	U 167	V 168	M 169	A 170	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 73 — ANTÔNIO FERREIRA. BRISTO. "Bem parvo é aquêle que se fia agora em virtudes; não achais por elas quem vos fie um púcaro de água. Todo o siso é dizer bem do mal, dissimular, lisonjear, mentir onde é necessário."

FRANCESCA DA RIMINI

(Cont. da pág. 34)

— Francesca!

Paulo ajoelhou-se, também êle, e, com o olhar aceso, invocava, pedia a suprema prova de amor.

— Paulo!

O livro caiu-lhe do colo, quando ela se levantou, como que impulsionada por uma fôrça sôbre-humana.

— Eu te amo, Francesca. Amo-te com um amor louco e desesperado!

— Como eu, Paulo, como eu!

Os seus braços enlaçaram os seus corpos e suas bôcas se procuraram e se uniram perdidamente.

— Serás minha, Francesca, para sempre.

— Sou tua, desde a primeira vez que te vi, em Ravena. Tua desde então, até hoje, e para sempre.

— Vamos Francesca. Entremos em casa. Acabaram-se de uma vez nossas angústias e nossos sofrimentos.

— Paulo, sinto-me leve. Tudo é tão belo agora . . . parece um conto de fadas . . . Deus, que permitiu êste nosso amor, depois nos punirá?

— O inferno vos punirá!

A voz rouca vinha de uma porta que se abrira de chôfre. Giangiotto tinha nas mãos uma espada e avançava, horrendo, o rosto contraído pelo ódio, os olhos sanguíneos, os cabelos caídos sôbre a fronte baixa e ameaçadora. Os dois amantes tiveram apenas o tempo de se voltarem, mas não de afastar-se um do outro. Francesca, antes de Paulo, compreendeu o perigo, e, com a energia que dá o amor e o desespêro, colocou-se na frente do amado e gritou para o marido:

— Primeiro hás de me matar!

— Hás de ver, mulher perdida!

Avançou como um raio, afastou a cabeça da espôsa, e imergiu a espada no peito do irmão que, sem dar um grito, caiu dos braços de sua amada, sem vida, a seus pés.

Ela lançou um grito agudíssimo, estendeu as mãos, como para se defender, porém, sua voz não terminara ainda de ecoar no trágico jardim, quando a espada a atingiu. Também ela caiu, porém a morte não chegou antes que, nos espasmos da agonia, se aproximasse do amado, tomasse-o nos braços e aproximasse sua bôca da dêle.

— Paulo, meu Paulo, ninguém poderá nos separar, jamais . . .

E morreu.

★

— Depressa o meu cavalo! Onde está Mano?

— Senhor, estava aqui, há pouco. Podemos procurá-lo.

— Não. Meu cavalo, depressa!

Repuzera na bainha a espada sanguinolenta, e, correndo apesar da perna torta, afastara-se dos dois mortos, não por arrependimento, de que seu coração não era capaz mas para correr a Gradara, onde queria proclamar sua vingança, em defesa da honra dos Malatesta. Mano, porém, que lhe abrira a porta do jardim, no momento exato em que os dois amantes se sentiam envolvidos no ímpeto da paixão, retirara-se antes da catástrofe. Quando o amo pediu que lhe trouxessem o cavalo estava perto, porém escondido, e não se moveu. Viu um servo aproximar-se com a montaria, viu o coxo içar-se sôbre o cavalo, colocar os pés nos estribos desiguais e partir para Pesaro.

— Agora, a vingança está perfeita, estamos quites. Tu fôste o culpado da morte de minha mulher e eu da tua. Esperei muitos anos, mas consegui . . .

Depois, fechou-se em si mesmo e continuou, por uma ou duas semanas, a agitar-se pelo castelo e pelos jardins, ocupado com mil e um afazeres. Até que, uma noite, ouviu-se passos no terraço, junto às mais altas ameias, e depois uma queda. Na manhã seguinte, foi encontrado estraçalhado junto à cruz que havia colocado, muitos anos atrás, no ponto onde fôra encontrada morta a espôsa.

★

Giangiotto Malatesta continuou a lutar com valentia. Quando, em 1304, sentiu não ter muitos dias de vida, foi tomado de um mêdo louco de morrer. Implorou aos médicos e aos familiares que o salvassem. Prometeu enriquecer a quem lhe trouxesse um remédio eficaz. Mandou di[illegible]ssas para propiciar a clemência divina.

Nao [illegible]guiu, porém, se livrar de uma agonia desesperada, na tremenda espera das penas infernais que o aguardavam.

Poucos instantes antes de morrer; por duas vêzes, chamou o nome de Francesca!

FIM

A seguir:

A MARECHALA JUNOT

Laura Junot amou uma só vez na vida, de um amor celestial.

PAULISTA DE 400 ANOS

(Cont. da página 31)

— De três em três minutos sobe ou desce um avião em Congonhas. A linha aérea São Paulo - Rio foi classificada como a segunda linha mundial, em movimento de passageiros, sòmente abaixo de New York-Washington. De 15 em 15 minutos chega um ônibus lotado do Rio ou do interior. Os trens viajam sempre cheios. No IV Centenário o movimento, certamente, duplicará ou triplicará. Mas S. Paulo está preparado. O espírito de hospitalidade da nossa gente não tem limite. Quem não puder ficar nos hotéis, dormirá em casas de família. A colaboração patriótica toca de perto ao sentimento cívico de todos os bandeirantes.

Através de magníficas manifestações, São Paulo e o Brasil revelarão ao mundo a notável realização de seus homens nestes quatro séculos de intenso labor, com dezenas de milhares de fábricas espalhadas por todos os recantos e mais de 800.000 trabalhadores só na indústria. Tudo está sendo planejado com audácia, porém, dentro da mais rigorosa técnica.

Terminadas as comemorações, em dezembro de 1954, com o «Encontro de Intelectuais», Ibirapuera será entregue ao govêrno, incorporando-se assim, ao patrimônio público, um bloco de construções de arrojada concepção e que será aproveitado em benefício de uma cidade fundada, como disse, humildemente, o grande Anchieta:

— Aqui se fêz uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta . . .

RESPOSTAS DA PÁGINA 24:

1 — Rio Grande do Sul.
2 — Servidor de Deus
3 — Honoré de Balzac
4 — O baço
5 — O corrimão das escadas
6 — O pico da Tijuca
7 — O beija-flor
8 — Nenhum
9 — Três centímetros cúbicos
10 — 85 anos
11 — Quatrocentos mil réis
12 — A abdicação de D. Pedro I
13 — Ao jornalista Lúcio de Mendonça
14 — O de Dreyfus
15 — A Noite no Castelo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

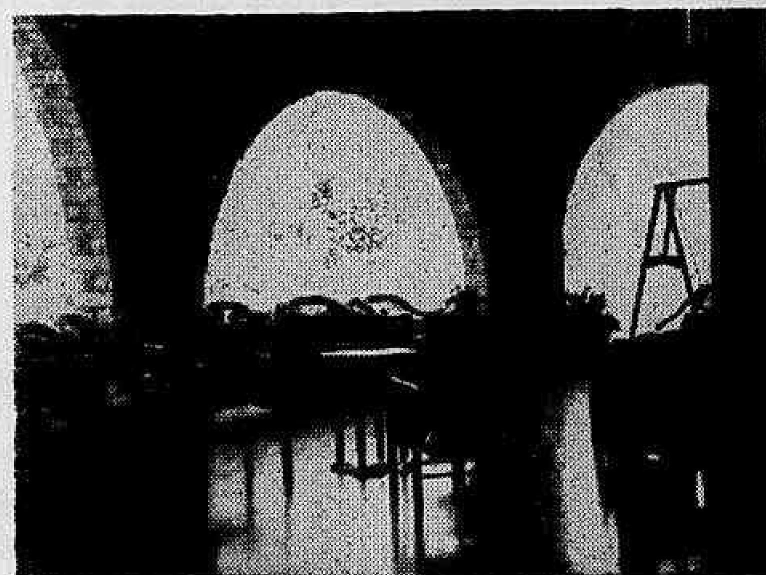
Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», «Fonte Vilela», «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS:

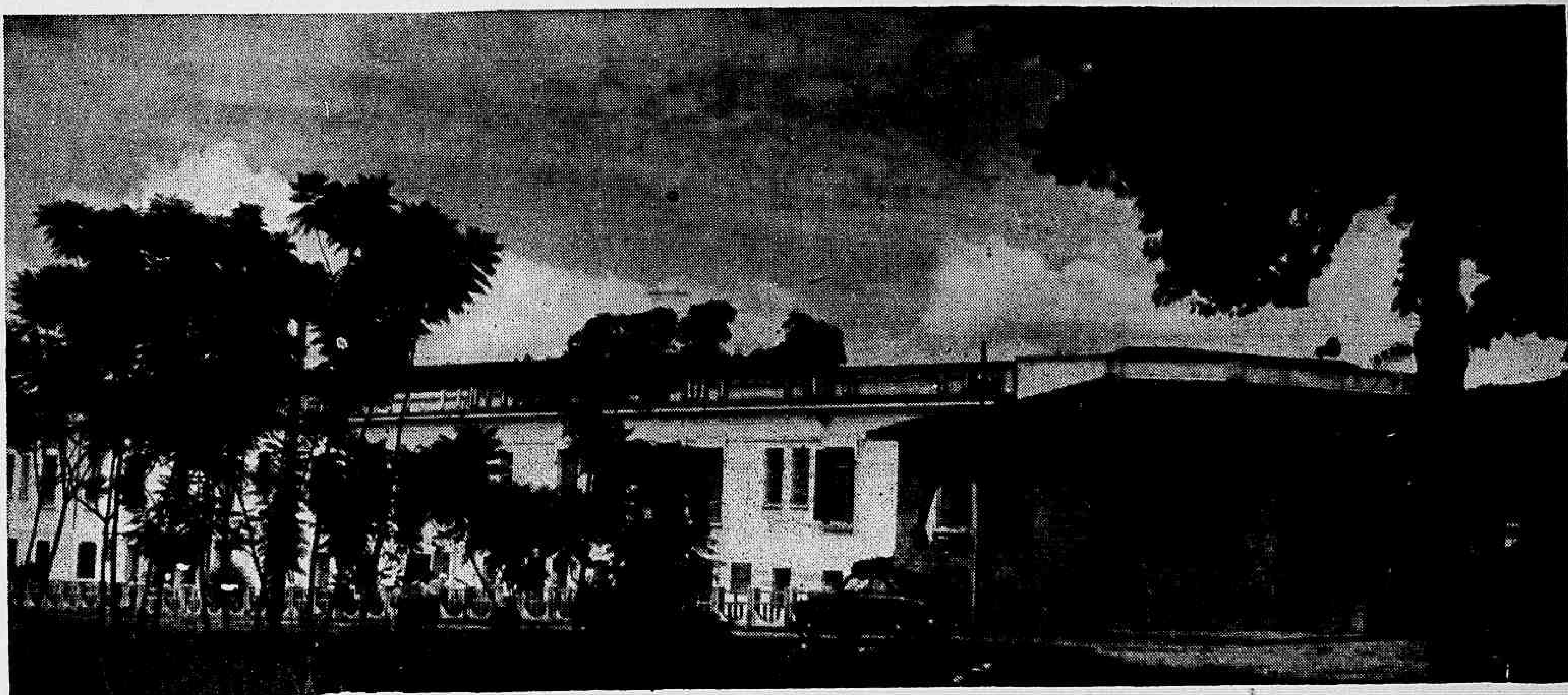
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) – Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) – Resgate por antecipação;

c) – Resgate por falecimento;

d) – Dividendos ou bonificações anuais;

e) – Seguros contra acidentes pessoais;

f) – Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) – Informações sôbre matéria de interêsse turístico.

h) – Reembôlso integral.

MENSALIDADE – 50.00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S.A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

A BOMBA DA PAZ



Joana D'Arc, «estrêla» da revista «A Bomba da Paz», que está em cartaz no Teatro João Caetano.

JOANA D'Arc não foi feliz na organização de sua companhia. O «cast» cômico, que é o alicerce de uma companhia, pois é em tôrno dêle que gira todo o interêsse de uma revista, é fraco, contando apenas com dois nomes de grande cartaz: Dercy Gonçalves e Jaime Costa. Mas acontece, que a revista « A Bomba da Paz », anunciada antes como de autoria do jornalista Nestor de Holanda, viu-se acrescida de mais quatro nomes. Jaime Costa, que seria de muita utilidade na parte cômica, aparece sòmente em dois quadros, ficando Dercy Gonçalves sòzinha defendendo tôdas as cortinas. Para que uma companhia de revistas obtenha um grande êxito junto ao público, é preciso que conte pelo menos com três cômicos em seu elenco. Vejamos, por exemplo, a companhia de Walter Pinto. Lá, vamos encontrar defendendo a parte cômica, os nomes de Mesquitinha, Violeta Ferraz e Ankito, sem contarmos ainda com Paulo Celestino e Manoel Vieira, que também trabalham na comicidade de «É Fogo na Jaca». Além desta falha lamentável na organização da companhia, falta ainda uma estrêla que atraia o público. Joana D'Arc não tem qualidades artísticas, nem como cantora, nem como atriz, dois pontos essenciais para uma «estrêla» de uma companhia de revistas. No corpo de «ballet», vamos encontrar sòmente o nome da extraordinária bailarina do Teatro Municipal, Berta Rosanova, que acaba de se desligar da companhia, em virtude de um desentendimento, o mesmo acontecendo com Danilo Bastos, um dos autores da revista «A Bomba da Paz», e o administrador da mesma, que teve um sério atrito com a atriz Dercy Gonçalves. Com a perda de Berta Rosanova, que é uma das atrações, prejudicará ainda mais a companhia, que está lutando contra um fracasso financeiro quase certo, porque «A Bomba da Paz» custou perto de um milhão de cruzeiros, e para se reaver esta quantia é um pouco difícil... Fora êstes nomes, encontramos dignos de menção o ator Hamilton Ferreira, o imitador Roberto Blake e as «vedettes» Virgínia Noronha, Isa Rodrigues e Helena Martins, que enfeitam o espetáculo. Quanto ao corpo de «girls», merece também elogios, porque conta realmente com pequenas de plástica interessante.

● O ponto alto de «A Bomba da Paz», em cartaz no Teatro João Caetano, é a montagem, porque Joana D'Arc não poupou esforços em mostrar uma cenografia bonita e de muito efeito dentro da peça, que ganhou muito com aquêles cenários muito bem idealizados pelo seu autor e que são de um apurado gôsto artístico. O vestuário, então, nem se fala, pois é extremamente rico, tendo custado uma soma bastante elevada, destacando-se o mesmo em quase todos os quadros, onde se vê, claramente, o intuito de exibir roupas de alto custo e que contribuíssem com o seu quinhão, juntamente com a cenografia, para a beleza pictórica do espetáculo. A coreografia de Juliana Yanakiewa, concorre um pouco para o brilhantismo dos quadros musicais. Pena que a revista «A Bomba da Paz» seja completamente destituída de interêsse, pela falta de substância, principalmente em suas cortinas, que são péssimas, obrigando a atriz Dercy Gonçalves a melhorar com seus « cacos » a comicidade das mesmas. A revista é de um mau gôsto, não faltando as «patriotadas», como aquêle quadro da preta velha, feito por Dercy Gonçalves e o ator Hamilton Ferreira. Aliás, o teatro de revista só tem apresentado desenvolvimento no que se refere a montagem, mas quanto ao conteúdo, é de uma enorme pobreza, abusando sempre da licenciosidade. A direção artística de Dercy Gonçalves é razoável, não tendo oportunidade de aparecer com destaque, pela falta de qualidades da revista, sobressaindo-se, apenas, na iluminação, onde pôde demonstrar conhecimentos e uma grande tarimba. Se desejam assistir a um espetáculo, cujo valor resida sòmente na montagem, e ver, uma vez mais, Dercy Gonçalves trabalhar, podem perder duas horas dentro do João Caetano. Fora disso, é melhor pouparem o seu dinheiro e esperarem a próxima revista, que, com certeza, a emprêsa montará a seguir.

É FOGO NA JACA

No próximo número faremos a crítica da revista «É Fogo na Jaca», que só agora conseguimos assistir no Teatro Recreio, onde se destacam nos principais papéis Mesquitinha, Ankito, Violeta Ferraz, Manoel Vieira e Natara Ney.

EM "CIDADE JARDIM"

HÁ cêrca de oito anos, estourou no Hipódromo Brasileiro um escândalo em tôrno de dois animais argentinos de propriedade da família Seabra. Êsses puros-sangues, Zorro e Ensueño, francos favoritos de uma prova que disputaram, acabaram em último, distanciados pelos competidores. A primeira desculpa para tão fraca «performance» foi a da raia pesada: a grama se encontrava enxarcada. Pouco depois, no entanto, submetendo-se os dois animais a um exame veterinário, verificou-se que apresentavam na saliva vestígios de substâncias estranhas que lhes haviam sido ministradas antes da carreira. E assim os barbitúricos ganharam fama. Foi instaurado um inquérito e, apesar dos esforços das pessoas encarregadas do mesmo, nada mais se conseguiu descobrir e o caso foi caindo no esquecimento. Os proprietários acabaram por se conformar e os dois cavalos continuaram suas campanhas. Zorro foi decaindo gradativamente de estado, até que foi enviado para a reprodução. Ensueño, por sua vez, venceu uma carreira no Rio de Janeiro e foi levado para os Estados Unidos pouco depois, onde apareceu morto na cocheira, em certa madrugada. Êste equino custara um milhão de cruzeiros, preço fabuloso na época.

Agora, os barbitúricos voltam à baila, no caso que envolve a atuação de Gualicho no G. P. Independência, realizado em São Paulo no Sete de Setembro último.

O campeão argentino vinha de vencer o G. P. Brasil e, passado um mês, foi inscrito naquela prova, onde iria competir com animais fraquíssimos, os quais deveriam ser prêsa fácil para êle. Pois bem, apesar de ser uma autêntica «barbada», Gualicho fechou a raia, fato que ocorria pela primeira vez em sua brilhante carreira. Todos os turfistas e, particularmente, os fãs do corredor, ficaram completamente aturdidos. A desculpa da raia de areia pesada não cabia, pois, nas vêzes em que Gualicho conheceu a derrota, esta veio na mesma raia, e êle sempre caíra lutando, chegando nas principais colocações.

Suspeitando de algo anormal, os proprietários do cavalo, srs. Almeida Prado e Assunção, pediram ao delegado Laudelino de Abreu que abrisse rigoroso inquérito. O Serviço Veterinário do Hipódromo Paulistano, no exame inicial da saliva, comprovou a existência de substâncias estranhas, talvez empregadas num «dopping» negativo, com o propósito de diminuir a capacidade locomotora do grande campeão, facilitando assim a vitória de Mancebo, o melhor dentre os animais que com êle competiam naquela prova.

O material recolhido da saliva, da urina e do sangue de Gualicho foi encaminhado ao Laboratório de Toxicologia da Polícia, e aguardava-se o resultado do complicado exame para o dia 17 de setembro. No entanto, êsse resultado não será apresentado senão dentro de duas semanas. Ao lado destas providências, o próprio Serviço de Repressão ao «Dopping» do



Gualicho tendo a seu lado Luciano Previate, o Salim, suspeito do crime, e tratador do cavalo.

GUALICHO DOPADO!

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

Fotos de DARIO TERINI

Hipódromo passou a efetuar novos exames com o material colhido e, simultâneamente, submeteu às mesmas reações, amostras semelhantes de um outro animal que correra no mesmo dia, a fim de servir de teste comparatório, pois trata-se de um exame trabalhoso e sujeito a falhas, uma vez que as substâncias tóxicas podem combinar-se de tal forma com as demais, a ponto de tornar-se impraticável a sua separação.

AS MEDIDAS POLICIAIS

Uma vez iniciado o inquérito, o delegado Laudelino de Abreu deteve o cavalariço de Gualicho, Luciano Previati, conhecido pela alcunha de Salim, o qual seria lògicamente o primeiro suspeito no caso. O rapaz, que serve ao animal desde a sua chegada ao Brasil, tendo ganho mais de duzentos mil cruzeiros de percentagens sôbre os prêmios levantados pelo vistoso cavalo argentino, fêz declarações um tanto contraditórias e, no intuito de melhor provar a sua inocência, relembrou o caso já ocorrido anteriormente com o mesmo Gualicho, poucos dias antes da disputa do Prêmio Antônio Prado, quando informara aos seus patrões ter sido procurado por um jogador de nome Chacur, o qual lhe oferecera a soma de cinqüenta mil cruzeiros para adicionar uma certa droga na ração do craque. Ficou então decidida a aceitação do dinheiro, para que o subornador fôsse prêso em flagrante ao entregar o entorpecente e o dinheiro. No momento previsto para o flagrante, Chacur não apareceu, mas o treinador Manoel Branco passou a vigiar, êle mesmo, o portão de suas cocheiras e mais especialmente a baia de Gualicho, temeroso de que fôsse tentada qualquer violência contra o animal.

> Pela primeira vez fechou a raia ★ Vítima de barbitúricos ★ Escândalo e opiniões desencontradas ★ A polícia investiga o rumoroso caso ★ Voltará a ser o mesmo? ★ A tentativa anterior.



Recanto onde se vê a cocheira do famoso craque. A porta será sempre a única testemunha do acontecimento criminoso, aliás muda...

Em suas declarações, Salim fêz um relato dos acontecimentos que precederam a intervenção do animal no G. P. Independência. Afirmou que no dia da corrida manteve-se junto a Gualicho desde muito cedo. Depois do cavalo dar o seu galope habitual, forneceu-lhe a ração preparada pelo próprio Manuel Branco (que dosa as quantidades de alimentos e água requeridas por cada animal, de acôrdo com a hora da corrida ou com as suas condições de saúde), composta de alfafa e graminha. Mais tarde, o cavalo comeu milho, aveia e cenoura. Ao meio-dia levou o craque para o «paddock», passando antes pelo Serviço de Veterinária, onde Gualicho foi submetido ao exame costumeiro. Até a hora da corrida, o animal estêve sob os seus cuidados, com a supervisão do sr. Manuel Xavier, funcionário do Hipódromo. Finalmente, Salim informou que, após a corrida, ao ser levado para a cocheira, Gualicho denotava grande nervosismo, saltando de um lado para outro, fato que atribuiu à areia que teria se alojado nos olhos do equino, durante a carreira. Observando que o nervosismo de Gualicho não cedia, resolveu retirar saliva, sangue e urina do mesmo, para exame químico, justamente o material que se encontra de posse da Polícia Técnica.

Apesar de libertado pelas autoridades policiais, Salim foi afastado de suas funções no «Stud», a princípio em caráter temporário. Passou, porém, a prestar declarações à imprensa, dizendo-se o bode expiatório dos escandalosos acontecimentos e ameaçando processar quem assim o acusasse. Naturalmente, êle tinha em vista o próprio treinador Manoel Branco, que já tentara despedi-lo por ocasião do primeiro «caso», só não o fazendo porque Olavo Rosa, o jóquei de Gualicho, insistira para que desse nova oportunidade ao rapaz, pois êste agira atabalhoadamente porque ficara nervoso com a tentativa de subôrno de que fôra vítima. O treinador do «Stud» resolveu agora afastá-lo definitivamente dali.

Quanto a Chacur, o jogador que estivera envolvido no primeiro «caso», a polícia tem as suas desconfianças, mas ainda não conseguiu qualquer prova da sua participação nos novos acontecimentos.

Manoel Branco e Olavo Rosa também depuseram



Gualicho, como que dizendo ao treinador e ao jóquei, ambos suspeitos: «Amigos. Fui dopado.»



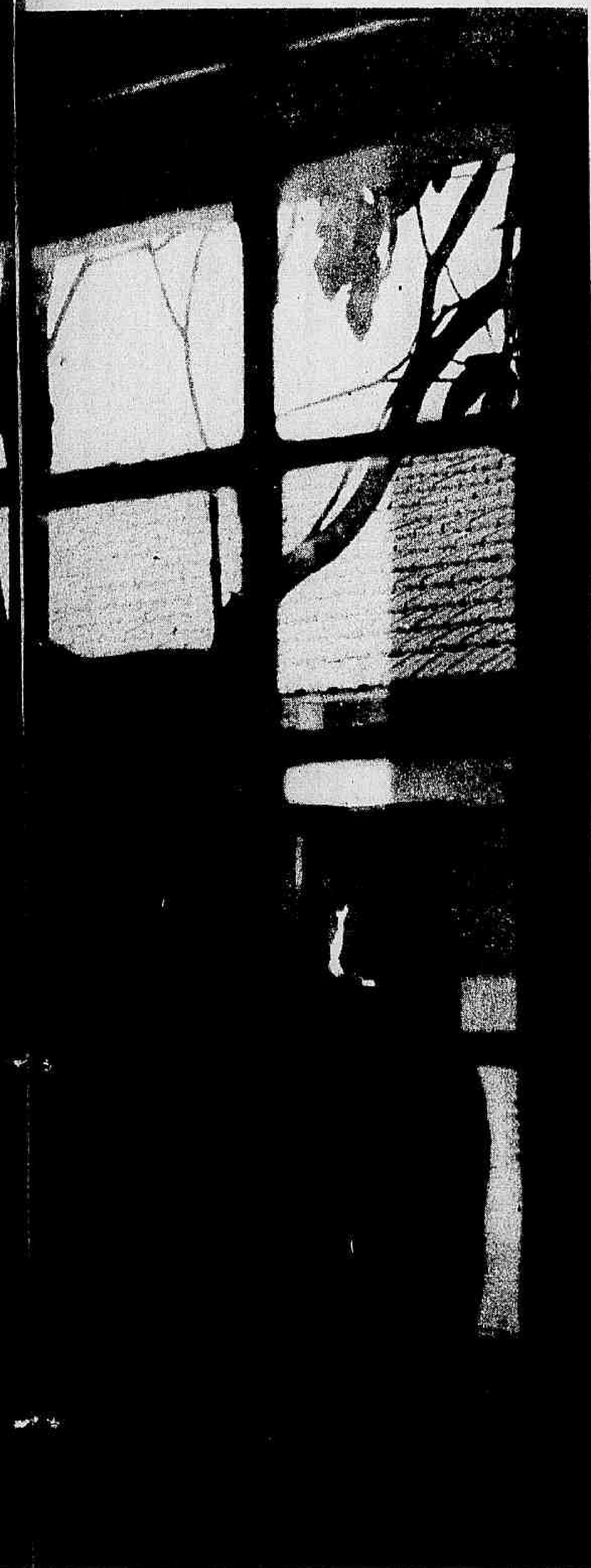
As vigílias de Manoel Branco, de nada adian-

mas, como era natural, nada podiam informar que trouxesse maior luz ao caso.

AS INVESTIGAÇÕES DO REPÓRTER

Inicialmente, estivemos com o sr. Tomaz Assunção, membro da Comissão de Corridas. Êste adiantou-nos que, sòmente após o laudo do Serviço Veterinário do Hipódromo e do Departamento Técnico da Polícia, os dirigentes do Jóquei Clube poderão tomar as medidas que forem necessárias, severas ou suaves, conforme o que ficar positivado nos exames de laboratório. O sr. Assunção acha difícil apurar com precisão qual a droga ou as drogas que foram ministradas ao cavalo. Fêz questão de frisar que o inquérito policial é de iniciativa dos proprietários de Gualicho e que a Sociedade ainda não pode se envolver no caso.

Manoel Branco, atendeu-nos solícito, respondendo a tôdas as perguntas que fizemos, mesmo as mais indiscretas. Afirmou que, pessoalmente, não tem nada contra Salim e apenas tomou a providência que julgou acertada para o caso, depois de consultar seus patrões.



taram. Não conseguiram impedir o atentado.



Olhando pela janela, Gualicho se despede do repórter como que dizendo: «Não há de ser nada...»

Mostrou-nos a cocheira de Gualicho e falou a respeito da tentativa de subôrno havida com Salim algum tempo atrás. Disse, isto sim, que o rapaz era muito confuso em suas afirmações e por isso não foi possível pilhar o provável subornador. Desde então, tem o maior cuidado com o grande campeão e sempre inspeciona a sua baia, tendo mesmo substituído parte do teto da mesma, um tanto frágil, por placas de madeira, de modo a impedir a possível entrada de algum intruso. Quanto ao caso presente, crê que, se algo foi ministrado ao cavalo, isto deve ter ocorrido num espaço de duas e meia a três horas antes da corrida, reafirmando o parecer das autoridades do serviço veterinário. Esclareceu que êle mesmo dosa as rações e a quantidade de água de cada animal e, a uma pergunta nossa a respeito do programa seguido por Gualicho, informou que bem cedo, na manhã da corrida, a baia foi aberta, tendo o cavalo dado o seu passeio costumeiro e sido alimentado com alfafa e grama. Às 8,30, Gualicho foi trancado na cocheira, assim ficando até às 12,20, quando o animal foi entregue a Salim para que êle o conduzisse ao Hipódromo. Às 12,50 já se encontrava no Prado e, ao chegar Manoel Branco para uma última vista de olhos no campeão, enquanto êste aguardava o momento de seguir para o ensilhamento, notou que um rapazinho da sua cocheira, digno de tôda a confiança e que costumava montar o «punga» que acompanha Gualicho a todos os lugares, estava segurando o cabresto do craque enquanto Salim vinha chegando, com um pano molhado na mão. Chegou a repreender o cavalariço por deixar o animal semi-abandonado, quando tinha a obrigação de não arredar pé dali.

Após a carreira, Manoel Branco não sabia o que dizer ou fazer. Recuperando-se do choque que a péssima atuação de Gualicho lhe causou, foi examinar o animal e notou que êste estava muito nervoso e ofegante, fato que nunca notara anteriormente. Além disso, o campeão perdera vários quilos, em contraste com as demais carreiras, quando perdia um a dois quilos no máximo. Não sabe ao certo a que atribuir a «defaillance» do cavalo e nega peremptòriamente que a campanha de Gualicho tenha sido puxada, como alguns afirmam. Sem querer desmerecer do valor dos adversários, acha que Gualicho era um autêntico passeio na turma que enfrentou, uma das mais fracas com que já tivera de competir. Uma coisa, porém, está decidida: Gualicho nunca mais correrá na areia, leve ou pesada.

Sôbre os planos para o futuro, acha que o animal já está quase recuperado e espera vê-lo brilhar no G. P. IV Centenário e, possìvelmente, nos G.G. P.P. São Paulo e Brasil, se a sorte o ajudar. Despediu-se dizendo que jamais teve cavalo melhor sob seus cuidados e crê que não mais terá oportunidade de tratar outro igual.

AS POSSIBILIDADES FUTURAS DE GUALICHO

Olavo Rosa, em seguida, fêz eco às palavras de Manoel Branco. Acredita que o magnífico animal brevemente estará refeito do mal que o atingiu de modo tão absurdo (êle se abstém de falar sôbre «doppings» negativo), e que ainda ganhará muitas corridas. Sôbre se intenta abandonar a profissão tão logo Gualicho seja afastado das pistas, conforme se afirma a bôca pequena, informou que ainda pretende montar por vários anos, desde que a sorte o favoreça, como sempre tem sido desde que se radicou definitivamente em São Paulo. (Continua na página 48)

ONDE TAMANHO É DOCUMENTO. O pelotão blindado, que obedece ao comando do capitão Silveira, volve o canhão em saudação ao Presidente da República.



Cuidado: TANK!

(CONTINUAÇÃO)

(Cont. da pág. 7)

nhos das diversas armas de terra. Têm uma artilharia móvel, que sobe morros e vadea rios. Possui armas automáticas capazes de varrer quilômetros de terreno, e tudo isto cercado de uma segurança regular, que tem por base três coisas: a espessura da couraça, o poder da artilharia aliado a velocidade e a eficiência da guarnição.

★

Atualmente, nos Estados Unidos, cada Divisão de Infantaria dispõe de um batalhão de carros-de-combate, além das companhias blindadas de que hoje são dotados os Regimentos de Infantaria, da mesma unidade, o que vem de dar a Divisão de Infantaria quase dois batalhões de carros, se somarmos todos os veículos juntos. Aliás, numa tropa blindada são encontrados homens de tôdas as Armas. O cavaleriano predomina em número, e é quem guarnece o «tank». Todavia o infante, o engenheiro, o médico e o artilheiro também integram uma Divisão Couraçada.

Para dar uma idéia da grandiosidade de uma Divisão Blindada, com todos os seus meios, — é sôbre a Divisão que vamos falar — basta que se diga que, se colocarmos tôda a unidade, em fila indiana, numa estrada de rodagem, teremos o início na estaca zero e a testa da coluna a mais de cem quilômetros à frente. Uma unidade blindada da classe da Divisão, possui carros de reconhecimento, que são viaturas leves, mas com velocidade capaz de compensar a sua pouca blindagem. As unidades de carros-de-assaltos — «tanks» — seguem de perto os veículos de reconhecimento, pois a êles cabe a tomada de contato com o inimigo e o competente aviso, por meio de rádio. Tomado o contato — e isto em caso



UM AUTÊNTICO SANSÃO SEM DALILA... O carro guidaste, ou guincho, retira de um «tank» um motor radial de quinhentos cavalos de fôrça.

O ASPIRANTE ESTÁ DANDO DURO no seu estágio no 1º B. C. C. César Bordallo, que preferiu a tropa à bela praia de Copacabana.

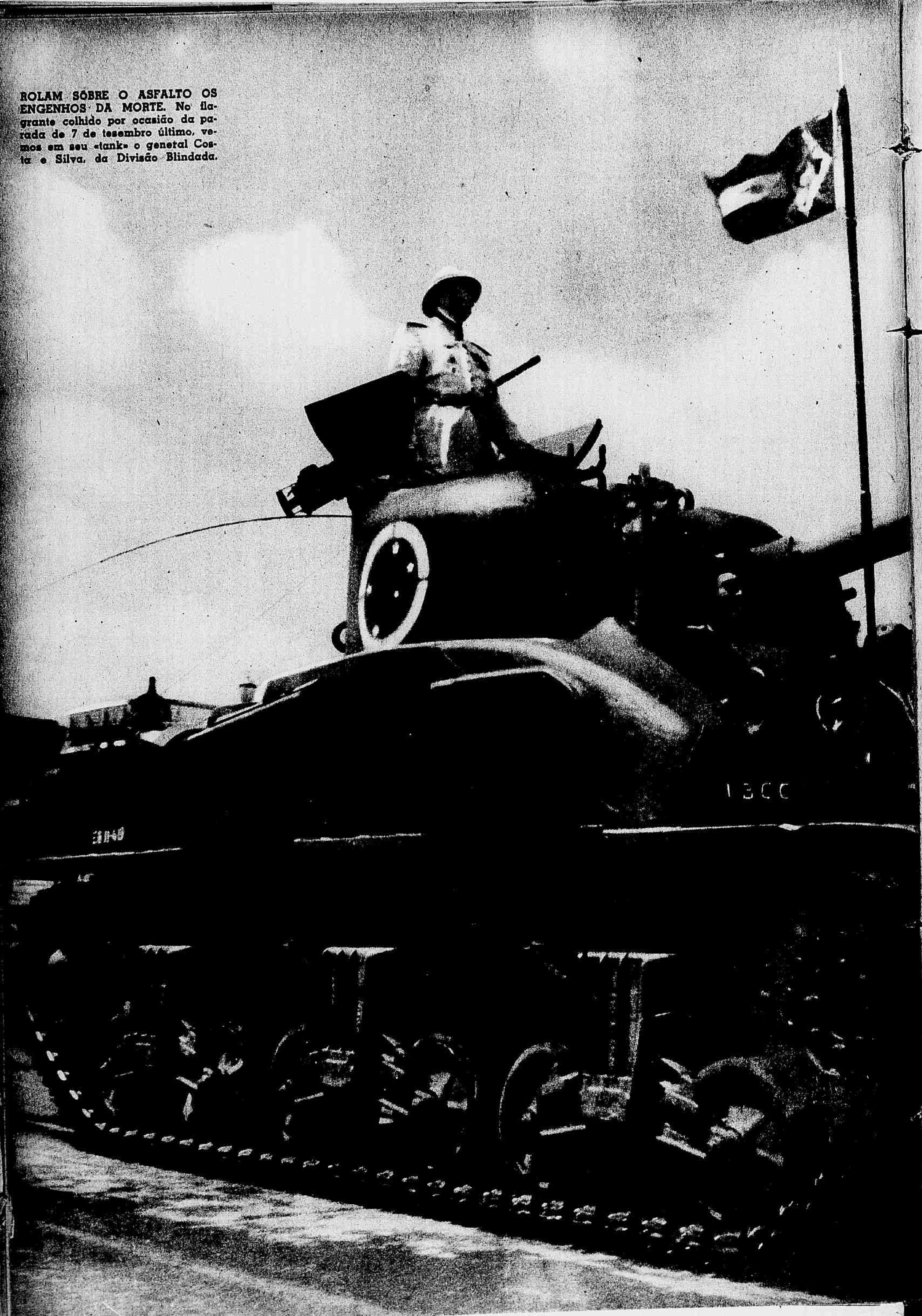


de guerra, é lógico — os carros pesados ou médios tomam a si a tarefa de vencer a resistência inimiga o que, após conseguida, cabe à infantaria blindada, pertencente à Divisão, a incumbência de consolidar a posição até a chegada das unidades da arma de infantaria, a pé ou mesmo motorizada, porém não blindada.. Serviços como o de manutenção, engenharia e municiamento são indispensáveis à boa marcha de uma Divisão Couraçada, pesada ou leve, mais que a qualquer outra Arma. Uma Divisão Blindada sem carburantes é o mesmo que um almirante sem navios. Problema outro, e dos grandes, com que se defrontam as fôrças blindadas de todo o mundo é o das pontes sôbre rios ou valas. Suponhamos que se pretenda mandar do Rio a Belo Horizonte um ou mais «tanks» sem que com êles siga também uma equipe da engenharia, e nunca os carros chegarão a seu destino, uma vez que as mais resistentes pontes que possuímos não suportam pêso superior a 18 toneladas, e os SHERMAN deslocam 30...

Vale a pena dizer que os «tanquistas», apesar de montarem monstros de aço não esqueceram o cavalo... uma vez que a fôrça blindada é, nada mais nada menos que a cavalaria a motor. Em nosso Exército, quer pela situação topográfica do país quer por medida de economia o cavalo ainda constitui um poderoso aliado do soldado. Homem e animal trabalham em conjunto, e um completa o outro. É por demais conhecida a dedicação que o cavalariano dedica a sua montaria. Pois bem. Poderíamos, sem receio de errar, dizer que o «tanquista» dispensa a sua máquina as mesmas atenções que dispensava antes a seu cavalo. Um dos oficiais com quem falamos, o tenente Airton Secundino, autor aliás de interessantes trabalhos sôbre sua Arma, teve ocasião de nos dizer, de que não esquecêssemos a sua condição de membro da cavalaria. Foi êle quem também nos disse das partes vulneráveis de um «tank», dos riscos possíveis a que a guarnição está exposta. Dessa forma soubemos que balas de armas automáticas — metralhadoras de todos os calibres — não causam qualquer dano aos carros. Sòmente o canhão, e de calibre igual ou superior ao de 75 mm pode destruir o monstro de aço, além da mina terrestre, arma traiçoeira que obriga o «tank» a abandonar as estradas quando se defrontam com um de seus campos. Mas nem sempre o canhão, mesmo o da Artilharia, consegue pôr o «bicharoco» fora de combate. Muitos fatôres influem para que tal não aconteça, entre os quais as distância do tiro, o local atingido e



DE TANQUE NA MÃO E CAVALO AO LADO o coronel Cunha Garcia, cmte. de 1. B. C. C., reverencia o passado e o presente da sua Arma.



ROLAM SÔBRE O ASFALTO OS ENGENHOS DA MORTE. No flagrante colhido por ocasião da parada de 7 de setembro último, vemos em seu «tank» o general Costa e Silva, da Divisão Blindada.

CUIDADO: TANK!

a mobilidade. A construção de um «tank» obedece ao mesmo rigorismo e técnica observados na confecção de outras armas de precisão. Assim, tem o carro formas abauladas, destinadas a provocar o ricochete — desvio — das balas e granadas. Mas a verdade — e a guerra nos provou — é que as divisões de infantaria e de artilharia foram expulsas das estradas, obrigadas a se abrigarem nos morros, tôda vez que os «tanks» apareciam nas estradas e nos campos. Houve casos, durante a batalha da França, que grupos de 50 ou 100 «tanks» isolaram divisões inteiras, conforme nos contou o noticiário internacional da época. Em que pese o exagêro contido nos referidos despachos, ainda assim, o certo é que depois da invasão da França as nações começaram a encarar com mais seriedade a arma blindada. Vimos, por exemplo, na Coréia a «miséria» feita pelos T 34 dos russos, que cortaram o país de ponta a ponta para ficarem retidos em Pusan, mas pela artilharia Naval. Não há exagêro na informação, pois ela procede do próprio general Mac Arthur, em discurso proferido após a libertação de Seul. Sòmente após terem os Estados Unidos lançados à luta o seu T 41 foi que o Deus da guerra passou a sorrir para os sobrinhos do Tio Sam.

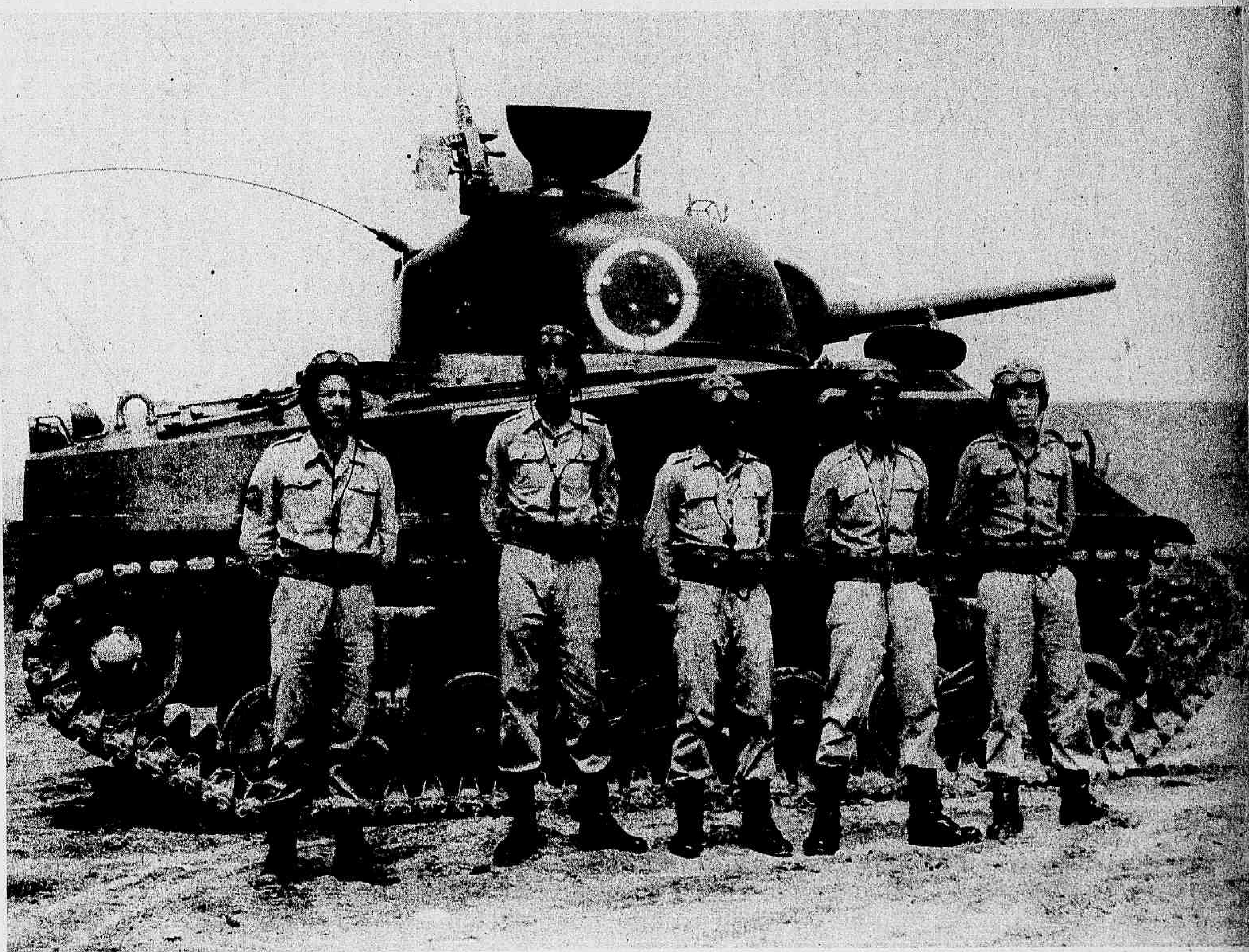
Fato que fazemos questão em registrar nos foi trazido pelo major Denizat, que nos apresentou ao aspirante da reserva César Bordallo que, expontâneamente, ali se encontrava a fim de fazer um curso sôbre carros. Da Arma de cavalaria, o aspirante Bordallo é um exemplo digno de ser imitado pelos seus irmãos de armas. Aqui deixamos consignado o gesto do jovem aspirante, que preferiu sair da comodidade da reserva para melhor aprimorar seus conhecimentos numa arma que não é apenas sua, mas de todos os que integram os quadros da cavalaria do Exército, da ativa e da reserva.

★

Satisfeita a nossa curiosidade profissional no 1º B. C. C., tentamos trazer aos leitores um pouco do que nos foi dado observar naquela brilhante corporação e, esta reportagem não seria completa se não estendêssemos os nossos agradecimentos a todos os oficiais e praças que movimentaram seus carros em benefício do êxito de nossa missão.

Senhores que nos governam: DÊEM «TANKS» AO BRASIL!

SOBE MORROS E CRUZA RIOS. Nada há que o detenha. Trinta toneladas em marcha, cuspindo fogo a sessenta quilômetros por hora



A GUARNIÇÃO DE UM «TANK». Cinco homens: «A fôrça blindada está integrada no cumprimento do dever, coesa, unida e forte, para que se conserve bem alto o prestígio das instituições e a intangibilidade da Carta Magna.»

Nada supera o prazer de fumar Hollywood

Cigarros Hollywood

Cia DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

H-98.209

UM PRODUTO SOUZA CRUZ